SET

58330001 - Ed. 46 - Ano V - Nº 4 -

EDITORA AZUL

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

JODIE FOSTER
ACERTA NA MOSCA COM
O SILÊNCIO DOS INOCENTES

- QUEM É
- DE ONDE VEIO
- PARA ONDE VAI

KEVIN COSTNER

DEPOIS DE *DANÇA COM LOBOS*
ELE VEM AÍ COM *ROBIN HOOD*

ENTREVISTA EXCLUSIVA
JULIA ROBERTS

DORMINDO COM O INIMIGO
LOTA CINEMAS SÓ POR CAUSA DELA

AIWA,
a Líder Mundial
em Áudio Digital, Lança
Agora o Vídeo Superdigital!

AIWA — A D

Com a mais avançada tecnol

GARANTIA DE 1 ANO
À venda na Zona Franca de Manaus

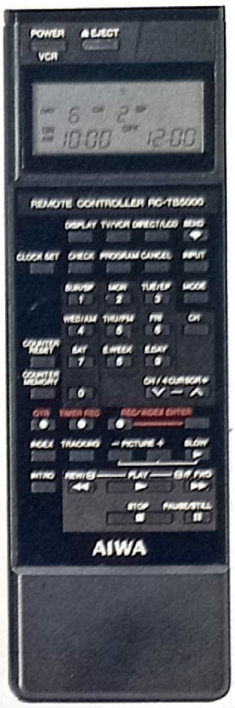
RELAÇÃO DE OFICINAS AUTORIZADAS AIWA

AMAZONAS - MANAUS — CEP. 69003 GETULIO ARAUJO DE MIRANDA (VIDEOTRON) RUA MUNDURUCUS, 114 FONE (092) 223.2633
DISTRITO FEDERAL — BRASÍLIA — CEP. 70730 VIDEOTEC COM. REPR. IMP. EXP. LTDA SCRN 704/5 BLOCO H LOJA 9 FONE (061) 274.9085
PARA — BELEM — CEP. 66030 VIDEO CHECK SISTEMAS ELETR. LTDA. TRAVESSA 14 DE ABRIL, 1674 - FONE (091) 229.2761
PARANÁ — LONDRINA — CEP. 86015 ELETRONICA HIGHTEC S/C LTDA. RUA GOIAS, 1515 FONE (0432) 231813
RIO DE JANEIRO — RIO DE JANEIRO — CEP. 22600 VIDEOMARTE ASSISTÊNCIA TECNICA LTDA. RUA OLEGARIO MACIEL, 460 - LOJA E - BARRA - FONE (021) 399-1171
RIO DE JANEIRO — RIO DE JANEIRO — CEP. 22280 VIDEOMATIC COML. ELETR. LTDA. R. GAL. POLIDORO, 177 LJ. D - BOTAFOGO FONE (021) 295-3849
SÃO PAULO — SÃO PAULO — CEP. 04528 ELETRONICA PALM (TECNOVIDEO) R. DO SUMIDOURO, 305 — PINHEIROS FONE (011) 813.6300

Digital Audio & Video
AIWA®
2-11, Ikenohata 1 - chome, Taito-ku, Tokyo 110, Japan

iferença Digital

ogia em Videocassete da AIWA

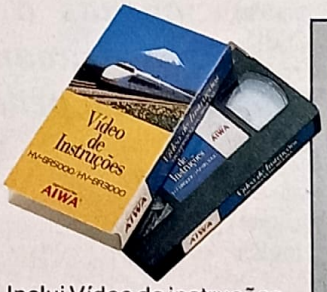


HV-BR5000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/ NTSC
- Posição de Cinema
- Controle remoto com mostrador de cristal líquido e som "bip" de resposta
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)

HV-BR3000 VHS M-PAL

- Configuração de quatro cabeçotes DA (Duplo Azimute)
- Comutação automática PAL-M/NTSC
- Mecanismo de acionamento ultra rápido
- Sistema superdigital
- Desenho de aparência sofisticada e atraente
- Mostrador na tela do televisor
- Alimentação elétrica com seleção automática de voltagem (De 90V a 260V)



Inclui Vídeo de instruções

Embalagem completa fácil de carregar

Curtis e Olivier: diálogo em banho de espuma

COMÉDIA

PESO-PESADO, PESO-LEVE

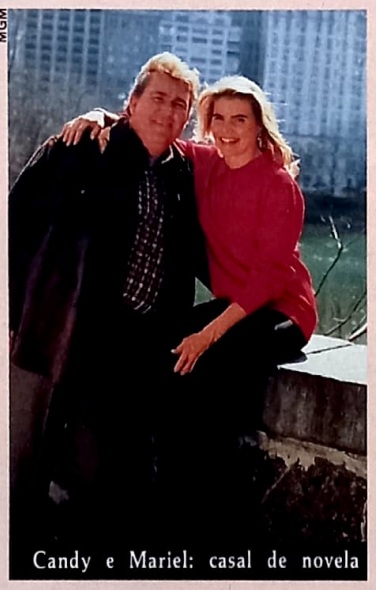
É uma competição corpo a corpo. A circunferência rotunda de **John Candy** e os prodigiosos ângulos de **Mariel Hemingway**, num mesmo filme. *Delirious* é uma produção MGM e apresenta Candy como um autor de novela (um Sílvio de Abreu ianque?) que sempre pensa poder colocar suas fantasias românticas nos próximos capítulos. Mariel, a Maitê Proença de lá, é a estrela da TV.

RESTAURAÇÃO

OSTRAS E CARACÓIS

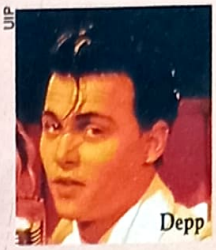
O mais novo apelo de marketing para o relançamento de filmes clássicos atende pelo nome de "restauração". Depois do fogo de palha da colorização por computador, a mania de recuperar cenas perdidas das grandes produções está fazendo alarde. *Nasce uma Estrela* e *Lawrence da Arábia* já tiveram suas reedições avalizadas com a devida "mea culpa" dos produtores. *Spartacus*, o épico romano de Stanley Kubrick, volta às telas na primavera americana com seis minutos de cenas inéditas. Lançado em 1960, a Legião Nacional da Decência, órgão da Igreja Católica americana, sugeriu o corte de algumas cenas de violência e de duplo sentido. A seqüência, já recuperada, que causou o maior escândalo é aquela dos banhos, em que o jovem escravo **Tony Curtis** ensaboa Crassus/**Laurence Olivier.** O diálogo é um pouco mais escorregadio: Crassus revela ao escravo suas iguarias prediletas. "Algumas pessoas gostam de caracóis, outras preferem ostras; mas eu gosto dos dois", diz Olivier, que será dublado pelo ator inglês Anthony Hopkins.

MGM



Candy e Mariel: casal de novela

UIP

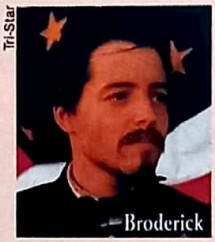


Depp

- *A Hora do Pesadelo VI* traz novidades no elenco: Alice Cooper (o roqueiro), Roseanne Barr e Johnny Depp — que já fez o primeiro episódio.

- Alec Baldwin será o "estrelo" do próximo filme de Norman René (*Meu Querido Companheiro*). *Prelude to a Kiss* terá ainda Meg Ryan e Alec Guiness.

Tri-Star



Broderick

- *Wellcome to Buzzsaw* é o próximo trabalho de Mattew Broderick. Ele é um cara bem-sucedido que volta à sua cidade natal.

CASAL ZERO

A GUERRA NO SET

Nada pode ser mais desastroso do que colocar duas estrelas mimadas e vaidosas num mesmo filme. *The Marrying Man* deveria ser a história quente de um belo par de espécimes humanos que, graças à mútua e tórrida atração física, resolve se casar e enfrenta a mais tumultuada relação. Aconteceu que o script foi levado muito a sério pelos protagonistas (ou seriam adversários?). **Alec Baldwin,** 32 anos, começadas as filmagens, mudou-se de corpo e mala para a casa de **Kim Basinger,** 37 anos. Ela se revelou, literalmente, um pedaço de mau caminho. A convivência dos garotos parece ter sido tão tempestuosa que tornou o ambiente no set mais do que insuportável. Os relógios chegaram a marcar quatro horas para os atrasos da srta. Kim, que depois de mês de trabalho disse estar impossibilitada de "interpretar" pois deveria visitar seu psiquiatra no Brasil (!?). Também se recusou a filmar sob a luz do sol. Baldwin partiu para a retaliação: provocou um bombardeio de copos e cinzeiros pela janela do seu trailer ("Eu mato um! Eu mato um!") porque seus fones de ouvido não estavam funcionando. O diretor, o novato Jerry Rees, terminou o filme. No último dia de trabalho, acabou no hospital com 40 graus de febre. Precisou perder duas semanas para a completa recuperação.

"Devemos fazer como Ava Gardner ou Marlene Dietrich. Mostrar de nossas almas apenas o que elas mostravam de seus corpos: só um pedacinho."

Jean-Paul Belmondo

Stills

Baldwin e Kim: caprichos de cão e gata

SERIADO

PROCURANDO SEU ESPAÇO

Quem não se lembra do precoce garotinho Will Robinson da cult série televisiva *Perdidos no Espaço*, que no último mês de setembro festejou seu 25.º aniversário? De lá para cá muitas coisas mudaram para o ator **Billy Mumy**. Aquele pequeno super-herói hoje tem 36 anos, é casado com a atriz Eileen Mumy, e é pai de um garoto de 1 ano. Billy é um sujeito muito ativo. A inquietude e curiosidade do prodigioso Will sempre fizeram parte de sua vida. Nascido na Califórnia, Billy é músico, cantor, produtor musical, compositor, escritor de quadrinhos e co-criador de vários personagens, dentre eles Comet Man, da *Marvel*. Entusiasmado com *Perdidos*, ele escreveu duas versões de um roteiro para um longa-metragem: o primeiro é um drama psicológico, o segundo uma ficção científica pura à la *Guerra nas Estrelas*. Infelizmente, até o momento ninguém se interessou pelo projeto. Inclusive o malhumorado Irwin Allen, produtor da série, que garantiu que se houver realmente um longa, este não será pelo roteiro de Billy, e que, caso seja escalado para o filme, Irwin avisará o agente do rapaz. Será que Allen não teve infância?

Walter de Silva

Fotos Billy Mumy

Billy Mumy hoje; e, abaixo, com Dr. Smith

ABC

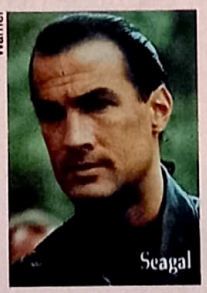
AP

Vanessa e Lynn em *Baby Jane:* remake de TV de Bette e Joan (as precursoras dos mísseis Scud)

- Claude Berri vai adaptar para o cinema *Germinal*, o romance de Emile Zola.

- Jeff Goldblum, Bob Hoskins e Natasha Richardson já rodaram em Paris *The Favour, the Watch and the Very Big Fish*, escrito e dirigido por Ben Lewin.

Warner



Seagal

- Steve Seagal será o protagonista, o co-produtor e o co-roteirista (ufa!) de *Cruise*, um filme de ação e ecologia, produzido pela Carolco.

- Frank Oz vai dirigir em julho *Housesitter*, uma versão cômica de *Atração Fatal*, com Steve Martin e Meg Ryan.

MALDADE

QUE FIM LEVOU BABY JANE

É fácil de se lembrar (e difícil de se esquecer) as inimitáveis caricaturas que **Bette Davis** fazia quando interpretava Baby Jane, a carrasca irmã de Blanche Hudson — uma indefesa e paraplégica **Joan Crawford.** O mais terrível filme de horror do começo da década de 60, *O Que Terá Acontecido a Baby Jane?* (Warner Vídeo), tem agora uma versão capaz de competir em igualdade de talento (e maldade?). **Vanessa Redgrave** e sua irmã **Lynn** assumiram os papéis. O *remake* — um telefilme feito para a rede ABC de TV americana, exibido dia 17 de fevereiro último nos EUA — aguça a curiosidade dos cultuadores de Baby Jane.

"O homem honrado é um tremendo alvo. É fácil de pegar. Os políticos olham para ele e dizem: 'Esse cara a gente pode f... até enjoar'."

Kevin Costner

Look Video

Hardware: em Avoriaz e em julho no Brasil

AVORIAZ

EXEMPLO HOLANDÊS

O 19.º Festival do Filme Fantástico de Avoriaz (França) parece querer favorecer sempre os grandes espetáculos. Realizado de 12 a 20 de janeiro último, a premiação foi abrangente. A surpresa ficou com o filme holandês, protagonizado por Peter O'Toole, *Wings of Fame*, (duplamente laureado). O grande prêmio, no entanto, foi para *Tales from the Darkside*, de John Harrison. O presidente do júri, Michael Cimino, não se sabe por que, foi o "reserva" de Brian De Palma, que havia sido anunciado como tal, mas não compareceu.

AS PREMIAÇÕES

● **Grande Prêmio:** *Tales from the Darkside*, de John Harrison ● **Prêmio Especial Fantástico:** *Cabal*, de Clive Barker ● **Prêmio Especial Bizarro:** *Wings of Fame*, de Otakar Votocek ● **Prêmio do Público:** *Alucinações do Passado*, de Adrian Lyne ● **Prêmio da Crítica:** *Wings of Fame* ● **Prêmio de Efeitos Especiais:** *Hardware*, de Richard Stanley

GLOSSÁRIO

CONFIRA O CRÉDITO

Quando se fala em cinema americano, todo mundo sabe o que é um *director*, um *producer* ou mesmo um *screenwriter* (cujo sinônimo em francês *scénarist* — roteirista — já foi traduzido para o português como autor dos "cenários"). Depois dessa, ninguém aqui se arrisca em explicar outras funções menores do tipo *gaffers*, *best boys*, *key grips*... Segundo a revista americana *Entertainment Weekly*, embora estes termos pareçam atuais, a maioria deles é herança da forma mais antiga do *showbiz*: o circo. Abaixo, um pequeno guia que vai ajudar o espectador a decifrar aqueles nominhos que correm na tela depois do "The End".

Key Grip — É o auxiliar que movimenta o equipamento pesado.

Foley Artist — É o técnico que grava ruídos: barulho de água, passos, estilhaços, que serão inseridos na trilha sonora do filme.

Boom Operator — É o operador de microfone com hastes (os "booms").

Swing Gang — Grupo de decoradores que vão à frente da equipe das filmagens para preparar o set.

Clapper — O batedor da claquete. Ele grita o número da cena, antes do diretor dizer "ação!".

Gaffer — Eletricista-chefe responsável pela iluminação.

Best Boy — O braço direito do *gaffer* ou do *key grip*.

● Joaquim de Almeida (de *Bom Dia Babilônia*) está em Macao para rodar *Amour et Petits Doigts de Pied*; com ele Ana Torrent (*Cría Cuervos*). Direção: Luís Filipe Rocha.

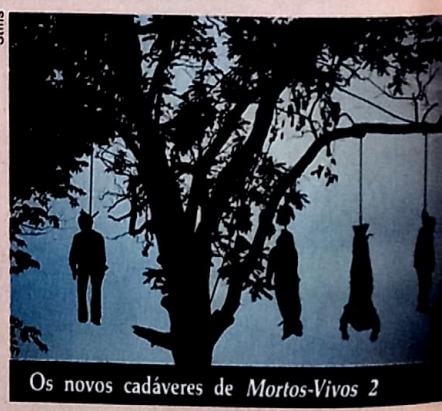
● John Travolta vai chacoalhar novamente suas botinhas em *Midnight Rider*, como um professor roqueiro que enfrenta uma sala de garotos com problemas.

● Jovens amantes são os papéis de Kevin Bacon e Kyra Sedgwick em *Pyrates*.

TERROR

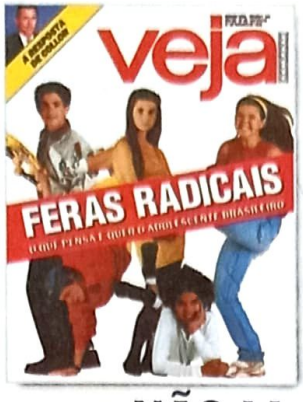
BRAIN, BRAIN E MAIS BRAIN

Há tantos filmes de mortos-vivos quanto pode nos revelar nossos piores pesadelos. O último *A Noite dos Mortos-Vivos* é um *remake* do clássico de George Romero (1968) dirigido por Tom Savini. Ele tem o que se pode chamar de uma carreira "horrorosa": já foi ator, dublê, diretor de TV e conceituado maquiador. Seus mais famosos trabalhos de *make-up* são *Martin*, *Dia dos Mortos* e *Sexta-Feira 13*. Esta refilmagem mantém o tema original, os mesmos personagens e seus nomes.


Stills

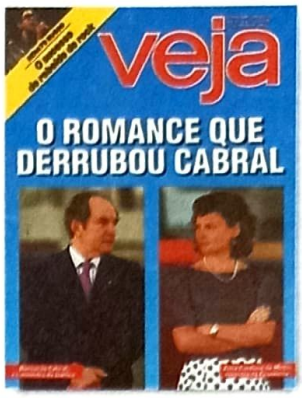
Os novos cadáveres de *Mortos-Vivos 2*

COMPREI.



NÃO LI.

EMPRESTEI.

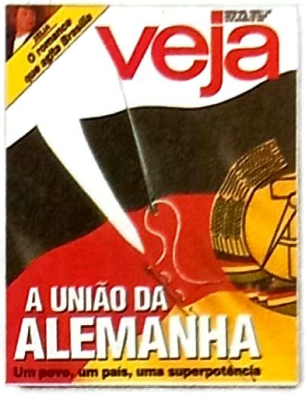


ESGOTOU.

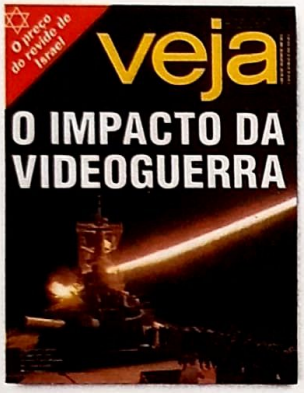
NEM VI.

COMPREI.

PERDI.



ACHEI.



ESQUECI.

LEMBREI.

JÁ ESTÁ NA HORA DE VOCÊ ASSINAR VEJA.

Numa semana, você compra e lê. Em outra, você não acha. E empresta de alguém. Passa mais uma e você deixa de ler. Fica sem a informação da revista mais lida e comentada do país.

Não se conforme: chegou a hora de você assinar **Veja**. Agora.

Periodicidade semanal. 52 exemplares por ano.
Código 901

recorte aqui

VEJA. ASSINE JÁ.

veja

3 parcelas sem juros de Cr$ 8.320,00

Opções de pagamento (marque com um X):
☐ 3 pagamentos de Cr$ 8.320,00 ☐ 1 pagamento de Cr$ 24.960,00

Se preferir, autorize o débito do valor total (1 pagamento) em seu cartão de crédito.
Nome do cartão _____ mês ano
Nº _____ Validade ___/___

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

Importante
Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|_|
Se você já é assinante da Abril, preencha com o número que está na etiqueta da sua revista.

Tel. _____

Data ___/___/___

Assinatura _____

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!

Oferta válida por tempo limitado.

ECAA

Impr. Edit. Abril S.A.

Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 4 a 6 semanas, você começará a receber seus exemplares.

Superinteressante

A revista para curiosos de todas as idades.

Superinteressante traz, mensalmente, informações precisas sobre tudo o que você deseja saber. Aborda assuntos complexos com linguagem descontraída, visual atraente e muito bom humor. Astronomia, História, Tecnologia, Misticismo, Ecologia, Arte, Mistérios, jogos, curiosidades. E muito mais.
É uma revista voltada para o século 21. Feita para você, que vive se superando.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.
Código 970
1 pagamento de Cr$ 6.720,00
ou 3 pagamentos de Cr$ 3.190,00

Quatro Rodas

A revista do carro, da aventura e do turismo.

Quatro Rodas é muito mais que uma revista especializada em carros. Além de testes exclusivos, futuros lançamentos, tabelas de preços (mínimos e máximos) de carros novos e usados, você ainda tem matérias de interesse geral, envolvendo lazer, segurança e curiosidades, a mulher e o carro, mapas, roteiros e dicas valiosas para seus passeios, aventura, mundo das competições.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.
Código 921
1 pagamento de Cr$ 6.960,00
ou 3 pagamentos de Cr$ 3.300,00

DIRETO DA MAIOR EDITORA DA AMÉRICA LATINA PARA VOCÊ, AS MELHORES REVISTAS BRASILEIRAS.

Playboy

A revista mais gostosa do Brasil.

Playboy mostra, todos os meses, as mais lindas e famosas mulheres do Brasil e do mundo. Traz os grandes escritores e humoristas, faz entrevistas marcantes, dá dicas de grandes programas e ainda revela as muitas maneiras de viver com descontração e prazer. As boas coisas da vida, numa publicação feita com muito charme e estilo.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.
Código 920
1 pagamento de Cr$ 6.960,00
ou 3 pagamentos de Cr$ 3.300,00

CARTÃO-RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR.

O selo será pago por:
EDITORA ABRIL S.A.
05999 - São Paulo - SP

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

PRESERVE A NATUREZA

Exame
A mais completa revista brasileira de economia e negócios.
Exame é uma verdadeira assessoria, completa e descomplicada, para profissionais das áreas de Administração, Propaganda, Marketing, Finanças, Recursos Humanos, Industrial. Com seus 26 exemplares de **Exame**, você recebe 12 exemplares de **Exame Vip** e 12 exemplares de **Exame Informática**, em quinzenas alternadas. E, ainda, os principais anuários da economia brasileira: **Brasil em Exame** e **Melhores e Maiores.**
Periodicidade quinzenal. 26 exemplares por ano.
Código 902
1 pagamento de Cr$ 14.300,00
ou 3 pagamentos de Cr$ 6.260,00

TENHA LAZER A DOMICÍLIO, COM SERVIÇO DE ALTA QUALIDADE: ASSINE JÁ SUA REVISTA.

recorte aqui

Para um atendimento mais rápido, assine por telefone:
(011) 823-9100
Linha exclusiva para venda de novas assinaturas.

De segunda a sexta, das 8 às 22 horas: 14 horas por dia à sua disposição.

Nova Escola
A revista do professor moderno.
Nova Escola é a única revista de informação educacional do país para o professor de 1º grau.
A cada edição, você tem reportagens, artigos, entrevistas e notas sobre o que acontece de fundamental no ensino, das questões mais polêmicas às experiências das mais diversas regiões brasileiras.
Nova Escola é indispensável para quem se envolve na tarefa de educar.
Periodicidade mensal. 9 exemplares por ano. **Nova Escola** não circula em janeiro, fevereiro e julho.
Código 960
1 pagamento de Cr$ 2.790,00
ou 3 pagamentos de Cr$ 1.320,00

CUPOM DE ASSINATURA

Revista	Código	Nº de pagtos.	Valor de cada pagto.

Se preferir, autorize o débito do valor total (1 pagamento) em seu cartão de crédito.
Nome do cartão _____ mês ano
Nº _____ Validade ___/___

Nome _____
Endereço _____
Bairro _____ CEP _____
Cidade _____ Estado _____
Tel. _____

Importante
Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|
Se você já é assinante da Abril, preencha com o número que está na etiqueta da sua revista.

Data ___/___/___

Assinatura _____

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!

Oferta válida por tempo limitado.

ECAB

Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 4 a 6 semanas, você começará a receber seus exemplares.

Impr. Edit. Abril S.A.

Nova

A revista da mulher cada vez mais nova.

Nova é feita para você que é inovadora, predisposta a mudanças que tornem sua vida melhor. Traz informações sobre os assuntos fundamentais: relacionamentos afetivos, carreira, realização pessoal. Cuida da sua beleza até nos detalhes: nutrição, dieta, maquilagem, cabelos, pele, exercícios, saúde e a moda que valoriza você. Traz artigos e reportagens sobre política, economia, sexo e psicologia com uma linguagem franca e objetiva. E traz o prazer das viagens, da culinária e dos esportes. **Nova: porque as mulheres mudaram.**

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

Código 905

1 pagamento de Cr$ 5.400,00

ou 3 pagamentos de Cr$ 2.560,00

Elle

A revista que traz um mundo de novidades para você.

Elle é a revista da mulher que vive com alegria, prazer e segurança. Uma mulher que adora o novo e quer sempre mudar, mas sabe manter um estilo próprio e inconfundível. **Elle** é sua revista. Todos os meses, você tem em **Elle** um serviço completo de boa forma, beleza e cuidados especiais.

Moda cheia de personalidade, gente interessante, decoração e jeito de viver, culinária dos grandes chefs, viagens, cultura e idéias. Um mundo de novidades numa revista linda e de qualidade gráfica impecável.

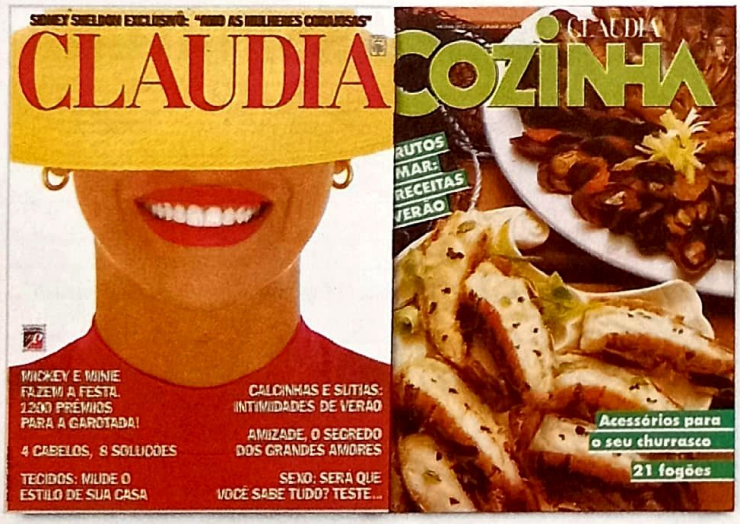
Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

Código 980

1 pagamento de Cr$ 7.080,00

ou 3 pagamentos de Cr$ 3.360,00

PARA UM ATENDIMENTO MAIS RÁPIDO, ASSINE POR TELEFONE: (011) 823-9100.



Claudia

A revista feita inteira para você.

Todos os temas que dizem respeito a você estão em **Claudia**. Relação a dois, amor, sexo, vida familiar, filhos, educação, saúde, trabalho, carreira, dinheiro, casa, gente famosa, beleza, saúde, moda... E mais: com a assinatura, você recebe, todos os meses, a edição **Claudia Cozinha.** Uma revista com a maior variedade de receitas, dicas, novidades, equipamentos, dietas, truques e segredos do mundo delicioso da cozinha.

Periodicidade mensal. 12exemplares por ano (12 **Claudia** e 12 **Claudia Cozinha**).

Código 907

1 pagamento de Cr$ 8.160,00

ou 3 pagamentos de Cr$ 3.870,00

Capricho

A revista da gatinha.

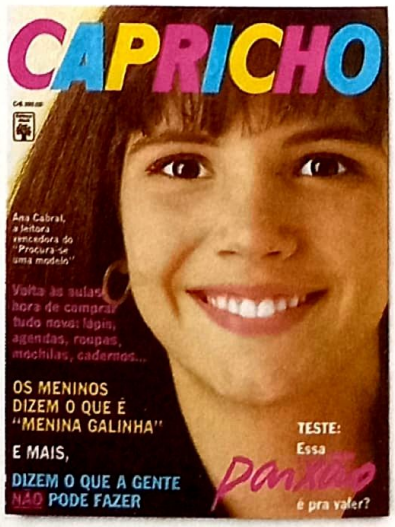
Tudo o que interessa à adolescente ligada no mundo está em **Capricho.** Todos os meses a revista traz moda, beleza, saúde, alimentação, viagem, esporte, ecologia e tudo o que você precisa saber para estar sempre em cima. Tudo isso, além dos meninos que fazem sucesso pelo mundo, as novidades de som, cinema, TV e vídeo. Relacionamento com os amigos, os meninos e os testes. Tem que ler pra saber.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

Código 909

1 pagamento de Cr$ 4.680,00

ou 3 pagamentos de Cr$ 2.220,00



CARTÃO-RESPOSTA

NÃO É NECESSÁRIO SELAR.

O selo será pago por:

EDITORA ABRIL S.A.

05999 - São Paulo - SP

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

Vídeo evolução vezes três.

SUPER 4-HEAD J38BR

VHS
PAL-M

Quantas vezes é possível melhorar um videocassete?
A Panasonic apresenta um vídeo três vezes melhor: Panasonic J38BR.

1. Chassi monobloco de alumínio fundido. Protege os componentes vitais por muito mais tempo.
2. Uma nova e simples maneira de copiar fitas em NTSC, através de sua câmera de vídeo VHS, quando diretamente conectada no seu J38BR.

3. Novo Sistema Super 4 Cabeças. Permite movimentos suaves e imagens sempre nítidas, mesmo em slow motion.

Some tudo isso à avançada tecnologia Panasonic, assuma o Controle Remoto Digital Scanner - LCD exclusivo, e aumente muitas vezes o seu prazer de assistir vídeo.

À venda na Zona Franca de Manaus.

Panasonic

Patrocinador Mundial dos Jogos Olímpicos de 1992

FEIRA DE VÍDEO

ARCA DE NOÉ

Apesar do choque do Plano Collor 2, do feriado bancário e dilúvios homéricos, a segunda edição da Auvicom/Telecom, realizada de 1.º a 6 de fevereiro passado no Anhembi, em São Paulo, teve um resultado considerado "positivo" para as 32 distribuidoras presentes. A feira foi marcada pela pluralidade de ofertas. Os 92 mil visitantes encontraram de tudo um pouco: desde "Videocassetes Cristãos" da Associação do Senhor Jesus até os tradicionais pornôs. Outras surpresas: livros de cinema importados, no *stand* da Book Centre, e o jogo *Videomania*, de perguntas e respostas sobre cinema, elaborado pelo crítico Rubens Ewald Filho e patrocinado pela Warner Home Vídeo. Para os expositores a Auvicom foi um laboratório de testes de vendas ao consumidor final. Uma verdadeira baciada de ofertas, montada pela Abril Vídeo com a Disney Collection, pela Vídeo Arte com seu supermercado de fitas e também para as distribuidoras de vídeo musical BMG, Hit Music e Sony Music. Ainda na área das novidades, a Jovem Pan Home Vídeo esteve presente com seu primeiro pacote e lançará ainda no primeiro semestre de 1991 *The Mogul*, comédia com Danny DeVito, e o musical *Elvis Good Rockin Tonight*.

Deborah Peleias

NACIONAL

MUI CERCA DE ALMODÓVAR

Causa Secreta é o atual desafio de Sérgio Bianchi *(Romance)*, o mais Almodóvar dos diretores brasileiros. Baseado num conto de Machado de Assis, o longa conta como um grupo de teatro se prepara para montar uma peça. O filme revela as partes da história de acordo com a cabeça de cada um dos atores e revela a "causa secreta" dos personagens.

Sérgio Bianchi Produções

Rodrigo Santiago e Alexandre Paternost: de Machado de Assis para Bianchi

O EFEITO ROSEBUD

por Luiz Nazário

Quando, em *Cidadão Kane* (*Citizen Kane*, 1941), o agonizante Charles Forster Kane sussurra "Rosebud", seus lábios entreabertos, emoldurados pelo bigode, preenchem toda a tela. Os espectadores ouvem a palavra quase em seus ouvidos; em sobreimpressão, o peso de cristal com a casinha nevada rola de suas mãos e explode. Em seguida, entra uma enfermeira, que constata a morte de Kane. Logo se inicia o documentário preparado pelos jornalistas, que decidem pesquisar o significado da palavra "Rosebud".

De todas as cenas antológicas da história do cinema, esta é, sem dúvida, a mais citada, comentada, estudada e, finalmente, a menos *vista*. Estou quase tentado a dizer que somos os primeiros a ver esta seqüência mágica como o mais espetacular efeito cinematográfico de todos os tempos. Pois embora o filme de Orson Welles *pareça* realista, é por este efeito que ele se coloca dentro de uma redoma de pura fantasia. Refiro-me a uma encenação tão perfeita que foi capaz de iludir gerações inteiras de espectadores, que viveram sob o "efeito Rosebud" até o catastrófico advento do videocassete, que nos permitiu quebrar o encanto. Pois a verdade nua e crua a respeito da morte de Kane é que ele está sozinho em seu quarto de Xanadu quando agarra o globo de cristal e pronuncia "Rosebud": *ele morre sozinho*. Ou seja: *ninguém* ouve Kane pronunciar "Rosebud" — ninguém, *a não ser a platéia*. A enfermeira entra no quarto *depois*, ao ouvir o som dos estilhaços do peso de cristal quebrando-se nos degraus da escada. Mas ela não poderia ter ouvido as últimas palavras do moribundo, *nenhum personagem do filme ouviu Kane sussurrar "Rosebud"*. Mas é tão poderoso este efeito — o *big-close-up* dos lábios de Kane enchendo toda a tela e nossas almas — que, sem mais aquela, "Rosebud" torna-se domínio público: logo os jornalistas sabem que ele disse "Rosebud" ao morrer e o filme passa a girar em torno desta palavra, que é a chave para se descobrir o sentido da vida de Kane.

A revelação final: somente aos espectadores é apresentado o trenó "Rosebud"

DESTA VEZ VOCÊ ME PEGA.

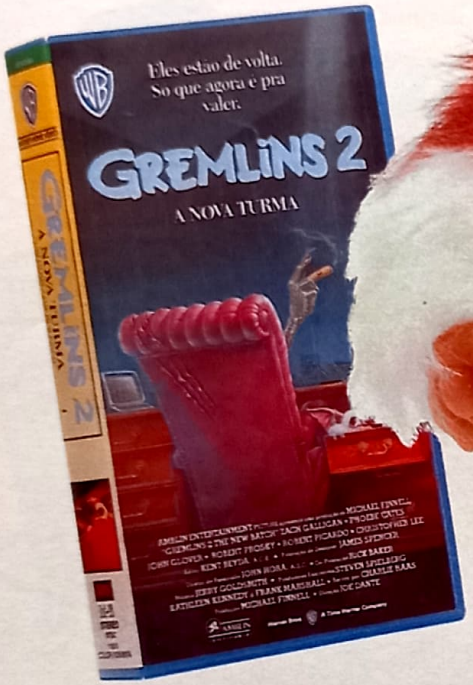
É isso aí. Estou louquinho pra você me ganhar. E ganhando, você pode me levar pra casa sem susto: essa minha "encarnação" é em pelúcia, e é feita lá na Espanha. Você pode até me molhar que eu não vou virar monstrinho.

Para me ganhar é só ir a uma vídeo-locadora, pegar uma fita de Gremlins 2 e, depois de se divertir com o filme, responder a uma pergunta. Você vai ver que, quase no final, há cenas que lembram filmes famosos do cinema, numa espécie de sátira e homenagem. A pergunta é: quais os filmes que são homenageados em Gremlins 2? Além de responder a essa questão, você deve criar uma frase sobre o Gizmo, que melhor combine com ele. Depois de preencher o cupom abaixo, envie-o para a Warner Home Vídeo. As quarenta melhores frases com respostas certas serão as vencedoras.

Se você me quer do seu lado, vá logo assistir meu filme, saque rápido a resposta e não perca tempo para enviar sua carta. Desse jeito, você vai poder me pegar quando quiser.

PROMOÇÃO

GREMLINS 2



GANHE UM GIZMO IMPORTADO
Só as 40 melhores frases vão valer.

WARNER HOME VIDEO

Envie o cupom ou cópia xerox para: Warner Home Vídeo - Av. Brigadeiro Luís Antonio, 4435 - Jardim Paulista - 01401 - São Paulo - Capital. O resultado será comunicado por telegrama ou telefone, e publicado na edição de junho de Set. Não podem concorrer funcionários da Warner Home Vídeo.

NOME: _____ END.: _____

_____ EST.: _____ CEP: _____ FONE: _____

RESPOSTA: _____

_____

A PRODUTORA PORTÁTIL

A GR-60U é sem dúvida a mais versátil videomovie do mercado, com incomparável qualidade de imagem, graças ao seu CCD (dispositivo de carga acoplado) de 360.000 pixels com resolução de mais de 400 linhas. Além das características já pertencentes a toda linha de equipamentos JVC, a GR-60U possui um poderoso zoom de 8X com duas velocidades de aproximação e sensibilidade de até 8 lux; possibilita sobrepor quatro imagens de títulos diferentes em sua gravação ao vivo, faz edição de áudio e revisão do material a ser editado. Tudo isso, num equipamento compacto com apenas 1,2 Kg, faz da GR-60U uma verdadeira produtora portátil.

videomovie
GR-60U
VHS C

GARANTIA 1 UM ANO

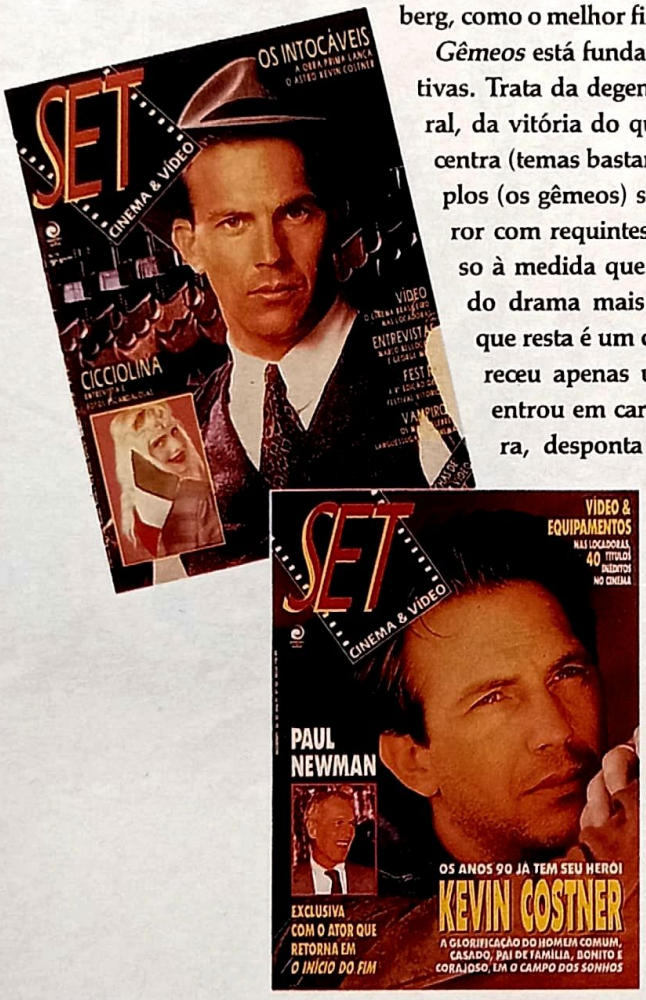
ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE ATENDIMENTO: (011)815-9144

JVC®

Em fins de 1987 organizamos pela primeira vez a votação dos melhores do ano entre a crítica especializada. O resultado foi impresso nas páginas da edição de janeiro de 1988. *Os Intocáveis,* de Brian De Palma, eleito o melhor filme do ano, indicava um resultado, no mínimo, coerente. Ele recuperava a narrativa clássica das histórias de gângster, imprimia nas telas a figura de um herói humano e sóbrio. Numa década dedicada ao mix das futilidades e das pós-modernices, *Os Intocáveis* destacou-se por perseguir um rastro de ética para a conduta humana e por exprimir uma estética para o cinema em processo de diluição.

Não por acaso, Kevin Costner era o herói de De Palma. Nessa condição, ele foi capa da SET ainda em novembro de 1987. Depois de viver Eliot Ness, sua estrela entrou em ascensão. Em fevereiro de 1990, por ocasião do lançamento de *O Campo dos Sonhos,* Costner voltou a estampar a capa da revista, que garantia: "Os anos 90 já têm seu herói". Dito e feito. Com ousadia inusual e determinação, o ator (também produtor e diretor) levou a termo um projeto considerado suicida — e venceu de forma espetacular. Pela terceira vez, ele está na capa da revista SET, graças a essa nova primazia chamada *Dança com Lobos.*

Mas o cinema comovente que foi empunhado por Kevin Costner ainda recende a velhos tempos. A investigação dolorosa dos valores e dos mitos americanos, o discurso essencialmente moral, em tom másculo, a emoção eloqüente andavam fora de moda, pelo menos entre os filmes que chegaram ao Brasil até 1990. A votação dos críticos reunidos pela SET, aliás, é um sinal disso. Eles escolheram *Gêmeos,* de David Cronenberg, como o melhor filme do ano passado.

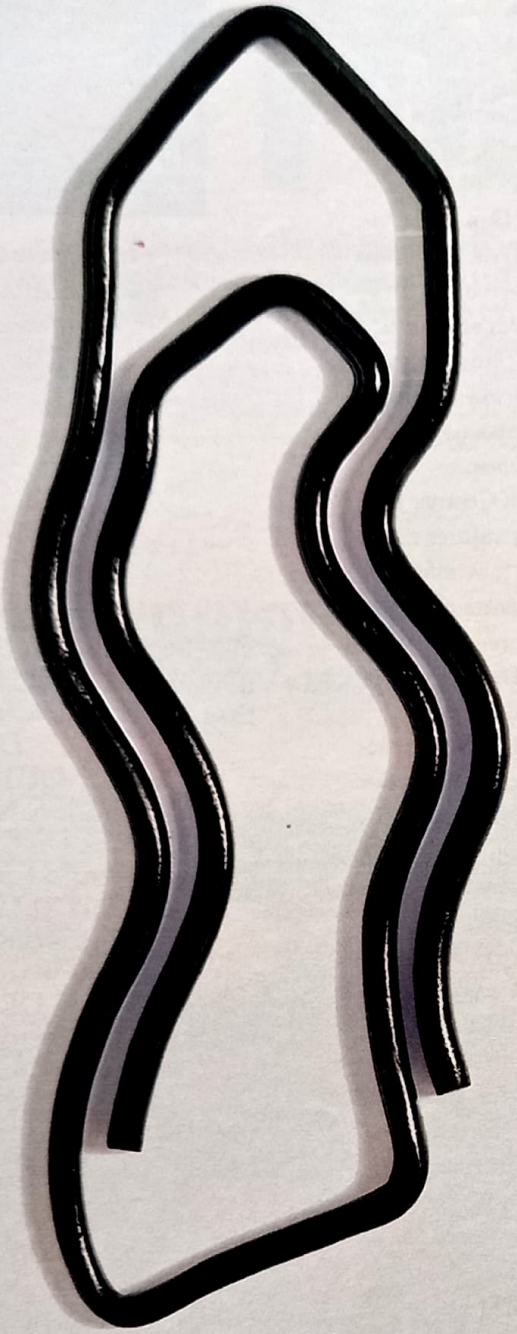


Gêmeos está fundado sobre a falência das perspectivas. Trata da degeneração física, psicológica e moral, da vitória do que se dilui contra o que se concentra (temas bastante caros a Cronenberg). Os duplos (os gêmeos) se tocam e se imolam nesse horror com requintes bergmanianos, que é grandioso à medida que dá ao melhor terror o formato do drama mais convencional. A perplexidade que resta é um quê de incoerência. *Gêmeos* mereceu apenas uma página da revista quando entrou em cartaz aqui, no ano passado. Agora, desponta como vencedor. Haverá nisso uma dupla desorientação, do cinema e da crítica? Ou o que há é um aprofundamento do ceticismo, mesclado de concessões estéticas? De nossa parte, preferimos crer que essa unanimidade tardia indica falta de novas opções. Esperamos que ela não perdure e que o cinema de Costner, edificante, vasto, generoso e sentimental, venha reabilitar o ânimo das platéias bombardeadas de fracassos humanos.

Na capa: Kevin Costner; Julia Roberts em *Dormindo com o Inimigo*; e Jodie Foster em *O Silêncio dos Inocentes*

4 TAKES
8 TEMPOS MODERNOS
14 VIDEOLANÇAMENTOS
Esse Obscuro Objeto do Desejo
16 OUTROS LANÇAMENTOS
28 MATÉRIA DE CAPA
Kevin Costner
36 ENTREVISTA
Debra Winger & Bernardo Bertolucci
40 OS MELHORES DE 1990
O Resultado da Votação da Crítica e dos Leitores
44 EM CARTAZ
O Silêncio dos Inocentes
47 OUTROS FILMES EM CARTAZ
52 ENTREVISTA
Julia Roberts
54 MITO
Jack O. Dawn
56 EQUIPAMENTOS
Videolaser Pioneer
58 LIVROS
59 FILMOGRAFIAS
60 CARTAS
63 FILMOTECA
66 NOSTALGIA

Fotos da Capa: Exley/Liaison Gamma (Costner), Columbia Tri-Star (Jodie) e Fox (Julia)



O CLIP DO
MC HAMMER

O CLIP DO
METALLICA

Sua favorite music das 11 às 3 da manhã. SP Canal 32 UHF. Rio

O CLIP DO
GEORGE MICHAEL

O CLIP DO
DEE LITE

Canal 9. Cobertura nacional via satélite.

MTV
MUSIC TELEVISION®

O LUGAR ERRADO COLOCAR O DESEJO

Com *Esse Obscuro Objeto do Desejo*, Luis Buñuel atinge o ápice de seus preceitos, casando a iconoclastia dos primeiros filmes com uma ironia plena de serenidade

Poucas obras, na história da arte, terão sido tão originais e coerentes quanto a do espanhol Luis Buñuel (1900-1983). Não por acaso, seu primeiro longa-metragem, *L'Âge d'Or* (1930), e o último, *Esse Obscuro Objeto do Desejo* (1977), expõem exatamente o mesmo tema. Trata-se, em ambos os casos, da "história da posse impossível de um corpo de mulher", segundo as palavras do próprio diretor. Entre esses dois pontos extremos, toda uma filmografia dedicada à investigação do desejo e de tudo aquilo que o inibe, castra ou deprime: a Igreja, a família, o Estado, as convenções sociais, o dinheiro.

Mas coerência não significa estagnação. Ao longo das décadas, *Don* Luis não parou de aperfeiçoar seus meios de expressão e amadurecer seu espírito. Neste testamento artístico agora lançado em vídeo, ele atinge o perfeito equilíbrio entre a fúria iconoclasta dos primeiros tempos de militância surrealista e a ironia serena, quase doce, do velho que viveu o suficiente para saber que nada justifica a perda da elegância ou a emissão de uma nota fora do tom.

FOGO E PAIXÃO — Inspirada livremente no conto *La Femme et le Pantin*, do francês Pierre Louys (1870-1925) — filmado anteriormente por Josef von Sternberg e Julien Duvivier —, a trama roteirizada por Buñuel e seu fiel colaborador Jean-Claude Carrière é extremamente simples: o rico cinqüentão *Don* Mateo (Fernando Rey, dublado em francês por Michel Piccoli) consome-se numa paixão doentia e perversa pela dançarina pobre, Conchita; a garota, trinta anos mais jovem que ele, ora o seduz, ora o rejeita, alimentando o fogo do desejo. Mas a simplicidade é só aparente.

As próprias liberdades que Buñuel tomou em relação ao texto de Louys são reveladoras das intenções nada cândidas do cineasta. Em primeiro lugar, ele transpôs a ação — que se passava na Espanha de 1898 — para a Paris contemporânea. Aproveitando o caminho aberto, entremeou às frustradas investidas de *Don* Mateo atentados terroristas crescentemente violentos, cometidos por um certo Grupo Armado Revolucionário do Menino Jesus.

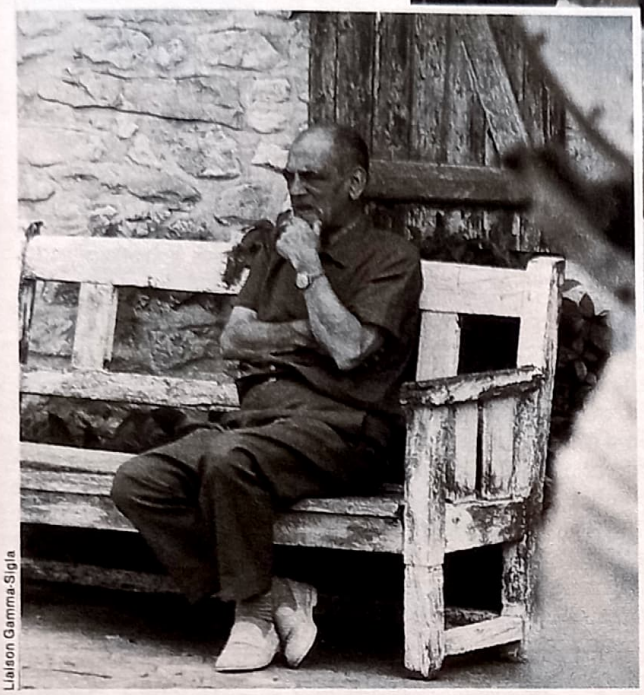
À parte a ironia blasfema, há aqui uma sugestão mais plena de conseqüências: a ação terrorista é uma espécie de perversão do desejo de transformação social, assim como o desejo insatisfeito de Mateo degenera num apego narcisístico à própria paixão e sofrimento. Em ambos os casos, uma progressiva alienação faz perder de vista os motores primeiros da ação — a melhora do mundo, no caso dos terroristas; a posse de Conchita, no caso de *Don* Mateo. A ação gira no vazio, e o objeto do desejo escapa, obscuro.

PRAZER LÚDICO — Outra audácia de Buñuel, que causou perplexidade em sua época, foi a utilização de duas atrizes — a espanhola Angela Molina e a francesa Carole Bouquet — interpretando alternadamente o papel de Conchita, inicialmente destinado a Maria Schneider. Com essa brincadeira, além de aumentar o prazer lúdico do espectador e exercitar sua atenção, o diretor pôde expor com clareza meridiana duas faces opostas do apelo feminino: a sensualidade em estado puro, quase animal, de uma Angela Molina, e a beleza etérea, inatingível e misteriosa de uma Carole Bouquet. Como a revolução social e a salvação divina, elas formam uma miragem que empurra o homem para a frente. Só que para o lado errado.

José Geraldo Couto

ONDE

Gaumont



Liaison Gamma-Sigla

Rey e Carole, uma de suas obsessões femininas, acima. Angela, à direita, é a outra. Buñuel é visto, à esquerda, nas filmagens de *O Estranho Caminho de São Tiago* (1969)

Gaumont

O ESTRANHO CAMINHO DO HUMANISTA

Quando se fala em Luis Buñuel, pensa-se logo em surrealismo, em burgueses elegantes defecando em torno de uma mesa de jantar (cena de O Fantasma da Liberdade*), no fuzilamento do Papa (*Via Láctea *ou* O Estranho Caminho de São Tiago*) ou no close de um olho cortado por uma navalha (*Un Chien Andalou*). O que vem à mente é, em primeiro lugar, esse Buñuel anarquista, antiburguês e anticlerical, implacável opositor de todas as formas de censura e repressão. Mas há, por trás dessa fachada, um humanista radical, cujos filmes, como notou Octavio Paz, "são uma exposição: revelam as realidades humanas aos submetê-las, como se fossem placas fotográficas, à luz da crítica".*

Esse humanismo seco e lúcido, avesso a qualquer concessão sentimental, traduz-se numa linguagem cinematográfica precisa e sem floreios esteticistas. É um erro acreditar que Buñuel se entrega ao delírio. As coisas absurdas que costumam ocorrer em seus filmes, em vôos de imaginação rigorosamente construídos, são formas de aproximação à realidade do indivíduo e da sociedade tão legítimas quanto o realismo brutal que utilizou em Os Esquecidos *(1950). O pesadelo claustrofóbico de* O Anjo Exterminador *(1962), as fantasias adúlteras de Séverine (*A Bela da Tarde*, 1967), a natureza dupla de Conchita (*Esse Obscuro Objeto do Desejo*, 1977) são fatos tão reais e perturbadores quanto nossos sonhos mais estranhos. Apenas são mais belos e engraçados.* J.G.C.

Cet Obscur Objet du Désir, França, 1977 ■ Direção: Luis Buñuel ■ Com Fernando Rey, Carole Bouquet, Angela Molina, Julien Bertheau, André Weber, Piéral ■ ROTEIRO: Luis Buñuel, Jean-Claude Carrière ■ FOTOGRAFIA: Edmond Richard ■ MÚSICA: Wagner ■ PRODUÇÃO: Serge Silberman para a Greenwich/Galaxie/In Ciné ■ DURAÇÃO: 103 min. ■ DISTRIBUIÇÃO EM VÍDEO: Sagres

POLICIAL

VINGANÇA FULMINANTE ★★
(Strike Force, EUA, 1975) Direção: Barry Shear. Com Cliff Gorman, Donald Blakely, Richard Gere. Jovem Pan Home Vídeo.
Atenção: Richard Gere não é o protagonista deste filme como dá a entender o superclose do ator no rótulo da fita. O herói é o competente Cliff Gorman, que interpreta o detetive Gentry. Junto ao agente federal Ripley (Donald Blakely), ele deve descobrir a ligação do tráfico de drogas com um assassinato duplo. *Strike Force*, ou Força de Combate, é uma divisão que combina um detetive e um federal para a solução de casos intrincados. Os dois têm como assistente o pau-mandado Spencer (Gere, em seu segundo papel), que anota recados, segue suspeitos e sorri pelos cantos da câmera. Produzida para a televisão, esta ação é composta basicamente de clichês policiais, embora o roteiro seja cuidadoso e interessante. *W.S.*

O FUGITIVO ★★★
(The Fugitive — The Last Episode, EUA, 1967) Direção: Don Medford. Com David Janssen, Barry Morse, Bill Raisch, Diane Brewster. Panamerican.
Reedição dos dois episódios que concluem a saga de Richard Kimble (Janssen). Durante quatro temporadas televisivas, Kimble foi injustamente perseguido pela polícia de Indiana, acusado de matar sua esposa. Um dos clássicos seriados dos telemaníacos, que se consagra com um final coerente e tenso. Barry Morse, como o policial espartano, perseguidor implacável de Kimble, é um ator magnífico, ignorado no cinema. O mundo antes de *Twin Peaks*, com homens de um só braço e vizinhos pusilânimes, jamais reprisado na TV. *Ch.P.*

UMA FLOR, UM CRIME ★★
(Personals, EUA, 1990) Direção: Steven H. Stern. Com Stephanie Zimbalist, Jennifer O'Neill, Robin Thomas. CIC.
Se Jennifer O'Neill já foi a sedução madura de um adolescente em *Verão de 42*, agora ela é uma solteirona abandonada que se vinga matando homens contactados através dos anúncios pessoais de um jornal. E, se este telefilme tem um ótimo desenvolvimento e bons momentos de tensão, tudo desmorona num final improvável e patético. *Ch.P.*

A MARCA DA MALDADE ★★★★★
(Touch of Evil, EUA, 1958) Direção: Orson Welles. Com Charlton Heston, Janet Leigh, Marlene Dietrich, Akim Tamiroff. CIC.
Welles não foi apenas o iconoclasta e febril criador daquela revolucionária e labiríntica obra chamada *Cidadão Kane* (1941), que o consagrou na flor da idade. Sua inquietação genial se propagou maturidade afora em filmes como *A Marca da Maldade*, um cult considerado tardiamente como uma obra-prima do nível das anteriores (*Soberba*, 1942; *A Dama de Shanghai*, 1946; *Macbeth*, 1948; e *Othelo*, 1952, entre outras). Com roteiro, diálogos e direção do cineasta (baseado no romance *Badge of Evil*, de Whit Masterson), rodado em Hollywood, na fronteira mexicana e em Veneza, o filme revela seu punho brilhante ao lapidar mitos (Heston, Dietrich, Zsa Zsa Gabor, entre outros) num mergulho ousado e personalíssimo em que se destacam a fotografia estranhíssima, em preto-e-branco, de Russel Metty, e a música de Henry Mancini. Seqüências intrincadas compõem uma tapeçaria maligna, um universo sombrio de corrupção, poder e truculência.
O cineasta delira em travellings e closes inimitáveis (a seqüência de abertura e a aparição de Dietrich são estupendas, e o rosto de Welles é o próprio "emblema do mal"), contando a história de um tira mexicano e sua esposa americana, que (em lua-de-mel numa cidadezinha) se envolvem com a polícia e uma gangue de narcotráfico. Um clima ambíguo, nebuloso e moralmente "fronteiriço" permeia as relações. Mas a ousadia do diretor do lendário e inacabado *Dom Quixote*, causou problemas (aliás, como tudo em que ele pôs a mão!). Conta-se que Heston (um nome "confiável" e de bilheteria certa que aspirava trabalhar com o "maldito" Orson) teria convencido a Universal do projeto e a companhia topado somente pela esperança de ver o diretor "domesticado". Triste ilusão! O resultado (para desespero do estúdio de Albert Zugsmith) foi esse incômodo e exasperante retrato da corrupção institucionalizada (para sorte da arte cinematográfica), que afastou definitivamente Welles de Hollywood.
Antonio Querino Neto

UIP
Marlene é uma das revelações míticas em Welles, o diretor nunca domesticado por Hollywood

JUSTIÇA CEGA ★★
(Internal Affairs, EUA, 1990) Direção: Mike Figgs. Com Richard Gere, Andy Garcia, Nancy Travis, William Baldwin. CIC.
A violência deste thriller marcou, junto da história da prostituta segundo Disney, *Uma Linda Mulher*, o renascimento das cinzas do galã Gere. Grisalho e malvado, ele protagoniza momentos patológicos de brutalidade física e psicológica como um policial corrupto que mantém seus comandados no cabresto curto, através da sevícia e do domínio sexual das esposas. Ele faz uma espécie de coelho folgazão, repleto de filhos e mulheres, cínico e inescrupuloso, mas irresistível. O único páreo para o tira casanova é um incorruptível, o intocável Andy Garcia, de um departamento da polícia encarregado de investigar as falcatruas de seus pares. Andy começou a subir aqui (hoje está em *O Poderoso Chefão III*). Sua atuação impressiona pela estranha raiva contida, pela violência nas cenas de ação e também no verbo: quando dá um escândalo por ciúme num restaurante, xinga a mulher em espanhol — idéia dele. O chilique do macho latino é exemplar. As faíscas do choque de Gere com Andy é que conferem graça ao filme, de resto não mais que regular fora da órbita do encontro dos dois astros. *Carlos Volpato*

ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA ★★★
(Presumed Innocent, EUA, 1990) Direção: Alan J. Pakula. Com Harrison Ford, Raul Julia, Bonnie Bedelia, Greta Scacchi. Warner.
Adaptação do best-seller de mesmo nome, escrito pelo promotor americano Scoth Turow, o filme pretendia ser um thriller, misturando policial com suspense. Alguma coisa não deu muito certo. Ford interpreta o imprudente promotor Rusty Sabich, que cai na rede de sua colega carreirista Carolyn. Ela é violentamente assassinada e o promotor acaba acusado de sua morte. Para defendê-lo, o austero e elegante advogado Alejandro Stern (numa boa interpretação de Raul Julia). O problema é que o diretor Pakula exagerou a mão na caracterização esquizofrênica do promotor e esqueceu de incorporar ao roteiro detalhes que são absolutamente essenciais para a solução de um assassinato. Fica o gostinho de que poderia ter sido melhor. *F.G.*

KINJITE — DESEJOS PROIBIDOS ★★
(Kinjite — Forbidden Subjects, EUA, 1989) Direção: J. Lee Thompson. Com Charles Bronson, Perry Lopez, James Pax, Peggy Lipton. América.
Bronson é o moralista detetive Crowe, da polícia de Los Angeles, às voltas com o poderoso cafetão Duke, que alicia menores para explorá-las no comércio sexual entre altos executivos. Ao mesmo tempo, o executivo japonês Hada é transferido para Los Angeles com sua mulher e duas filhas. Duke seqüestra uma das garotas para usá-la em seu negócio. Crowe é o responsável pelo caso. Preconceito racial, diferença cultural, violência, drogas são ingredientes explosivos detonados por um roteiro acanhado, que não resolve todas as situações abordadas. As secretas perversões sexuais de Hada e os obscuros desejos sexuais de Crowe dariam um bom thriller psicológico. *P.M.*

O ESPECTRO ★
(Shadey, Inglaterra, 1987) Direção: Philip Saville. Com Antony Sher, Billie Whitelaw, Leslie Ash, Patrick Macnee. VIC.
Para submeter-se a uma operação de mudança de sexo, o paranormal Shadey (Antony Sher) coloca à venda sua habilidade em leitura mental e envolve-se numa absurda trama de interesses políticos. Travestismo e incesto com argumento *nonsense* bem ao gosto britânico. *W.A.S.*

ROBOCOP 2 ★★
(EUA, 1990) Direção: Irving Kershner. Com Peter Weller, Nancy Allen. LK-Tel/Columbia.
Nessa insossa continuação (com roteiro do mestre dos *comics*, Frank Miller) o tira cibernético de uma terminal Detroit entra em crise existencial e enfrenta um novo êmulo tecnológico. Apesar dos efeitos sofisticados, a trama e os personagens são simplistas, parecendo uma diluição boba da idéia do primeiro filme. Numa parafernália ultraviolenta, boas idéias (no retrato de um futuro apocalíptico e negro) são esvaziadas. *A.Q.N.*

VIDEOTECA

O QUE EU NÃO DISCUTO

João Santos / Azul

Silvia Poppovic, 36 anos, jornalista e apresentadora de TV.

"Não discuto filmes deliciosos, que são sempre um programa bom de se ver, como *Amarcord*, de Federico Fellini (Warner Home Vídeo), *Uma Linda Mulher*, de Garry Marshall (Abril Vídeo), *Apocalipse Now*, de Francis Ford Coppola (CIC Vídeo) e *Lawrence da Arábia*, de David Lean (LK-Tel/Columbia). Dos brasileiros, gosto muito de *A Marvada Carne*, de André Klotzel (CIC Vídeo)."

Orion

Robocop 2 : a lata de sardinha enferrujada em crise existencial

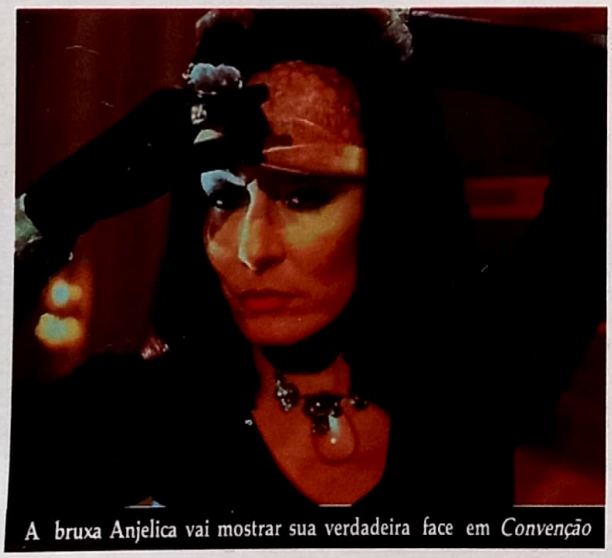
VIDEOLANÇAMENTOS

Universal

Lloyd prepara a volta impossível de Fox para o século XX na fase western de *De Volta para o Futuro*

FICÇÃO

DE VOLTA PARA O FUTURO III ★★★
(Back to the Future part III, EUA, 1990) Direção: Robert Zemeckis. Com Michael J. Fox, Christopher Lloyd, Mary Steenburger, Lea Thompson. CIC.
Logo no início dos anos 80, Spielberg redescobriu a essência da aventura no cinema e a transformou em uma verdadeira mina de ouro. Ganhou alguns discípulos e o resultado máximo aí está: *De Volta para o Futuro III*, produção de 50 milhões de dólares, que encerra uma trilogia que deu certo. Zemeckis dirigiu as três partes sem nunca perder o fôlego nem a criatividade. Aqui, Marty McFly (Fox), após receber uma carta do dr. Brown (Lloyd), datada de 1885, em pleno 1955 (final do 2.º episódio), volta ainda mais no tempo, indo encontrar o amigo em grandes apuros no Velho Oeste. A partir daí vale tudo. As piadas são o máximo e o ritmo é mais vertiginoso a cada minuto, resultando num filme delicioso. Mesmo que o diretor tenha negado, este é um western sim, e Classe A, em que os acordes da música de Alan Silvestri dão o tom exato. *M.A.G.*


Warner

A bruxa Anjelica vai mostrar sua verdadeira face em *Convenção*

CAÇADA ALIENÍGENA ★★
(Peacemaker, EUA, 1990) Direção: Kevin S. Tenney. Com Robert Forster, Lance Edwards, Robert Davi, Bert Remsen. VideoBan.
Uma mistura de *O Exterminador do Futuro* com *Starman*, modesta e sem efeitos especiais, mas certeira no ritmo e na ação ininterrupta, com boa dose de violência. Dois alienígenas se caçam mutuamente, usando como intermediária uma linda mortal. O melhor do filme é que não se sabe quem é o vilão nem o mocinho. *Ch.P.*

CUIDADO! LOUCOS NO ESPAÇO ★
(Mutiny on the Bounty, EUA, 1989) Direção: Robert Torrance. Com John Roarke, Deborah Benson, John Furey, Victoria Catlin. Vic.
Ficção científica farsesca que tenta alcançar o espírito irreverente de produções B na linha, por exemplo, de Roger Corman. Suas idéias, porém, são irregulares e acabam se desencontrando. Nave espacial de pesquisa intercepta sinal de perigo e materializa um saxofonista que acaba de sofrer uma mutação. É possível encontrar momentos inspirados no conjunto, mas é inevitável um aspecto geral de mau gosto. *Ch.P.*

COMÉDIA

DE PASSAGEM PELA TERRA ★★
(Doin' Time on Planet Earth, EUA, 1987) Direção: Charles Matthau. Com Nicholas Strouse, Andrea Thompson, Hug Gillin. América.
Um adolescente de comportamento e hábitos estranhos passa a acreditar na possibilidade de ser um alienígena, no que é influenciado por um bizarro casal que diz ter vindo de outro planeta. Estabelecida a confusão, o ápice se dá durante a cerimônia de casamento do irmão dele com a filha de um candidato derrotado à presidência dos Estados Unidos. Dirigida pelo filho do ator Walter Matthau, é uma comédia que deixa a desejar, ainda que faça uso de metáforas para falar da inadaptação social a que estão sujeitos os adolescentes em geral. *P.C.*

BOB & CAROL & TED & ALICE ★★
(Bob & Carol & Ted & Alice, EUA, 1969) Direção: Paul Mazursky. Com Natalie Wood, Robert Culp, Elliott Gould, Dyan Cannon. 20.20 Vision.
Estréia de Mazursky como diretor, o filme trata de um dos temas da então emergente revolução sexual: a troca de casais. Como sempre, há uma forte carga de ironia no olhar do cineasta sobre os dilemas morais da sociedade americana. Comédia ligeira, *Bob & Carol & Ted & Alice* diverte ao mostrar as opiniões divergentes sobre liberdade sexual de dois casais. Natalie Wood e Robert Culp vivem o par avançadinho. À época do lançamento, o filme despertou polêmica. Hoje, vale mais como documento. Visão prematura e ainda ingênua da celebração sexual que iria marcar a década de 70. *R.C.*

A CONVENÇÃO DAS BRUXAS ★★★
(The Witches, EUA, 1989) Direção: Nicolas Roeg. Com Anjelica Huston, Mai Zetterling, Jasen Fischer. Warner.
Excentricidade bem acabada do inglês Nicolas Roeg *(Performance, O Homem Que Caiu na Terra)*, o filme tem como destaque as criaturas de Jim Henson (pai dos Muppets) num horror brilhante sobretudo pela ótima Anjelica Huston, encarnando a líder bruxa que quer fulminar todas as "asquerosas" criancinhas. Mas o pequeno Luke (Fischer) vai embolar o meio de campo das damas do mal, num show de fealdade e bons efeitos visuais. *A.Q.N.*

O CÉU SE ENGANOU ★★
(Changes Are, EUA, 1989) Direção: Emile Ardolino. Com Cybil Shepherd, Robert Downey Jr, Ryan O'Neal, Mary Stuart Masterson. 20.20 Vision.
Hollywood sempre teve ligações com o além. Monstros, feiticeiras, reencarnações se alternam nas telas desde a criação do cinema. Nesta fita, que lembra muitas outras, a morte inesperada de um jovem marido vai provocar problemas no céu. O resultado é a reencarnação, com lembranças da vida passada e muita confusão. Para quem deseja conferir o carisma de um

Warner

Garotas da calçada, Julia e Laura: alegorias de *Linda Mulher*

dos prováveis galãs dos anos 90, Robert Downey Jr, esta é uma boa oportunidade. Apesar de alguns sérios furos de roteiro que desacreditam a frágil história do filme, a boa interpretação de Robert lhe dá um toque especial. *F.G.*

DEU A LOUCA NO MUNDO ★★★

(It's a Mad, Mad, Mad, Mad, World, EUA, 1963) Direção: Stanley Kramer. Com Spencer Tracy, Sid Caesar, Mickey Rooney, Jimmy Durante e Os Três Patetas. Warner.

Grupo de escroques parte em busca dos dólares desaparecidos de um assalto a banco sob a vigília intensa de um detetive vivido por Spencer Tracy. O roteiro de William e Tania Rose é repleto de *gags* que mais tarde se tornariam clichês nas comédias americanas. A longa duração (192 minutos no cinema e 154 em vídeo) não chega a fazer de *Deu a Louca no Mundo* um espetáculo entediante. Filmado em Ultra Technicolor, o filme de Kramer, em vídeo, perde mesmo é o impacto visual original. Ainda assim, vale como exemplo máximo de um estilo grandioso de comédia muito comum na década de 60. *R.C.*

QUEM É HARRY CRUMB? ★

(Who's Harry Crumb?, EUA, 1989) Direção: Paul Flaherty. Com John Candy, Jeffrey Jones, Annie Potts, Tim Thomerson, Shawnee Smith, Renee Coleman. LK-Tel/Columbia.

Parceiro de Steve Martin, Tom Hanks, Bill Murray e Rick Moranis em várias comédias famosas *(Splash, 1941, Antes Só do que Mal Acompanhado)*, John Candy já teve momentos mais engraçados do que neste quarto longa do iniciante Flaherty, em que ele, além do papel principal, é também o produtor executivo. Retomando seu tipo bonachão, faz, nesta comédia insossa, o inapto detetive Crumb, que deve solucionar o seqüestro de uma rica herdeira (Coleman). Incursionando em pistas falsas, Candy/Crumb resolve seu primeiro caso e é promovido a presidente da agência de detetives Crumb & Crumb. Embora com roteiro e argumento bem-arranjados, todo o elenco não consegue arrancar um sorriso sequer do inadvertido espectador. *D.P.*

UMA LINDA MULHER ★★★

(Pretty Woman, EUA, 1990) Direção: Garry Marshall. Com Julia Roberts, Richard Gere, Laura San Giacomo. Abril Vídeo.

O maior produto vendido pelos estúdios Disney (Touchstone) em 1990/91 — 184 milhões de dólares nos Estados Unidos — não é uma história infantil (seria infantilóide?), mas uma releitura da mítica Cinderela. *Uma Linda Mulher* conduziu a adorável Julia ao estrelato. Adorável menos pelo talento e mais pela beleza, displicência e vulgaridade inocente que ela emprestou ao personagem. Especializada em piadas sujas e por ser sexy e engraçada ao mesmo tempo, revelou-se um dos trunfos de *Pretty Woman*. A história é o catecismo de sempre: a prostituta Vivian (Julia) serve de dama de companhia para o superempresário Edward (Gere), que, inevitavelmente, se envolve com a fulana um pouco mais do que as convenções permitem. O título do filme era *Three Thousands* (o preço que ela cobra), mas foi rejeitado pelo público-teste e acabou levando o mesmo nome da canção-tema — outro trunfo! Deu a segunda indicação ao Oscar a Julia e colocou a pequena na calçada da fama. Boa noite, Cinderela! *Dilson Gomes*

DRAMA

CÚMPLICES NO AMOR ★

(Conspiracy of Love, EUA, 1987) Direção: Noel Black. Com Robert Young, Drew Barrymore, Elizabeth Wilson. Paris.

Um velho barbeiro (Robert Young, do antigo seriado *Papai Sabe Tudo*) desaba emocionalmente quando sua nora abandona a casa depois de uma discussão, levando a tiracolo a neta que ele tanto ama. Proibido pela Justiça de ver a menina, lança-se a uma luta infatigável para reconquistá-la. O excesso de sacarina — aliado à reiteração de alguns valores, tais como a glorificação da vida em família e a importância do lar — e um certo tom ufanista tornam este teledrama indigesto para quem esta à procura de algo mais consistente. *P.C.*

PERMISSÃO PARA TRAIR ★★★

(Guts & Glory: The Rise and Fall of Oliver North, EUA, 1989) Direção: Mike Robe. Com David Keith, Annette O'Toole, Bernard Hughes, Peter Boyle. CIC.

Primeiro telefilme (originalmente exibido em duas partes, somando mais de três horas de material) sobre a questão Irã-Contras, ou seja, o desvio ilegal de lucros obtidos na venda de armas americanas para o Irã para apoiar os Contras na Nicarágua. *Permissão...* enfoca a carreira de Oliver North, desde sua formação militar no Vietnã até o alto cargo na Segurança Nacional dos Estados Unidos. Reduzido para pouco menos de duas horas, a história é contada de forma ágil e concisa, capaz de elucidar até mesmo os leigos sobre o fato político. *Ch.P.*

A VOZ DO SILÊNCIO ★★

(Amazing Grace and Chuck / Silent Voice, EUA, 1987) Direção: Mike Newell. Com Jamie Lee Curtis, Gregory Peck, William L. Petersen. LK-Tel/Columbia.

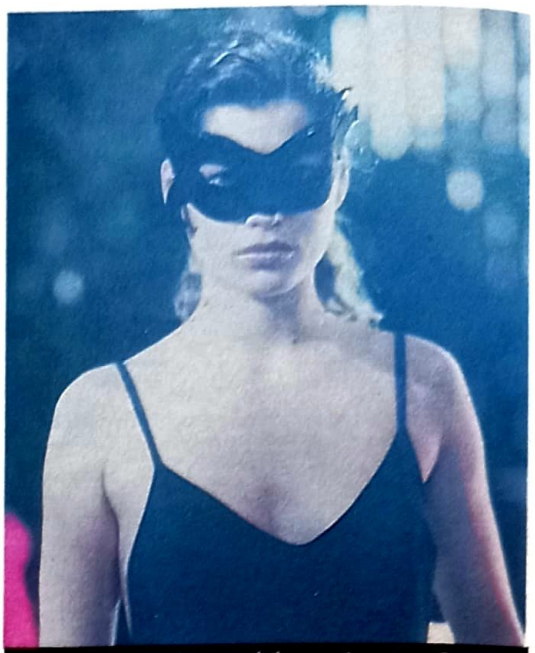
Poderia ser uma agradável fantasia utópica na linha das dirigidas por Frank Capra. No entanto, essa história de um garoto da Liga Infantil de Basquete que pára de jogar em protesto contra o armamentismo (e, conseqüentemente, se torna um herói) é difícil de digerir, principalmente por suas conclusões e a excessivamente morna tomada de posição. *Ch.P.*

VIDEOLANÇAMENTOS

HÁ SEMPRE UMA ESPERANCA ★
(Thursday's Child, EUA, 1983) Direção: David Lowell Rich. Com Rob Lowe, Gena Rowlands, Don Murray, Jessica Walter. América. Dublado em português.

Primeiro filme do galã Rob Lowe, que ultimamente se meteu em encrencas com corrupção de menores e anda em baixa com o público americano, principalmente por seu último filme, *Bad Influence*. Melodrama daqueles, bom para ver no sábado à noite, quando seu programa furou e os outros canais só têm noticiário de guerra. O garotão Sam (Lowe), bom aluno, bom esportista e bom com as garotas, é surpreendido antes de completar dezoito anos por uma doença séria no coração. Desenganado, começa a lutar contra a burocracia da medicina à espera de um doador. Dramalhão apelativo, só vale mesmo para alguém muito masoquista. *F.G.*

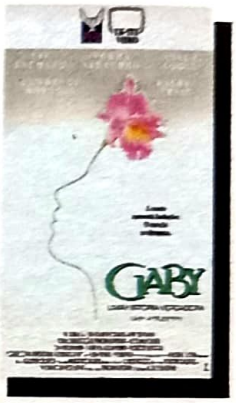
ORQUÍDEA SELVAGEM ★
(Wild Orchid, EUA, 1990) Direção: Zalman King. Com Mickey Rourke, Carré Otis, Jacqueline Bisset. América.
Uma "armação" comercial descarada do diretor King (co-roteirista de *9 1/2 Semanas de Amor*), a fita se apóia no appeal sado-sexy de Rourke, mas o resultado é paupérrimo e forçado. O astro de *Barfly* e *Nove Semanas*, é Wheeler, um "sedutor" (mas impotente) playboy que circula numa moto (lembrando *Rumble Fish*) e tem uma relação com Emily (a modelo Carré Otis) que trabalha para Claudia (Jacqueline Bisset, péssima) num turístico Brasil de cartão-postal. O Rio do filme é, em boa parte, Salvador. *A.Q.N.*


Carré cansa mais do que a beleza no impotente *Orquídea*

Papel de alto risco de Broderick com Fierstein em *Estranha Atração*

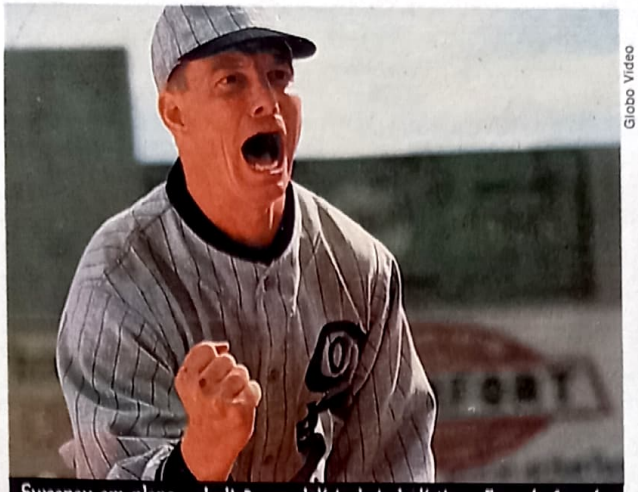
TEMPO DE GLÓRIA ★★★
(Glory, EUA, 1989) Direção: Edward Zwick. Com Matthew Broderick, Denzel Washington, Morgan Freeman. LK-Tel/Columbia.

ESSA ESTRANHA ATRAÇÃO ★★★
(Torch Song Trilogy, EUA, 1988) Direção: Paul Bogart. Com Harvey Fierstein, Anne Bancroft, Matthew Broderick, Brian Kervin. LK-Tel/Columbia.
Nada menos que quatro filmes interpretados por Matthew Broderick estrearam o ano passado nos cinemas: estes dois mais *Negócio de Família* (ao lado de Sean Connery e Dustin Hoffman) e *Um Novato na Máfia* (em que Broderick contracena com Marlon Brando). Todos os quatro, infelizmente, subestimados — estes lançamentos em vídeo são uma primeira chance de revisão. Todos revelam, igualmente, a versatilidade e o cuidado na escolha dos roteiros por parte do ator: se não significaram seu *boom*, com certeza continuam pavimentando uma carreira que já conta, entre outros, com os vibrantes desempenhos em *Ladyhawke, Metido em Encrencas, Curtindo a Vida Adoidado* e *Projeto Secreto — Macacos*.
Tempo de Glória reconstitui com rigor um episódio esquecido da Guerra de Secessão, em que um regimento nortista de soldados negros mudou o rumo dos combates ao tomar uma posição considerada inexpugnável. O detalhe é que o heróico regimento até então tinha sido motivo de desprezo do comando e das tropas, tendo sido recusados a ele até botas e armamentos. Broderick, como o comandante Robert Gould Shaw, um branco idealista porém inexperiente, tem seu papel ofuscado pelo de três atores negros, Denzel Washington (o rebelde), Morgan Freeman (o ponderado) e Cary Elwes (o aristocrático). Se, às vezes, é morno como cinema, também é história viva.
Essa Estranha Atração, sucesso nos teatros, escrito e estrelado pelo engraçadíssimo Harvey Fierstein, é uma *love story* desabusadamente gay. Um afetuoso transformista, seus casos, sua mãe (Bancroft) e seu filho adotivo (papel que, na versão teatral, foi o primeiro de Broderick, voltando agora como um dos namorados). Para as fãs que não têm medo de ver Matthew seduzindo outro barbado. *Alex Antunes*



GABY — UMA HISTÓRIA VERDADEIRA ★★
(Gaby — A True Story, México, 1987) Direção: Luis Mandoki. Com Liv Ullmann, Norma Aleandro, Robert Loggia e Rachel Levin. 20.20 Vision.
Irmão menos bem-sucedido do recente *Meu Pé Esquerdo*, *Gaby* narra o drama da jovem Gabriela Brimmer, que, assim como o personagem interpretado por Daniel Day Lewis, só se comunica com o pé esquerdo. Em *Gaby*, além do sexo do protagonista, mudam o período da ação e o cenário (respectivamente anos 70 e México). Ao cineasta Luis Mandoki cabe o mérito de tratar com sensibilidade temas como a descoberta da sexualidade (a

seqüência da primeira relação de Gaby é primorosa) e o preconceito contra os deficientes, em geral tratados de forma superficial e lacrimogênea. O ponto negativo fica por conta do roteiro detalhista ao extremo de Martin Salinas e Michael James Love. Destaque para a atriz Rachel Levin (Gaby), que consegue sobressair-se diante dos consagrados talentos de Liv Ullmann e Norma Aleandro. *R.C.*



Globo Vídeo

Sweeney em plena ebulição no delírio beisebolístico *Fora da Jogada*

FORA DA JOGADA ★★★

(Eight Men Out, EUA, 1988) Direção: John Sayles. Com John Cusack, John Mahoney, Charlie Sheen, Christopher Lloyd, D. B. Sweeney. Globo Vídeo.

A história é desportiva e real: em 1919, no campeonato americano de beisebol, os White Sox, de Chicago, venderam os resultados de seus jogos para favorecer um grupo de apostadores. Sayles (de *Return of the Secaucus 7*, um *Reencontro* "avant la lettre") dá uma idéia bastante bem-acabada da época, com os primórdios do delírio beisebolístico, torcidas e jogadores em plena ebulição e o espírito esportivo atravessando uma de suas mais duras provas. O problema é o beisebol, cujo desconhecimento básico de regras e macetes pode tirar um pouco da graça do filme. Apesar disso, *Fora da Jogada* é diversão de primeira, pois herdou todas as boas características das fitas desportivas: é emocionante, realista nas melhores jogadas e estrategicamente hiperbólico quando necessário. *Carlos Volpato*

AVENTURA

INIMIGO MORTAL ★★

(Eye of the Tiger, EUA, 1986) Direção: Richard C. Sarafian. Com Gary Busey, Seymour Cassell, Yaphet Kotto, Bert Remsen. Top Tape.

O diretor do clássico contracultural *Corrida Contra o Destino* (1970) realizou uma aventurazinha correta com a música-tema do *Rocky* original, que ainda dá nome ao filme. É um ex-policial vingando a morte sádica da esposa por uma gangue tipo Hell's Angels, numa cidadezinha texana. A dose comum de ação, violência e areia. *Ch.P.*

CONDENAÇÃO BRUTAL ★★

(Lock up, EUA, 1989) Direção: John Flyn. Com Sylvester Stallone, Donald Sutherland, John Amos, Darlanne Fluegel. LK-Tel/Columbia.

O "bonzinho" Frank (Stallone) está na prisão cumprindo pena por um crime que cometeu para vingar o roubo à oficina de seu pai. Presidiário de bom comportamento e amado por todos os colegas — e guardas —, é surpreendido, a seis meses da liberdade, por uma misteriosa transferência para um presídio de alta segurança dirigido por Drumgoole (Sutherland), inimigo de velhos tempos. Começa uma verdadeira caçada contra o durão Frank, que vai sofrer muito até resolver se vingar. Sutherland está ótimo como diretor, mas o filme é dos coadjuvantes, que esbanjam talento em seus papéis secundários. *F.G.*

KARATE KID 3 ★★

(The Karate Kid III, EUA, 1989) Direção: John G. Avildsen. Com Ralph Macchio, Noriyuki "Pat" Morita, Robyn Elaine Lively, Martin Kove. LK-Tel/Columbia.

Ralph Macchio encarna pela terceira vez o carateca leal e devotado aos ensinamentos pseudofilosóficos de seu mestre, o senhor Miyagi ("Pat" Morita). Agora, ele deve enfrentar um complô armado por um ex-adversário, disposto a ir à forra após conhecer a derrota e a humilhação. Na verdade, os grandes adversários do jovem campeão são o roteiro implausível e uma fórmula repetida até a exaustão. Se Karate Kid não se cuidar, corre sério risco de transformar-se num Rocky imberbe. *P.C.*

UMA LINDA MULHER

AGORA EM VÍDEO

© Touchstone Pictures

RICHARD GERE
JULIA ROBERTS

Esperam por você em todas as locadoras do Brasil!

abril vídeo

TOUCHSTONE HOME VIDEO

VIDEOLANÇAMENTOS

Warner

A natureza rouba a cena de Redford e Geer no fulgurante *Jeremiah*

O PREÇO DE UM HOMEM ★
(The Family, Itália, 1970) Direção: Sergio Sollima. Com: Charles Bronson, Jill Ireland, Telly Savalas, Michael Constantino. Elite.
Charles Bronson está duro de agüentar neste clichezão de aventura, cheio de perseguições de todos os tipos, com fundo projetado, revanches e injustiças feitas com as próprias mãos. Jeff (Bronson) é um matador de aluguel que enfrenta a raiva dos chefes de organizações clandestinas quando resolve trabalhar sozinho. Eles roubam até sua namorada, que, como toda mulher de malandro, tem gostos duvidosos. Produção italiana daquelas que todo o dinheiro era gasto para contratar o primeiro nome do elenco, e o filme era rodado com o que sobrava. Tem como curiosidade o nome de Lina Wertmuller assinando o roteiro, entre outros. Bronson já ensaiava a cara de sanguinário inescrutável que o fez famoso na década passada. Só dá desejo de desligar. *F.G.*

O JULGAMENTO DO INCRÍVEL HULK ★
(The Trail of the Incredible Hulk, EUA, 1989) Direção: Bill Bixby. Com Bill Bixby, Lou Ferrigno, Rex Smith. Paris.
É o mesmo de sempre. Na hora da raiva ele fica verde, enfurecido, e os algozes são implacavelmente abatidos. Mas o problema maior deste *O Julgamento do Incrível Hulk* anacrônico é que pouca coisa funciona, desde a história confusa à ingenuidade das situações, além da péssima atuação dos atores. A pseudo-seriedade do roteiro causa irritação: o apático Bill Bixby (que é também o diretor) tenta em vão ressuscitar a série de TV, de grande sucesso na década de 70, mas só consegue passar tédio e uma extrema falta de talento. *M.A.G.*

WESTERN

JEREMIAH JOHNSON — MAIS FORTE QUE A VINGANÇA ★★★
(Jeremiah Johnson, EUA, 1972) Direção: Sydney Pollack. Com Robert Redford, Will Geer, Stefan Gierasch. Warner.
Robert Redford é o desajustado que se isola nas selvagens montanhas de Utah, em meio a ursos, ermitões, índios hostis e caçadores de pele. Personagem emblemático em sua ânsia por fugir aos efeitos corrosivos da civilização, ele busca na comunhão com a natureza um meio de preservar sua individualidade e, mais do que isso, sua integridade — e só por isso consegue sobreviver às condições adversas. Este western ecológico de Sydney Pollack é narrado de forma pausada, quase contemplativa, como se pretendesse acompanhar o ritmo vagaroso mas infalível da natureza, captada em todo o seu fulgurante esplendor. A natureza, mais do que o homem, é a autêntica protagonista do filme, que nos faz lembrar a todo minuto que é o homem — ao mesmo tempo frágil e violento, vulnerável e destrutivo — o elemento desagregador da ordem natural. *Paulo Capuzzo*

Cidade/Azul

VIDEOTECA

O QUE ME INSPIRA

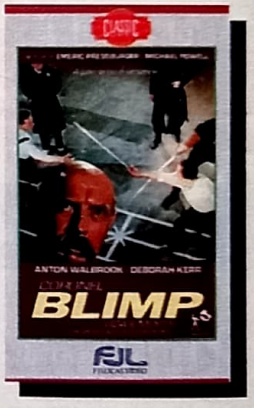
André Christovam, 32, guitarrista e compositor, conhecido como o *blues man* brasileiro.

"Um filme que vi várias vezes e não me esqueço é *Coração Satânico*, de Alan Parker (Transvídeo). Acho que é um dos melhores dos últimos anos. O clima de suspense, a história, a composição das imagens e da trilha musical — perfeitos. Foi um vídeo que me trouxe inspiração para o disco que eu estava preparando."

GUERRA

CILADA MORTAL ★★
(Weekend War, EUA, 1988) Direção: Steven H. Stern. Com Stephen Collins, Daniel Stern, James Tolkan, Michael Beach. Vídeo Arte.
Primeiro telefilme a tratar exclusivamente das guerrilhas na América Central. Pouco inspirado, as cenas de ação são o melhor diante de sua modéstia política. O filme acompanha uma tropa de fim de semana que deveria apenas montar uma pista em Honduras, e que acaba reconstruindo uma ponte explodida e se vê no meio do fogo armado entre Honduras e Nicarágua. Se não houvesse a citação nominal a estes países, as situações criadas poderiam se desenrolar em qualquer lugar. *Ch.P.*

DESAFIO DAS ÁGUIAS ★★★
(Where Eagles Dare, Inglaterra, 1969) Direção: Brian G. Hutton. Com Richard Burton, Clint Eastwood, Mary Ure, Patrick Wymark. Vídeo Arte.
Aventura de guerra cuja inverossimilhança e falta de lógica a serviço da pura e ininterrupta ação lembram muito a estrutura dos antigos seriados cinematográficos. O roteiro de Alistair MacLean, que parte de seu best-seller homônimo, acompanha sete agentes aliados numa missão suicida: resgatar um importante general americano das mãos do alto comando alemão, durante a Segunda Guerra Mundial. Detalhe: ele se encontrava preso no topo de uma montanha praticamente inalcançável. Duas horas e meia de clímax sucessivos. *Ch.P.*



CORONEL BLIMP — VIDA E MORTE ★★★
(The Life & Death of Coronel Blimp, Inglaterra, 1943) Direção: Emeric Pressburger e Michael Powell. Com Anton Walbrook, Deborah Kerr, John Laurie. F.J. Lucas.
Fascinante e bem-humorado apólogo do bom soldado dos velhos tempos, cujo código de honra foi

varrido pela guerra moderna, sem ética nem regras. Mesmo rodado em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, o debate que o filme levanta é surpreendentemente atual num momento de dúvidas sobre guerra química e terrorismo ecológico. A direção, assinada pela dupla Pressburger-Powell, é ousada e competente, bem além do estereótipo de seu período. Paralelo ao tom ideológico do argumento há a bela história de uma amizade eterna entre inimigos, nos moldes retomados pelo primeiro cult de Ridley Scott, *Os Duelistas*. Walbrook esbanja vitalidade como o soldado que gosta de seu "trabalho", e Deborah Kerr é delicada e intrigante no papel de três mulheres diferentes que acompanham a longa luta do coronel. *I.R.S.*

MUSICAL

OS GUARDA-CHUVAS DO AMOR ★

(Les Parapluies de Cherbourg, França, 1964) Direção: Jacques Demy. Com Catherine Deneuve, Nino Castelnuovo. LK-Tel/-Columbia.

Esses franceses... Jacques Demy (1931-1990) certamente não está na pequena lista dos que escapam da chatice cavalar que impregna os cineastas por dentro e por fora dos *Cahiers du Cinema*. Demy teve a honra duvidosa de dirigir o primeiro filme inteiramente cantado da história. Aquela história: o cidadão começa a cantarolar até mesmo para perguntar onde é que fica o banheiro. E o cidadão que responde onde é que fica o banheiro também começa a cantar. Uma overdose melômana que nem a música magnífica de Michel Legrand consegue salvar. Assim, imploramos por um reles dialogozinho neste musical-total a respeito de uma impossibilidade amorosa que envolve uma jovem Catherine Deneuve (com a expressão de um patê de chuchu, dublada pela irmã de Legrand) e um "inesquecível" Nino Castelnuovo, que fora lutar na guerra da Argélia e perde o trem do amor ao voltar para a terra natal (a cidade portuária de Cherbourg do título original). O mais tétrico é que um filho legítimo dos *Cahiers* conseguiu perpetrar (ainda no ano passado!) uma espécie de paráfrase textual de *Guarda-Chuvas*, o incrível *Nouvelle Vague*, em que não há diálogos originais, só citações. *C.V.*

Catherine afina a dublagem na chatice cantante *Os Guarda-Chuvas*

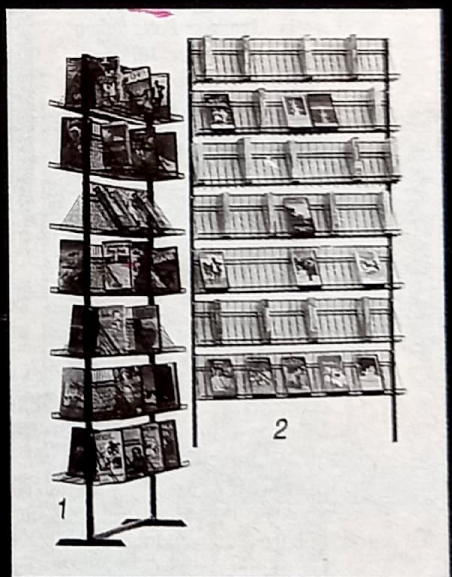
VÍDEO LOCADORA, UM NEGÓCIO SIMPLES E LUCRATIVO!!!

A TZ TEM TUDO PARA VOCÊ MONTAR, EQUIPAR OU MODIFICAR SUA VÍDEO LOCADORA.

Atendimento de 2ª a sábado, das 8 às 19 horas.

— Estojos para fitas (vários modelos)
- Ficha de cadastro de clientes com contrato de locação
- Protetor para ficha de cadastro
- Bloco de comanda (recibo de entrega)
- Etiqueta protetora de Selo do Concine
- Fichas "T" Sinopse
- Protetor para Ficha "T"
- Chapeiras (Fichário)
- Controle de saída de filmes
- Etiquetas diversas
- Carteirinha de sócio (com protetor plástico)
- Sacolas
E muito mais...
Para maiores informações, enviamos via correio mostruário e relação completa de acessórios

1 Expositor ondular central para 180 fitas
2 Expositor ondular de parede para 90 fitas



1 Expostior aramado central para 364 ou 182 fitas
2 Expositor aramado de parede para 182 ou 56 fitas

TZ®

Rua dos Buritis, 436 — São Paulo — CEP 04321
ESTAÇÃO JABAQUARA DO METRÔ
Tel.: (011) 578-7277

(Não temos representantes).
Faça seu pedido por telefone ou pessoalmente.
Despachamos para todo o Brasil
mediante ordem de pagamento.

Warner

A dupla harmônica Liza e De Niro: virtuosismo em *New York*

NEW YORK, NEW YORK ★★★

(EUA, 1977) Direção: Martin Scorsese. Com Robert De Niro, Liza Minelli. Warner.

Aclamado por uns, odiado por outros, *New York, New York* coloca todo o potencial estilístico de Martin Scorsese a serviço de um roteiro simplório. Na eufórica América pós-Segunda Guerra, o temperamental saxofonista Jimmy Doyle (Robert De Niro) apaixona-se pela cândida vocalista Francine Evans (Liza Minelli). Os dois tentam conciliar inutilmente o cotidiano matrimonial com a vida artística. Resultado: o romance, que inicia em ritmo de *big band*, termina em compasso de *blues*. Com a elegância e o virtuosismo que lhe são peculiares, Scorsese consegue extrair leite de pedra. *New York, New York*, apesar da longa duração, seduz pelos movimentos de câmera, pela interpretação dos atores (destaque, óbvio, para De Niro), pelo requinte da produção e pela seleção musical. Scorsese mergulha no romantismo nostálgico de uma América idealizada feita de neon, jazz e romance. O Coppola de *O Fundo do Coração, Cotton Club* e *Tucker* remete-nos obrigatoriamente a este filme. As melhores seqüências musicais, no entanto, não procuram resgatar o ilusionismo da Hollywood da década de 40 (exceção ao número *Happy Endings*, mutilado nas versões tanto para o cinema como para esta cópia lançada agora no Brasil). A ênfase no realismo destas seqüências é tal que por vezes chegamos a esquecer que De Niro está sendo dublado pelo saxofonista Georgie Auld. Só para registrar, o número *New York, New York*, interpretado por Liza Minelli, continua primoroso. O espectador ainda com as imagens fortes de *Os Bons Companheiros* na cabeça certamente irá se surpreender com a leveza de *New York, New York*.

Ricardo Cota

TERROR

PSYCHOCOP — NINGUÉM ESTÁ EM SEGURANÇA ★

(Psychocop, EUA, 1989) Direção: Wallace Potts. Com Bobby Ray Shafer, Jeff Qualle, Cynthia Guyer. Paris.

Se existe um Robocop, por que não um Psychocop? Ele é um tira psicopata, que se diverte massacrando adolescentes assustadoramente instalados numa mansão interiorana, durante um fim de semana. Qualquer semelhança com *Sexta-Feira 13* e subprodutos afins não é mera coincidência. Como aqueles, esta é uma produção "B", empenhada unicamente em provocar gritinhos de espanto em seu público-alvo — adolescentes impressionáveis. Se é que ainda exista alguém capaz de se impressionar com a repetição de velhos e desgastados clichês.

P.C.

O SUPERTREM — EXPRESSO PARA O TERROR ★

(Express to Terror, EUA, 1979) Direção: Dan Curtis. Com Steve Lawrence, Stella Stevens, George Hamilton, Don Meredith. Screen Life.

Piloto de série feita para TV. Empresário megalomaníaco constrói um trem expresso luxuosíssimo que vai de Nova York para Los Angeles em 36 horas. Nesse pequeno espaço de tempo ocorrem assassinatos entre os convidados para a primeira viagem do expresso. Ameaçado de terror, quem tem mesmo pesadelos é o espectador. Este "Barco do Amor" ferroviário consegue unir em sofríveis 101 minutos tudo o que há de pior em narrações novelescas ou seriados "B" de televisão da década de 70. Conflitos paralelos mal explicados, assassinos disfarçados, madames de araque, mocinhos ultrapassados e desfechos quase previsíveis, se o roteiro fosse compreensível. *F.G.*

UIP

O despojado *Vermes*: o minhocão subterrâneo caça Fred Ward

HEAVY-METAL DO HORROR ★★★

(Trick or Treat, EUA, 1986) Direção: Charles Martin Smith. Com Marc Price, Doug Savant, Ozzy Osbourne, Gene Simmons. Mundial.

Jovem é segregado e ridicularizado no colégio por ser metaleiro. Sente-se definitivamente sozinho quando seu astro de rock favorito morre misteriosamente. Até que um disc-jóquei lhe dá a matriz única de um LP seu não lançado. Este tesouro se revela um presente de grego. Não há novidade alguma em se fazer um filme de terror, recorrendo-se às sugestões demoníacas comuns em letras e encenações *heavy*. Curioso é notar que este filme, acima da média atual, é a única direção de um ator acostumado a papéis "sensíveis" como *Loucuras de Verão, Os Lobos Não Choram* e *Starman*. Ele consegue criar um bom clima na parte inicial, usando de todos os clichês, e realiza um filme curtível, não fosse o final descontrolado (mal da maioria das fitas de horror atuais). Para os fãs deste gênero musical, Simmons (Kiss) faz o DJ enquanto Osbourne é um padre conservador (!).

Ch.P.

O ATAQUE DOS VERMES MALDITOS ★★★

(Tremors, EUA, 1990) Direção: Ron Underwood. Com Kevin Bacon, Fred Ward, Finn Carter. CIC.

A receita é de filme "B": uma diminuta cidade no deserto de Nevada, uma população que parece não chegar a dez habitantes, uma atraente cientista, Rhonda (Finn Carter), pesquisando os recentes abalos sísmicos ocorridos no lugar, e dois semivagabundos espirituosos que vivem de bicos, Valentine (Bacon) e Earl (Ward). E, claro, quatro vermes de aproximadamente nove metros de comprimento — que bem poderiam ser filhotes dos vermes de *Duna* —, correndo feito loucos sob o solo e espalhando terror. A trama

é despojada: Valentine e Earl são os heróis que enfrentam e coordenam um destacamento improvisado de cidadãos que combate os monstrengos. O charme do filme é sua despretensão, seu excelente bom humor, o magnífico desempenho do elenco e a energia da direção. Para se ver com os amigos, tomando cerveja. *W.S.*

Abril Vídeo

O aprazível *Alvo da Morte* tem os bons Hackman e Dillon

SUSPENSE

O OUTRO LADO DE LONDRES ★★
(Hidden City, Inglaterra, 1987) Direção: Stephen Poliakoff. Com Charles Dance, Cassie Stuart, Bill Paterson, Richard E. Grant, Alex Norton. Wera's.
Dirigido e escrito por Poliakoff e produzido pela Channel 4, da Inglaterra, o filme provocou polêmicas na imprensa inglesa por revelar o uso de porões governamentais ingleses como laboratório de cobaias humanas para experimentos nucleares, durante a Segunda Guerra. A denúncia do filme é muito mais forte que a sua realização, duvidosa entre o acusativo e o registrativo. Além disso, a atriz Cassie Stuart é um tormento difícil de engolir. Mesmo assim, os fatos desconhecidos e aqui trabalhados mantêm o interesse. *Ch.P.*

ALVO DA MORTE ★★★
(Target, EUA, 1985) Direção: Arthur Penn. Com Gene Hackman, Matt Dilon, Gayle Hunnicutt, Victoria Fyodora, Josef Sommer. Abril Vídeo.
Penn, o diretor de *Bonnie and Clyde, O Pequeno Grande Homem* e *Duelo de Gigantes*, fez nos anos 80 um surpreendente giro ao cinema mais convencional. O que pesa sobre este simpático thriller de espionagem é exatamente essa expectativa excessiva — a mesma que tem comprometido filmes de Pakula e Nichols. *Alvo da Morte* é uma espécie de *Busca Frenética*, de Polanski, às avessas: um pacífico negociante americano (Hackman), cuja esposa é raptada em Paris, revela-se um tremendo ex-agente secreto, para surpresa do filho (Dillon), que considerava o genitor um cara meio devagar. A trama se desloca agilmente às duas Alemanhas (a época totalmente estanque), até um final previsível. Para quem não espera muito mais do que as boas atuações de Hackman e Dillon, cercados por um bom punhado de mulheres bonitas e espiões cruéis. *A.A.*

FIQUE A MIL
EM MATÉRIA DE FILMES
NÃO DEIXE ISSO PASSAR

Em maio, você vai poder ficar por dentro do que existe de mais interessante em fitas de vídeo: nesse mês sai a edição semestral atualizada do GUIA 1000 VÍDEOS.

Nele você vai encontrar todos os tipos de filmes, selecionados por gênero, com uma sinopse contendo o que você precisa saber sobre cada título. E o guia inclui índice por diretores e atores, para facilitar ainda mais as coisas.

VEM AÍ
1000
VÍDEOS
EM BRANCO.
EDITORA AZUL

VIDEOLANÇAMENTOS

Ronaldo Xelini/Azul

Versão trapalhona de *Robin Hood*: a recompensa de Aragão são "beijinhos, beijinhos" de Xuxa

NACIONAL

O MISTÉRIO DE ROBIN HOOD ★★

(Brasil, 1990) Direção: José Alvarenga Jr. Com Renato Aragão, Dedé Santana, Mussum, Xuxa Meneghel, Carlos Eduardo Dolabella, Duda Little. Globo Vídeo.

Retomando a história do herói lendário da Idade Média inglesa Robin Hood, Renato Aragão, associado à Xuxa Produções, realizou este seu 37º longa. Plasticamente bem-acabado com roteiro de Mauro Wilson e argumento do próprio Aragão, este Robin Hood do asfalto cumpre seu papel de agradar às crianças fãs dos Trapalhões e da Xuxa — e aos pais que gostam dos atributos físicos da atriz, com dois papéis no filme — o de filha do mágico e o do Moleque, vendedor de amendoins. Com direito a um romance entre Xuxa e Aragão, quem se destaca é a mascote Duda Little, impecável como uma garotinha desmemoriada. *D.P.*

SONHO DE VERÃO ★

(Brasil, 1990) Direção: Paulo Sérgio de Almeida. Com Sérgio Mallandro, Paquitas, Paquitos. Globo Vídeo.

O diretor Paulo Sérgio de Almeida foi assistente de direção de Cacá Diegues em *Chuvas de Verão* (1977) e parece que não aprendeu muita coisa ao realizar este terceiro longa. Nos oitenta enfastiosos minutos de *Sonho de Verão* o que se salva é a boa fotografia de Edgar Moura — e, para quem gosta, Paquitas e Paquitos rebolando e cantando ao sol. Quanto à história, é a de sempre: Mallandro quer conquistar Andréa Veiga e invade uma mansão, para onde vão seus amigos (o grupo Yahoo) e um ônibus com um bando de adolescentes que estavam a caminho de uma colônia de férias. O resto é cantoria e romance, com direito a uma ponta de Faustão e seu caminhão. *D.P.*

José Renato/Azul

VIDEOTECA

O QUE EU ESTUDO

Maria Alice Vergueiro, 51 anos, atriz de teatro e novelas.

"Para compor meus personagens, estudo vários filmes. Agora mesmo, estou vendo *Romeu e Julieta*, de Franco Zeffirelli (CIC Vídeo), *Henrique V* e *Hamlet*, ambos de Laurence Olivier (F.J. Lucas), para fazer a assistência de direção da peça *Sonho de uma Noite de Verão*. São bárbaros."

PARADA

Fevereiro

Os mais alugados

1 Sociedade dos Poetas Mortos (Abril Vídeo)
2 O Predador (Abril Vídeo)
3 Nascido em 4 de Julho (CIC)
4 A Caçada ao Outubro Vermelho (CIC)
5 Duro de Matar (Abril Vídeo)
6 Susie e os Baker Boys (Look)
7 Alien, o 8º Passageiro (Abril Vídeo)
8 Dicky Tracy (Abril Vídeo)
9 Gremlins 2 (Warner)
10 Tentação Perigosa (Warner)

Fontes: OMNI, 2001, Vídeo Factory, Vídeo Norte, Hobby Vídeo, Thimi Vídeo (SP); Vídeo Shack (RJ); Mister Vídeo (DF); Scorpius Vídeo, Star Vídeo (GO); Vídeo Mania (PR); Solução Vídeo, Cia de Vídeo (MG).

Os Mais Selados

1 Robocop (LK-Tel/Columbia)
2 De Volta para o Futuro III (CIC)
3 48 Horas - Parte 2 (CIC)
4 Acima de Qualquer Suspeita (Warner)
5 Convenção das Bruxas (Warner)
6 Um Médico Irreverente (Abril Vídeo)
7 Gremlins 2 (Warner)
8 Crazy People — Muito Doidos (CIC)
9 Criaturas 2 (LK-Tel/Columbia)
10 O Ataque dos Vermes Malditos (CIC)

Fonte: Departamento de Planejamento e Coordenação da Secretaria de Cultura da Presidência da República.

DOCUMENTÁRIO

MASSACRE NA AMÉRICA ★★★

(The Killing of America, EUA, 1981) Direção: Sheldon Renan. F.J. Lucas.

Não é à toa que a década de 80 culminou com um ódio indisfarçável dos americanos contra os japoneses. Se não bastasse a invasão nipônica na indústria cibernética e na cinematográfica, há filmes como este, produzido por japoneses no começo da década passada, que já traziam uma imagem aterradora de como teria desmoronado o *american way of life*. O roteiro de Leonard e Chieko Schrader levantou os mais impressionantes casos criminais da América desde a morte dos Kennedy. Mostra como o país se desvirtuou ao criar a sub-raça dos assassinos pelo prazer, geralmente jovens soldados ou estudantes que, sem motivo aparente, passaram a chacinar pessoas. Culminando com a morte de John Lennon e seu indefectível *Imagine*, é um documento que não precisa ir além do mero narrar dos fatos para ser controverso. *Ch.P.*

RUIM ★
REGULAR ★★
BOM ★★★
EXCELENTE ★★★★
OBRA-PRIMA ★★★★★

SHOPPING VÍDEO - WARNER HOME VIDEO - SHOPPING VÍDEO - WARNER HOME VIDEO - SHOPPING VÍDEO - WARNER HOME VIDEO

Amigos Muito Íntimos

shopping VIDEO

FIRMAM ACORDO PARA DISTRIBUIÇÃO DE CATÁLOGO NO RIO

O SHOPPING VÍDEO PASSA A SER DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO DO CATÁLOGO DE FILMES DA WARNER HOME VIDEO

PARA COMEMORAR ESTE ACORDO NÃO PERCAM NOSSAS PROMOÇÕES

TANGO & CASH - A COR PÚRPURA - MÁQUINA MORTÍFERA I, II - FLASH - GREMLINS - TENTAÇÃO PERIGOSA - MAD MAX I, II, III - LOUCADEMIA DE POLÍCIA I, II, III, IV, V, VI - BLADE RUNNER - MATADOR DE ALUGUEL - IMPÉRIO DO SOL - LARANJA MECÂNICA - SONHOS - CASABLANCA - O ILUMINADO - E mais todos os títulos do catálogo da Warner.

PROMOÇÕES DO MÊS*

FÉRIAS FRUSTRADAS NATAL	Cr$ 8.900,-
007 - Todos os títulos	Cr$ 13.900,-
COUSTEAU (NILO - RUÍNAS PERDIDAS DO MAR)	Cr$ 7.900,-
BONNIE AND CLYDE	Cr$ 8.900,-
DIFÍCIL DE MATAR	Cr$ 9.900,-

Preços unitários, promoção válida para 50 unidades de cada título, atendimento fora do expediente c/secretária eletrônica, sedex grátis para compras superiores a Cr$ 60.000,00

Procure em uma de nossas lojas ou, se preferir, ligue para o nosso televendas

Compre pelo telefone com CARTÃO DE CRÉDITO, sem acréscimo

Chame shopping VIDEO

- ATENDIMENTO 24 HORAS
- SEDEX GRÁTIS PARA TODO O BRASIL

PABX
(021) 390-7100
DDD GRÁTIS
(021) 800-9102
(INTERIOR E OUTROS ESTADOS)
FAX
(021) 359-7631

TIJUCA I - RIO - RJ
Rua São Francisco Xavier, 378-A - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20.550 - PABX (021) 284-1622/9500 FAX (021) 264-2698

TELEVENDAS - RIO - RJ
PABX (021) 390-7100
DDD GRÁTIS (021) 800-9102 (INTERIOR E OUTROS ESTADOS)
FAX (021) 359-7631

MADUREIRA - RIO - RJ
Estrada do Portela, 99 Sala 310 Ed. POLO I Rio de Janeiro - RJ
CEP 21351 - Fones (021) 350-4966 - 390-2573 FAX (021) 359-7631

MACAÉ - RJ
Rua Télio Barreto, 32
Centro - RJ - CEP 28700
Fones (0247) 62-5522 - 62-2670

CAMPOS - RJ
Rua Joaquim Nabuco, 77
Centro - RJ - CEP 28100
Fone (0247) 23-7274

CAMPO GRANDE - RIO - RJ
Rua Cel. Agostinho, 142 Loja 5 - No Calcadão
Centro - RJ - CEP 23050
Fone (021) 394-5188

RIO DAS OSTRAS - RJ
Rua Rêgo Barros, 217
Centro - RJ - CEP 28870

RIO COMPRIDO - RIO - RJ
Rua do Bispo, 83 - U. Estácio de Sá
Rio de Janeiro - RJ - CEP 20261
Fone (021) 293-9786

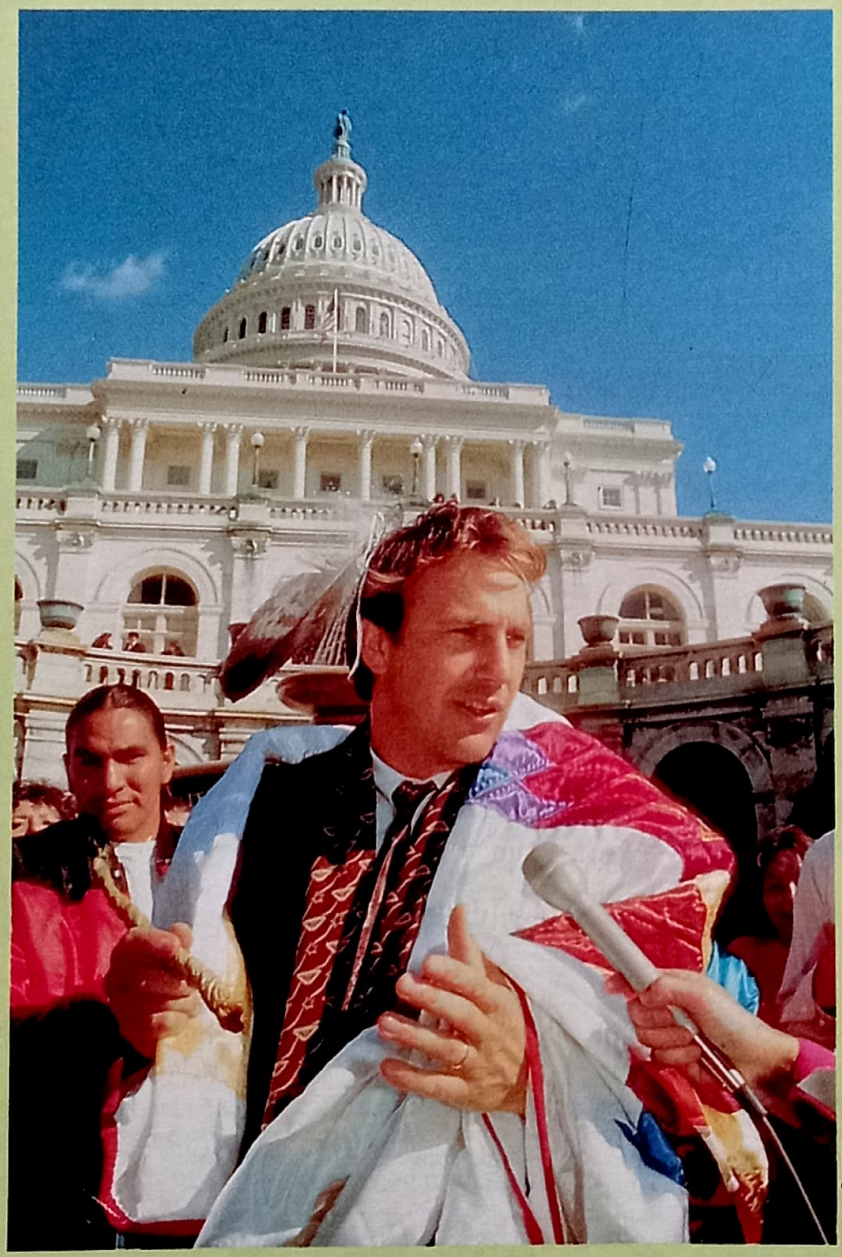
TIJUCA II - RIO - RJ
Rua Barão de Mesquita, 195 - B
Rio de Janeiro - RJ - CEP 20540
Fone (021) 264-8606

VILA ISABEL - RIO - RJ
Av. 28 de Setembro, 44 Sala 206
Rio de Janeiro - RJ - 20551
Fone (021) 284-5494

QUINTINO - RIO - RJ
Rua Amália, 08 loja A
Rio de Janeiro - RJ - CEP 21380

O MITO QUE RESP

Depois de *Dança com Lobos*, a luz de Kevin Costner parece inesgotável. Ele é um herói que renasceu dos bons e velhos tempos, uma lenda precoce e sólida, um astro de caráter simples, honesto e leal; o ideal de virtude do homem americano



Liaison-Gamma

19 de outubro de 1990. A um mês da estréia de *Dança com Lobos* nos EUA, o ator e diretor da saga dos Sioux de cem anos atrás, é "adotado" como honorário pelos Sioux da atualidade na frente do Capitólio, em Washington. *Dança com Lobos* é o primeiro filme americano do qual os índios se orgulham oficialmente

Há pelo menos uma explicação racional para a ascensão arrasadora de Kevin Costner. O agente dele é Michael Ovitz, o sujeito mais poderoso de Los Angeles. Hollywood hoje não conta, todo mundo já sabe. É fachada pra turista, só serve pra gente comprar aqueles minioscar de plástico escrito embaixo "best mom". A indústria, o dinheiro, as peruas esfuziantes que vivem de vender entusiasmo, os restaurantes, tudo isso está em Los Angeles, que é logo ali. Ou melhor, é logo aqui. Hollywood é que ficou acolá. Ovitz, 44 anos, dono da CAA (Criative Artists Agency), manda nessa Hollywood que se mudou para Los Angeles, mais exatamente para Beverly Hills. É de lá que, no comando de seus 70 agentes (todos jovens, abaixo da casa dos 35 anos), ele controla a vida de 600 estrelas da literatura, do cinema e do *showbiz*. Madonna, Michael Jackson, Gore Vidal, Stephen King, Steven Spielberg e Kevin Costner.

É claro que o último é um galã e tanto. Nem os índios, hoje em dia, podem se permitir ignorar o carisma desse jovem senhor de 36 anos, casado com Cindy Silver, pai de duas garotas (6 e 4 anos) e um caçulinha, de 2 anos e meio (todos, aliás, aparecem numa mesma cena de *Dança com Lobos*). Não há mais crítico ao redor do mundo que não o compare a Cary Grant, pelo estilo simples e viril, peculiar a ambos.

Costner é assim. Se cultiva algum vício ou se pratica falcatruas, faz tudo muito bem escondidinho. O charme e o perfil indiscutivelmente antiquados fazem dele a ressurreição possível dos velhos tempos, no meio de uma nação dividida. Dentro da fábrica de sonhos, que padece de elefantíase

LANDECE

Warner

Ainda em 1991 ele deve chegar às telas no papel de Robin Hood em *Prince of Thieves*, uma produção de 50 milhões de dólares, rodada durante cinco meses na Inglaterra

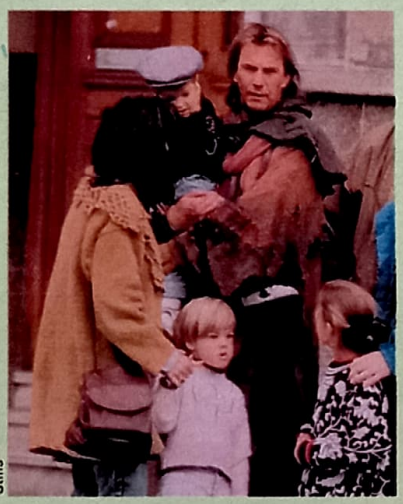
de ego e de economia perdulária, Costner vende com maestria a imagem eficiente de ser um cidadão atípico. Abdicou (com a devida divulgação na imprensa) do seu cachê em *Dança com Lobos* só para não onerar ainda mais a produção de 17,5 milhões de dólares (administrados pela "Tig Productions", chefiada pelo irmão Dan e batizada com o apelido da avó). E ainda se beneficiou, no final, da fama de artista espartano. Fez muito com pouco. 17,5 milhões de dólares é um custo bastante baixo para um filme de três horas, rodado em externas, com centenas de figurantes, milhares de búfalos, farto em autóctones a caráter balbuciando línguas incompreensíveis para os *teenagers* que fazem a glória ou a desgraça de qualquer filme nos EUA. São eles que pagam ingresso e já deixaram pelas roletas mais de 120 milhões.

Costner não sabia que seria assim desde o começo, em 1989, quando só pôde levantar dinheiro junto a investidores ingleses, liderados pelo Majestic Films International. Sobretudo porque era aquele o primeiro filme que ele iria dirigir. Uma aventura e tanto — a ponto de nenhum outro diretor de verdade ter topado. Imagine só. Aquele monte de índio... não ia dar certo.

E como deu certo. Costner amealhou, além de um pouco mais de fama e mais um montão de fortuna, três Globos de Ouro, um Urso de Prata especial no Festival de Berlim, em fevereiro, e nada menos do que doze indicações na Academia. Se você acha pouco, pense no seguinte — até hoje essa marca só foi igualada ou superada por três outros filmes: *Ben Hur*, de 1959 e *Reds*, de 1981, com doze; e *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?*, de 1966, com treze. Ninguém, em nenhum continente, deixa de, pelo menos, arquear sobrolhos para Kevin Costner.

O fato, enfim, é que existe muito mais do que belos olhos na trajetória do ator, que, até 1987, quando viveu o Eliot Ness em *Os Intocáveis* de Brian de Palma (1987), mal passava de um nome do segundo time. Devem-se computar, aí, a excelência, o poder e a argúcia da CAA de Michael Ovitz. Levantar um nome assim é coisa para profissionais.

PISOTEAR CULTURAS — Mas o que torna o caso de Costner muito particular é que não existem apenas explicações racionais para tamanho êxito em tão pouco tempo. Ele é um mito consolidado, vivo

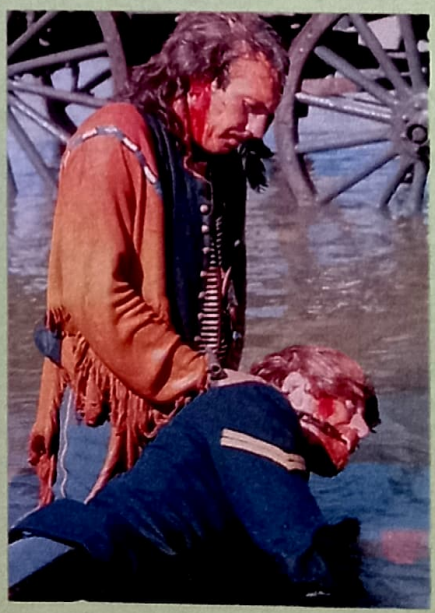


Stills

Dirigindo em Dakota do Sul, à direita, e com a família, à esquerda. A esposa Cindy, de costas, ajuda-o com os filhos Lilly, Annie e Joe, no colo

Fotos Warner

No filme, o tenente Dunbar está prestes a ver sua perna amputada. Movido por um impulso suicida ele calça novamente as botas, investe contra a trincheira inimiga e vira o herói do pelotão. De prêmio, tem seu desejo satisfeito: é transferido para a fronteira do Velho Oeste...



...onde conhece os Sioux, torna-se amigo deles e finalmente vira índio. Em pouco tempo será considerado um traidor do exército dos Estados Unidos, o mesmo que lhe dera uma condecoração por ato de bravura

O guerreiro "Cabelo ao Vento" (interpretado pelo índio Omaha Rodney Grant), em combate, ao lado, e, acima, com o sábio "Pássaro Esperneante" (o Oneida Graham Greene, de Ontario no Canadá)

e jovem. E o coração do povo americano conta muito nessa escalada. Ponte para os velhos tempos, é a confirmação do idílio de que os bons tempos reviverão. Ele é leal com os amigos, exala honestidade. Olha nos olhos dos americanos como quem diz: eu sou um americano igualzinho ao americano que você gostaria de ser. Olha nos olhos das americanas como quem pensa o que não fica bem dizer.

Ator, produtor (do merecidamente deficitário *Revenge*, de 1989, que lhe custou 15 milhões de dólares, inédito no Brasil) e diretor, é cheio de opiniões e vontades próprias. Não é simplesmente um produto ou uma peça como os outros. "Neste país, em nome do progresso, nós pisoteamos culturas, pisoteamos animais e a natureza", disse ele a Ana Maria Bahiana, correspondente da SET em Los Angeles, para em seguida atenuar sua constatação: "Mas não somos os únicos; Napoleão, Alexandre o Grande, a História está repleta de indivíduos e povos que estavam convencidos de sua prerrogativa de dominar os povos à sua volta". Costner rodou o primeiro longa-metragem americano do qual se orgulham os índios americanos. Tanto é assim que antes de lançar seu *Dança com Lobos* no circuito comercial nos EUA, o diretor estreante realizou uma *avant-première* em Pierre, capital de Dakota do Sul, tradicional território Sioux, e lá mesmo foi homenageado pelo povo índio. Recebeu o título de "Sioux Honorário". Depois, no dia 19 de outubro, foi "adotado" pelos nativos americanos em plena escadaria do Capitólio, em Washington.

LÍNGUA REVIVIDA — Nem *O Pequeno Grande Homem*, de Arthur Penn, com Dustin Hoffman interpretando um branco que viveu entre os Sioux na época de Custer, nem *Um Homem Chamado Cavalo*, de Elliot Silverstein, com Richard Harris, ambos de 1970 (época de profunda revisão da supremacia americana sobre os outros povos), filmes que traziam os peles-vermelhas à condição de mocinhos, lograram tanta unanimidade entre os próprios índios. E o segundo era também falado em lakota, a língua dos Sioux.

Dança com Lobos, no entanto, foi mais longe. Recrutou figurantes e atores importantes entre os nativos. Um dos problemas foi o fato de que a língua lakota, oficialmente morta há gerações, não era dominada por todos. Mas uma das atrizes, que ensina na Universidade Sinte Gleska, da reserva de Rosebud, traduziu todos os diálogos e ensinou a pronúncia aos outros

"De Pé com Punhos Cerrados" (Mary McDonnell) é uma branca feita Sioux ainda criança. Abaixo, a caçada de búfalos. Uma semana de filmagens com riscos e emoções reais

atores. Seu nome é Doris Leader Charge. Coube a ela o papel de Escudo Bonito, esposa do chefe Dez Ursos (Floyd Red Clow Westerman, um ativista dos direitos dos índios e cantor country). Doris aprendeu o idioma com a avó, que sobreviveu ao massacre promovido há um século pela Sétima Cavalaria em Wounded Knee, Dakota do Sul. Outro ator índio é Graham Greene (isso mesmo, um homônimo do escritor), um Oneida, uma das tribos Iroquois, de Ontario, no Canadá. Já experimentado em cinema, ele interpreta o sábio Pássaro Esperneante.

A maior parte das filmagens se deu nas redondezas de Rapidy City, nas chamadas "badlands" de Dakota do Sul, mas Costner rodou algumas cenas mais ao norte, até no Canadá. São centenas de figurantes que ele recrutou pelas reservas. E todos gostaram do filme — pelo menos é isso que demonstram as manifestações que surgiram até agora. Para quase todos os povos nativos, a reparação das injustiças que sofreram só teve início com o governo de Jimmy Carter, quando lhes foi dado o direito de cultivar suas próprias culturas, praticar suas próprias religiões, falar as próprias línguas. E ainda há muito pela frente. Este filme já é um marco na luta de todos eles.

WESTERN À ANTIGA — O cineasta que nasceu pronto buscou os cenários intocados. Os búfalos, por exemplo, foi encontrar na maior reserva natural da espécie, com 3 500 cabeças, de propriedade de Roy Houck, ex-governador de Dakota do Sul. A cena de caçada (pela primeira vez foram usados 3 000 búfalos simultaneamente num filme) consumiu oito dias de trabalho — arriscado. O protagonista, bom cavaleiro, dispensou dublês, mas penou. Mais tarde, iria confessar à revista do jornal inglês *Sunday Times* em sua edição de 3 de fevereiro de 1991: "O búfalo conquistou o meu respeito. Ele é mais veloz e mais resistente do que o cavalo, e nunca recua".

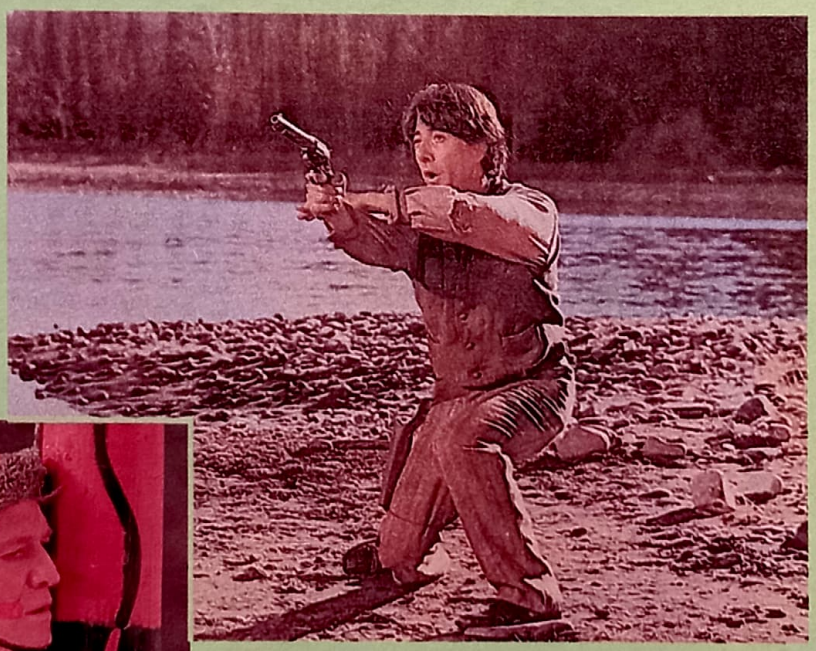
Entre búfalos e cavalos, Kevin Costner é mais forte e mais determinado. "O meu instinto sempre disse que havia profundas inverdades e injustiças no modo como a história da América era contada", disse ele a Ana Maria Bahiana. "Americanos são, de fato, muito provincianos. Temos essa tendência de não ver além do nosso horizonte. Os europeus são o oposto disso. Por incrível que pareça, foram eles que abriram minha cabeça. Ir à Europa com assiduidade me alertou para essa questão indígena."

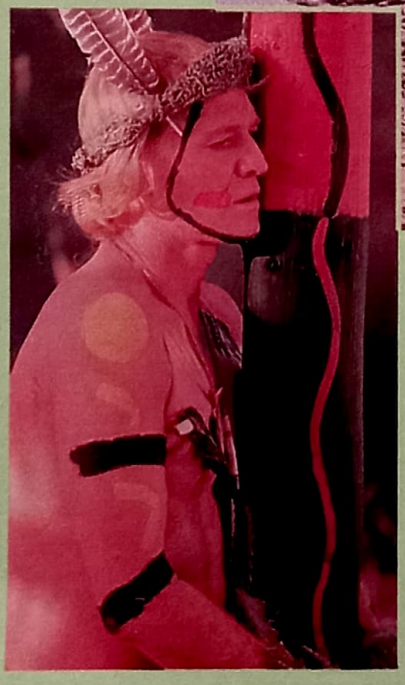
Mas seu filme não tem nada de, por assim dizer, politizante. É antes de tudo uma bela história, um western corpulento. À moda antiga. Ele fala em John Huston e John Ford: "E não são referências casuais. Eu queria fazer um filmão como aqueles de encantar, maravilhar e transportar as platéias". Essa pretensão, aliás, vem de tempos. Vem, no mínimo, de 1983, quando Costner fez *Stacy's Knight*. Lá ele conheceu o roteirista (e autor do livro original) Michael Blake e o produtor Jim Wilson.

Há quem compare a estréia de Costner na direção com a de Orson Welles em *Cidadão Kane*. O exagero é descabido, mas é útil para dar uma idéia da unanimidade de que se fez em torno dele nos Estados Unidos. De resto, os Estados Unidos são bastante propensos a unanimidades, inclusive nessas ocasiões em que seus próprios fundamentos são postos em xeque. Em xeque-mate: o herói do filme, o tenente John Dunbar, é considerado um traidor pelo exército americano. É, pelo menos, um personagem fictício.

TENENTE TRAIDOR — A ação se passa em 1863, durante a Guerra de Secessão (1861-1865). O tenente Dunbar, ianque, do exército abolicionista, leal ao presidente Lincoln, está ferido, ameaçado de ter a perna amputada. Desesperado, sai feito um louco na direção das tropas inimigas, num ato evidentemente suicida que, por essas idiossincrasias dos mandões da guerra, acaba sendo interpretado como gesto de heroísmo. Dunbar é condecorado, curado e premiado. Pode escolher o posto que desejar para descansar pela vida afora.

Cansado, o tenente opta pela solidão. Escolhe ir para a boca do Velho Oeste. "Quero vê-lo antes que acabe." Chegando ao posto avan-



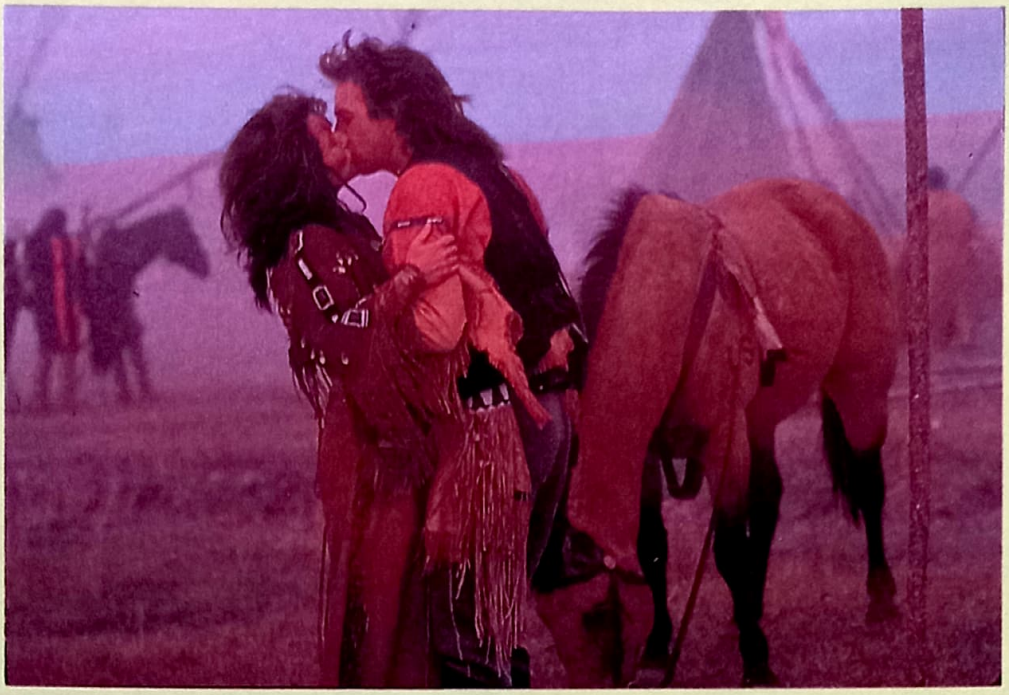


Richard Harris *(Um Homem Chamado Cavalo)* e Hoffman (*O Pequeno Grande Homem*): precursores da reabilitação da identidade grandiosa dos índios massacrados pelos brancos

çado, só encontra o abandono. Seus companheiros são o cavalo e um lobo do lugar, que leva o apelido de "Duas Meias". Mas, gradualmente, os vizinhos humanos começam a comparecer. Índios de uma tribo Sioux inauguram os contatos ameaçando Dunbar. Mais tarde, através de um encontro acidental entre Dunbar e uma mulher branca, De Pé com Punho Cerrado (Mary McDonnell), que vive entre os Sioux desde criança, a amizade se sobrepõe às asperezas. Dunbar renega sua missão militar, descobre sua verdadeira identidade entre os índios e se torna um deles.

Elementar e comovente, eis a história que arrebatou a América. Elementar e comovente como o homem que a tornou possível na tela. Costner costuma se vestir apenas com o indispensável. Usa o que se chama de o uniforme do cowboy urbano: jeans, botas, camisa e blazer. Mora com a família numa casa num subúrbio ao mesmo tempo rústico e sofisticado, o Pasadena, em Los Angeles. É sabido que ele recusou o papel que coube a Alec Baldwin em *Caçada ao Outubro Vermelho* e prefere não aceitar papéis cuja única justificativa seja a promessa de boa bilheteria. Costner, original, passa uma aura de idealista.

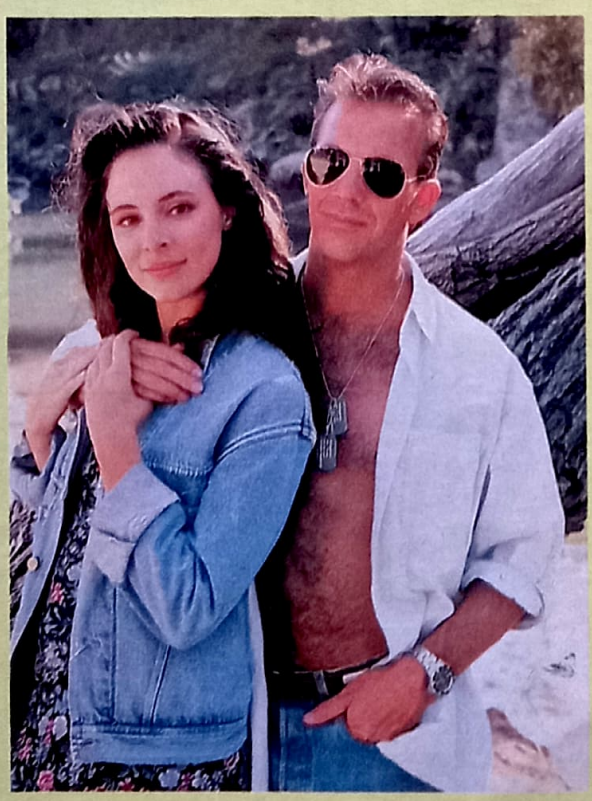
LEALDADE — Pode até ser idealista, mas é acima disso implacável. Desde antes da estréia de *Dança com Lobos* (que já se anunciava um êxito), é que Kevin Costner define nascimento ou aborto de filmes com uma simples ginga de corpo. Ao tomar uma ou outra direção, pode estar decretando consagrações ou derrocadas prematuras. Foi isso o que fez com três roteiros que disputavam espaço nos estúdios ao mesmo tempo, no ano passado. Os três planejavam a refilmagem da saga de Robin Hood, o ladrão inglês do século XII que, mimetizado na floresta de Sherwood, tomava dos ricos o que dava aos pobres. Depois de se tornar fábula de cinema na pele de Errol Flynn, em 1938, sob a direção de Michael Curtiz, Robin Hood será agora vivido por Costner, que rodou sua participação durante cinco meses entre 1990 e 1991, na Inglaterra.



Ato cruel: sua simples aceitação de ser o ladrão no filme de seu xará Kevin Reynolds fez melarem os outros dois projetos. Um, da Fox, ficaria sob a direção de John McTiernan (que dirigiu o primeiro *Duro de Matar*), e o segundo, da Tri-Star, já tinha o dinheiro liberado, o diretor escolhido (Marshall Heskovitz) e até um escritório aberto em Pinewood. O solitário que sobreviveu, com Costner de arqueiro renegado, era de um estúdio de menores proporções, Morgan Creek: *Robin Hood, The Prince of Thieves*. Com um astro desse porte, o orçamento inicial inchou: foi para 50 milhões de dólares. "Embora tivesse me interessado por um dos outros roteiros de Robin Hood", disse o ator a Claude Etique, colaborador da SET, que foi a Londres conferir as filmagens. "Mas acabei escolhendo este porque Kevin Reynolds é meu amigo", arremata, sem hesitação. Sim, ele é leal com os amigos, e Reynolds é responsável pela direção de *Fandango*, de 1985, um dos primeiros trabalhos de Costner com algum reconhecimento.

"FICO SEM GRAÇA" — Exultante, Kevin Reynolds é uma cachoeira de elogios. "Nós já sabíamos que ele era bom de equitação, mas foi no arco e flecha que nos surpreendeu. É exímio." O novo Robin Hood procura se defender: "Acho que foi instinto, mas foi muito divertido". Como em *Dança com Lobos*, ele evitou os dublês.

O galã com Mary McDonnell, acima, com Mary Elizabeth Mastrantonio (em *Robin Hood*), ao lado, e com Madeleine Stowe (em *Revenge*). Ele é tímido mas é quente quando necessário



"Acho que isso faz parte da minha reputação de ator", avaliou, sentado no chão poeirento dos estúdios Shepperton, nos arredores de Londres.

Ele não quis saber de vestir aquela malha colante que deu a Errol Flynn um ar de bailarino. "Eu me sinto meio sem graça de exibir o corpo. É verdade que, em *Dança com Lobos*, eu fico inteiramente nu em uma cena. Como diretor, só não cortei a cena porque ela é legítima. Mas em *Sem Saída* (1987), quando tive de tirar a camisa, me senti muito mal." Talvez por isso, talvez por intuição, Costner preferiu ter seu Robin Hood em roupas mais espessas, de couro e veludo. O resultado lembra um misto da leveza *fake* de Flynn com o peso dos paramentos de Sean Connery, que encarnou a decadência do mito em *Robin e Marian*, em 1976. Connery, por sinal, faz uma aparição sem crédito no fim de *The Prince of Thieves* como rei da Inglaterra. Uma homenagem merecida a Costner e ao ladrão de Sherwood.

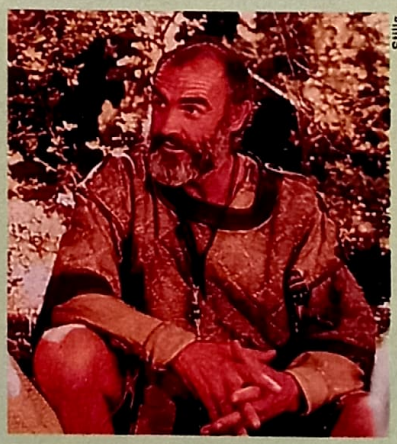
O roteiro garante ação e muito movimento, num contraponto às contemplações de *Dança com Lobos*. Lady Marian (Mary Elizabeth Mastrantonio) é muito mais decidida. "No primeiro encontro ela me acerta um chute bem no meio das pernas, no s...", conta o ator sem meias palavras. No estúdio dos arredores de Londres, SET conheceu um enorme cenário, incrivelmente detalhado, que recria a vila de Nottingham. Naquele dia de filmagem, Robin salvava um garoto condenado à morte pelo furto de duas galinhas. Uma correria pelos muros de Nottingham que deixou suado (de verdade) um dos atores mais bem-dispostos das novas gerações.

O entusiasmo de Kevin Reynolds encontra eco em Kevin Costner. Ele está especialmente deslumbrado com a participação de Morgan Freeman em *The Prince of Thieves:* "A cena em que nos encontramos é genial. Meu inimigo jurado, ele salva minha vida e nos tornamos amigos pelo resto do filme. Acho que os roteiristas fizeram a mesma coisa que David Mammet fez em *Os Intocáveis*. Retrabalharam uma história clássica, incorporando novidades, sem arranhar o mito".

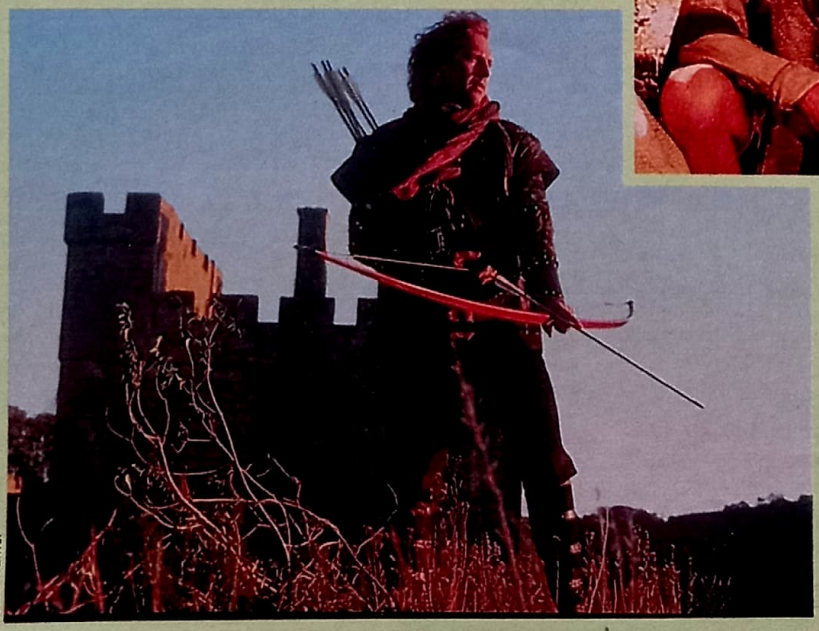
O próprio Costner já é um mito. Agora, ele se prepara para viver um dos investigadores do assassinato do presidente americano John Kennedy, num filme que será dirigido por Oliver Stone. Este, um hábil relações-públicas e talentoso homem de marketing. Está fazendo a coisa exata: usa um mito americano para revolver um outro. Ao menos em *Dança com Lobos* a tática funcionou. Também funcionou no fabuloso *O Campo dos Sonhos*, de 1989, que revolve o limbo mitológico dos heróis menores da América, os jogadores de beisebol e os libertários de 1968. O filme foi um estupendo sucesso de bilheteria: arrecadou 62 milhões de dólares só na América do Norte contra os 12,5 que custou. A razão disso era a explosão do novo herói da América, um ator simples e direto.

Ele está hoje consolidado. Poucos até agora tiveram tanto poder dentro da indústria. E é com seu estilo simples e direto que o mito Kevin Costner absorve a notoriedade: "Meu pai sempre me disse que, se eu quisesse conhecer pessoas importantes e interessantes, eu deveria simplesmente fazer meu trabalho da melhor maneira possível. No momento em que me tornei um Sioux honorário, vi o quanto meu pai estava certo". SET

Dances with Wolves, EUA, 1990 ■ Direção: Kevin Costner ■ Com Kevin Costner, Mary McDonnell, Graham Greene, Rodney A. Grant, Floyd Red Crow Westerman, Tantoo Cardinal, Robert Pastorelli, Charles Rocket, Maury Chaykin, Jimmy Herman, Nathan Lee Chasing His Horse ■ ROTEIRO: Michael Blake, baseado em seu romance ■ FOTOGRAFIA: Dean Semler ■ MONTAGEM: Neil Travis ■ MÚSICA: John Barry ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Jeffrey Beecroft ■ FIGURINO: Elsa Zamparelli ■ PRODUÇÃO: Jim Wilson, Kevin Costner para a Tig ■ DURAÇÃO: 183 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner



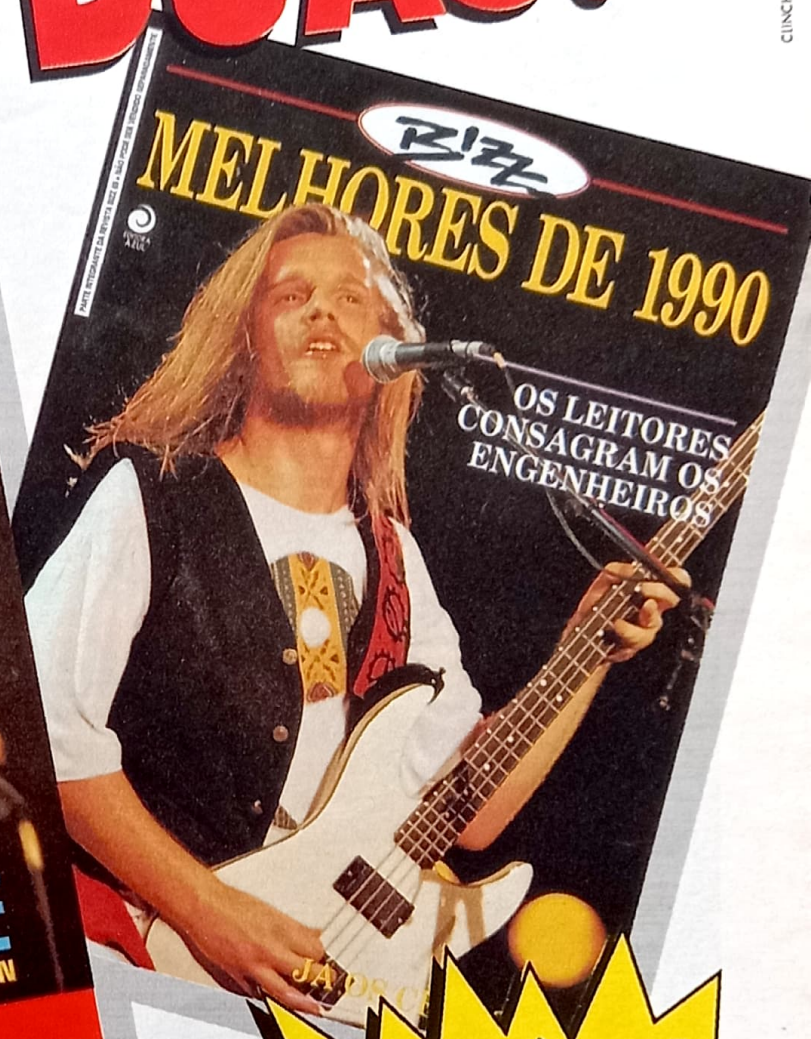
Stills



Fotos Warner

Em *The Prince of Thieves*, Sean Connery, que já foi Robin em 1976, faz uma ponta sem crédito como o rei da Inglaterra. Freeman ao lado, é um aliado importante do "príncipe dos ladrões"

PEÇA BIZZ E LEVE DUAS.



GRÁTIS

Prepare-se!

A Bizz de abril vem com dose dupla. Além da sua revista de sempre, o pacote traz o suplemento que está com tudo: revela os melhores de 1990 segundo os leitores de Bizz e a crítica especializada.

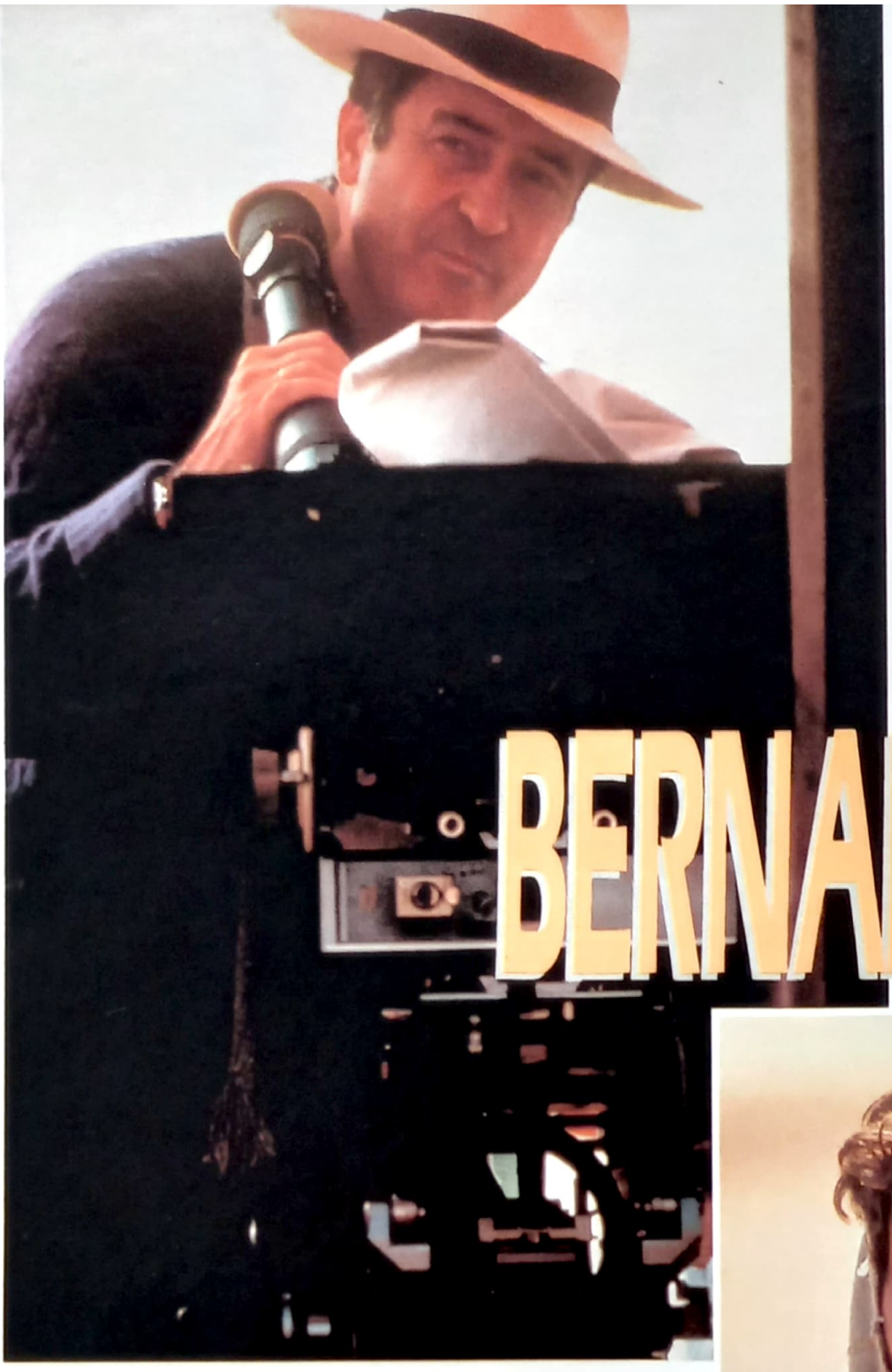
E não deixe de ver o super-sucesso Faith no More: o grupo é capa de sua Bizz deste mês, que traz uma entrevista exclusiva com o cantor Mike Patton.

Por essa você não esperava... Desta vez é só pedir Bizz pra levar duas.

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

CLINCH



DEBRA DÁ UMA BERNARDO BE

Fotos Warner

Para fazer *O Céu que nos Protege*, Bertolucci foi buscar outra vez no oriente uma realidade "não-televisiva". Debra Winger, que jura não ter traído seu personagem, prefere falar das moscas

WINGER CANJA A RTOLUCCI

É quase impossível falar com um sem ser interrompido pelo outro. "Conta para ela aquela história das moscas", diz Debra Winger, o rosto moleque saboreando o constrangimento de Bertolucci. "Ele nos torturava no set. Achou que as moscas do Saara eram muito pequenas, mandou vir um barril de moscas italianas — verdade." "Da Sicília", Bertolucci suspira. "Da Sicília" — é coisa da máfia — está vendo?", Debra retruca, às gargalhadas. Debra Winger e Bernardo Bertolucci se tornaram bons amigos ao longo dos exaustivos meses de filmagem no norte da África, embrenhados numa jornada tão intensa quanto a dos personagens de *O Céu que nos Protege* — a novela semi-autobiográfica de Paul Bowles transformada em filme graças à paixão e obstinação de Bertolucci. Apesar dos palpites de muita gente, Bertolucci fechou em Winger para ser Kit Moresby, a viajante existencial em busca dos rescaldos da paixão no coração do deserto. "Olhe para este rosto", ele diz. "A multidão de expressões deste rosto — só Debra poderia ser Kit." E Debra, que se deixou seduzir tanto pelo deserto quanto por Bowles, entregou-se a Kit — que é inspirada na verdadeira mulher do escritor — com tanto abandono que, ela diz, "durante muito tempo" a personagem não a deixou. Mesmo agora, um ano depois da experiência, Debra fala — interrompida, sempre, por Bertolucci — de Kit como de uma amiga perdida.

E a história das moscas, aliás, é verdadeira: descontente com o tamanho das moscas disponíveis para uma cena crucial do filme, Bertolucci mandou vir larvas de moscas da Sícilia. "Mas elas morreram na viagem", diz Bertolucci. "E acabamos tendo de usar uns espécimes criados ali perto do set." "Agora conta para ela como você besuntou nossos rostos com mel para atrair as moscas...", recomeça Debra.

SET — *Adaptar um livro no cinema é uma tarefa difícil, até perigosa. Você teve problemas para transpor a linguagem literária para a linguagem cinematográfica?*

BERTOLUCCI — O livro de Paul Bowles (em que é baseado o filme *O Céu que nos Protege*) é muito literário. Os personagens vivem pensando, o livro está repleto de monólogos interiores. Quando você adapta um livro, a literatura pode acabar sendo um véu invisível que torna a história difícil de ser penetrada. Minha intenção era não fazer um filme (literário), mas, sim, mergulhar numa tremenda de uma *love story* usando mais a linguagem gestual dos atores em vez de palavras.

DEBRA — E os corpos, também, não só a linguagem. (risos)

BERTOLUCCI — Ah, sim, eu estava usando um eufemismo. Se eu tivesse feito este filme dez anos atrás, ele seria recheado de diálogos intelectuais profundíssimos. Agora, talvez esteja mais maduro — o que para mim é um elogio, e não um insulto — e tendo a economizar nas palavras.

SET — *Debra, no final do filme, a estabilidade emocional e mental de seu personagem está em frangalhos. Por estar filmando no deserto, isolada do mundo e de todos — exceto a equipe de filmagem —, você talvez tenha precisado se apoiar muito em Bernardo para conseguir sobreviver à dureza do trabalho e aos demônios interiores de Kit, seu personagem.*

DEBRA — Bernardo Bertolucci, diretor/analista. (risos) Olha, eu não queria ser agressiva ao falar sobre isso, mas quando e como você sabe se voltou à realidade? O que é a realidade? Entendeu? Me senti muito verdadeira no deserto, portanto não acho que a assim chamada civilização ocidental seja lá grande coisa. Não fosse o meu filho, talvez eu estivesse lá até agora.

BERTOLUCCI — A senhorita Winger chegou a Tânger, após uma breve conversa telefônica comigo, já numa espécie de transe criativo. Estava tão parecida com Jane Bowles (mulher do autor do livro, na qual se baseia o personagem de Debra, Kit) que Paul Bowles se apaixonou por ela à primeira vista. E não estou falando somente da semelhança física também... você vê essa semelhança na tela a toda hora, quando pensamentos e idéias passam pelo rosto dela como sombras de nuvens passando pela frente do sol. E, no livro, Kit pensa tanto ao longo de tantas páginas que era preciso que Debra o fizesse (no filme), mas sem usar palavras.

Sob o sol saariano, Debra Winger esquenta a conversa do fotógrafo Storaro, à esquerda, com Bertolucci

SET — *Depois de* O Último Imperador *e a Manchúria você foi achar inspiração no deserto da África. Seu apetite por histórias e personagens incomuns difere muito do que se encontra normalmente em Hollywood.*

BERTOLUCCI — Assuntos difíceis, não? Sei lá por que isso acontece, porque é muito misterioso para mim mesmo entender a forma como escolho fazer determinado filme. No caso desse, é como uma volta a *O Último Tango em Paris* — volto a me centrar num homem e numa mulher. Talvez tenha optado por isso depois de ter trabalhado com centenas de figurantes (em *O Último Imperador*), depois de uma história espetacular sobre um país e sobre a personalidade de um homem. Eu precisava chegar mais perto de uma história íntima e... você já percebeu que só tenho feito filmes que se passam no passado ou em lugares exóticos ou muito distantes? É porque acho muito difícil encontrar uma boa história no meu próprio país. Ou em todo o mundo ocidental. Acho que a realidade de hoje no mundo ocidental é feita para a televisão. Penso na realidade italiana atual e me sinto culpado por não estar fazendo filmes lá. Mas não há nada que eu possa fazer — é como se a televisão tivesse sido tão importante na sociedade do meu país, ou na de todo o mundo ocidental, que o resultado é um mundo que quer ser filmado pela televisão.

SET — *A montagem final do filme utilizou uma técnica nova, com* laser discs *tomando o lugar da habitual moviola. Essa inovação alterou de alguma maneira a estética final de* O Céu que nos Protege?

BERTOLUCCI — Gabriella Cristiani, minha montadora, estava aqui em Los Angeles quando descobriu essa nova técnica de edição através de *laser discs*. É a mesma coisa que uma montagem eletrônica *(como a feita, no passado, por Francis Ford Coppola)*, mas que usa *laser discs* em vez de fitas (de videocassete). É incrivelmente mais rápido e eficiente do que os métodos convencionais de montagem, porque você consegue experimentar tudo possível em seu filme em questão de poucos segundos. Qualquer seqüência que você precise é transformada num código digital, e é só uma questão de ordenar esses códigos para, por exemplo, testar cinco montagens diferentes de uma mesma cena em cinco minutos — e isso é incrível.

DEBRA — Tive uma visão terrível quando você me telefonou dizendo que estava usando os *laser discs*. Imaginei você na sala de montagem vestindo um guarda-pó e luvas, como os de um cientista, entendeu? Como se estivesse numa sala asséptica, sem um rolo de filme que fosse no chão, sem som algum... Fiquei paranóica.

BERTOLUCCI — O que Debra está querendo dizer é que perdi algo nesse processo, porque se, por um lado, fiz em três semanas o que levaria três meses para fazer — costumo filmar rolos e mais rolos —, por outro perdi um tanto da presença física do... do cheiro do filme, da sujeira que sai do filme quando é manipulado. E a imagem dos *laser discs* não é a mesma da moviola. A imagem de um filme numa moviola é pequena, mas é uma projeção. A imagem dos *laser discs* é a mesma que você terá mais tarde quando seu filme for exibido na televisão, sem espessura alguma, apenas transparente. Não tem a mesma aura.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

DEBRA WINGER EM VÍDEO

UM AMOR MUITO ESPECIAL/ A FORÇA DO AMOR (*A Special Kind of Love/ Special Olympcs*, EUA, 1978, de Lee Phillips). Nacional ■ DE PARIS, COM AMOR (*French Postcards*, EUA, 1979, de Willard Huyck, CIC ■ A FORÇA DO DESTINO (*An Officer and a Gentleman*, EUA, 1982, de Taylor Hackford), CIC ■ LAÇOS DE TERNURA (*Terms of Endearment*, EUA, 1983, de James L. Brooks), CIC ■ AMOR PERIGOSO (*Mike's Murder*, EUA, 1984, de James Bridges), Warner ■ PERIGOSAMENTE JUNTOS (*Legal Eagles*, EUA, 1986, de Ivan Reitman), CIC ■ ATRAIÇOADOS (*Betrayed*, EUA, 1988, de Costa-Gavras), Warner

Bom visual, mas haja paciência de camelo

O CÉU QUE NOS PROTEGE

Kit e Port Moresby (Debra Winger e John Malkovich) são dois americanos chiquemente entediados. Ela se acha escritora. Ele se diz compositor, mas não tem bem certeza. Porque suas vidas em Nova York estão vazias e o fogo da paixão há muito se apagou, eles resolvem fazer o que, é claro, qualquer pessoa faria: partir numa viagem sem destino pelo norte da África, peregrinando de vilarejo em vilarejo em busca só Alá sabe de quê e, aparentemente, divertindo-se imensamente com o fato de que à sua volta estende-se a pitoresca miséria do Terceiro Mundo, povoada por enxames de moscas e salpicada de "hotéis" onde água encanada é um luxo desconhecido.

Esta perfeita receita para uma segunda lua-de-mel foi escrita em 1948 por Paul Bowles, escritor americano auto-exilado no Marrocos por motivos não muito diferentes dos de seus personagens. Mais de três décadas depois, Bernardo Bertolucci filmou esta jornada interior — tão existencial quanto literária, criativa, o que a torna um Henry e June *com uma abundância de exteriores. E, no fim das contas, são os exteriores, os espetaculares exteriores do Saara fotografados por Vittorio Storaro e envoltos na música opulenta de Ryuichi Sakamoto, que assinam o filme e permanecem na memória do espectador. É difícil compartilhar as dúvidas de Kit e, especialmente, Port — John Malkovich parece em constante estado de paixão pelo próprio umbigo.*

O estranho quinteto formado por eles, o amigo chato e os ingleses grotescos, navega pela tela inundada de luz como uma colônia de pulgas monstruosas e distantes, movidas por impulsos inescrutáveis e desejos tão áridos e reprimidos que deixam de provocar curiosidade e resultam apenas em indiferença.

A. M. B.

The Sheltering Sky, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Bernardo Bertolucci ■ Com Debra Winger, John Malkovich, Campbell Scott, Jill Bennett, Timothy Spall, Eric Vu-an, Amina Annabi ■ ROTEIRO: Mark Peploe e Bernardo Bertolucci, baseado no livro de Paul Bowles ■ FOTOGRAFIA: Vittorio Storaro ■ MÚSICA: Ryuichi Sakamoto e Richard Horowitz ■ MONTAGEM: Grabriella Cristiani ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Gianni Silvestri ■ FIGURINO: James Acheson ■ PRODUÇÃO: Jeremy Thomas para a Warner Bros. ■ DURAÇÃO: 137 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

* ATENDIMENTO FORA DO EXPEDIENTE INTERNO C/ SEC. ELETRÔNICAS. SEDEX GRÁTIS PARA COMPRAS SUPERIORES A Cr$60.000,00

ENTRE NESTE MUNDO

E DÊ A PARTIDA A LUCROS IMEDIATOS

• VIDEOGAMES • PISTOLAS
• ACESSÓRIOS • CARTUCHOS

PROMOÇÃO DO MÊS

DIST.	TÍTULO	GÊNERO	REFERÊNCIA	PREÇO	
ABRIL	REVANCHE FINAL	POLICIAL	TOM SELLECK	12,900	
ABRIL	MEU AMIGO MICKEY	INFANTIL	WALT DISNEY	4,900	3 POR 13,900
ABRIL	MEU AMIGO DONALD	INFANTIL	WALT DISNEY	4,900	
ABRIL	MEU AMIGO PATETA	INFANTIL	WALT DISNEY	4,900	
ABRIL	FORMULA 1 - 89	DOCUMENTÁRIO	GRAVADO EM T-160	1,990	
CBS	9 1/2 SEMANAS DE AMOR	DRAMA	MICKEY ROURKE	12,900	
CBS	GUERRA NAS ESTRELAS	FICÇÃO	HARRISON FORD	14,900	
CBS	DURO DE MATAR	AVENTURA	BRUCE WILLIS	13,900	
CIC	CAÇ. OUTUBRO VERMELHO	AVENTURA	SEAN CONNERY	9,700	
CIC	DE VOLTA PARA FUTURO II	AVENTURA	MICHAEL J. FOX	9,900	
CIC	A GRANDE BARBADA	COMÉDIA	RICHARD DREYFUSS	14,900	
CIC	JUSTIÇA CEGA	POLICIAL	RICHARD GERE	14,900	
DIF	SANGUE FRIO	SUSPENSE	RUTHER HAUER	9,900	
GLOBO	CARNAVAL 91	DOCUMENTÁRIO	NTSC-PAL-G/PORT.ING.	13,900	
GLOBO	UMA ESCOLA ATRAPALHADA	COMÉDIA	TRAPALHÕES / ANGÉLICA	9,900	
MGM	OS DOZE CONDENADOS II	GUERRA	LEE MARVIN	9.900	
MIL	DANÇANDO LAMBADA	CURSO	120 MINUTOS DE CURSO	3,900	
SCREEM	SOL VERMELHO	WESTERN	CHARLES BRONSON	8,900	
TOP TAPE	KICKBOXER	AÇÃO	VAN DAMME	11.900	2 POR 24,900
TOP TAPE	REI DOS KICKBOXERS	AÇÃO	LOREN AVEDON	15,900	
WARNER	DIFÍCIL DE MATAR	AÇÃO	STEVEN SEAGAL	9,900	

*PACOTES ECONOMICOS

SHOPPING VÍDEO

PACOTE MUSICAL

(NEWS KIDS.ON THE BOCK I, II, III - PINK FLOYD ROLLING STONES - HIGHWAYEN - JULIO IGLESIAS MARSALS - SANTANA)

E todos os demais títulos da Sony Music por:

Cr$ 7.900,00

PACOTE WARNER CATÁLOGO

(Até o lançamento do FLASH)

Cr$ 14.900,00 por título

(ATENÇÃO. AGORA SOMOS REVENDEDORES EXCLUSIVO DO CATÁLOGO WARNER)

PACOTE INFANTIL

(CAÇADORES DE FANTASMA, HE-MAN, - SHE-HA E BRAVE-STAR DA HEBERT RICHERS)

Cr$ 14.900,00

JIBAM – JIRAYA – TARTARUGA NINJA DA TOP TAPE

CADA 5 Episódios Cr$ 46.900,00

CADA TÍTULO

Cr$ 9.900,00

Chame

shopping VÍDEO

PABX (021) 390-7100

DDD GRÁTIS (021) 800-9102

(INTERIOR E OUTROS ESTADOS)

FAX (021) 359-7631

PRONTA ENTREGA:

Tijuca - Rua São Francisco Xavier, 378-A - Rio de Janeiro - CEP 20550 - FAX (021) 264-2698 - PABX (021) 284-1622/9500

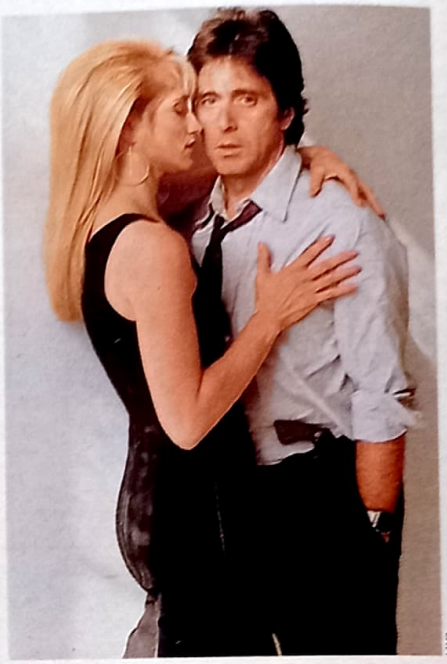
Madureira - Estrada do Portela, 99 / 310 - Polo I - Rio de Janeiro - CEP 21351 - FAX (021) 359-7631 - Fones (021) 350-4966 • 390-2573

REVENDAS:

Curitiba-PR (041) 262-3951 • Recife-PE (081) 326-6676 • Santa Maria-RS (055) 221-2610 • Vila Velha-ES (027) 399-2177

VOZ DE DEUS

Entre janeiro e fevereiro, choveram envelopes na redação. Quando a quantidade atingiu a casa das dez mil cartas, iniciamos a apuração. Incontáveis (mesmo) retardatários ficaram de fora desses cômputos finais. A franca unanimidade quanto à supremacia de *Sociedade dos Poetas Mortos*, no entanto, já não mais seria alterada. Os leitores, em seu conjunto, apontaram filmes de ampla aceitação entre os críticos mais exigentes, o que só vem confirmar as premissas da SET: o público entende de cinema. Em outras palavras, o cinema é a arte que sabe unir qualidade e popularidade. Conheça aqui, em detalhes, as preferências dos leitores da SET em cinema e vídeo



UIP

Al Pacino, o poderoso na interpretação de policiais, gangsters e mafiosos, criou o tira definitivo, abandonado pela esposa e apaixonado pela principal suspeita do assassinato. O protagonista de *Vítimas de uma Paixão* revelou-se também o policial que é capaz de seduzir as platéias mais exigentes. Nada mais justo, para aquele que viveu, sem recriminações, as três sagas de *O Poderoso Chefão*, ser eleito o melhor ator de 1990

Warner

Julia Roberts é a revelação maior porque a atriz ideal de cinema tem que ter o que ela tem. A beleza como o espelho do seu talento. *Uma Linda Mulher* é apenas o seu terceiro filme. Ela não precisou de uma grande "carreira" para convencer seus espectadores. Sem dúvida, ela foi o melhor presente do celulóide no ano passado

Warner

Sociedade dos Poetas Mortos foi a unanimidade nacional. Não poderia ser de outro jeito. Melhor filme, melhor diretor, melhor fotografia, melhor roteiro e melhor vídeo (Drama) ainda parece pouco para ser o veredicto final. A obra-prima de Peter Weir resgatou em todas as mentes (e nos corações) a necessidade adolescente de viver a intransigência criativa

O RESULTADO DA VOTAÇÃO DOS LEITORES

CINEMA

FILME
1.º) *Sociedade dos Poetas Mortos*
2.º) *Cinema Paradiso*
3.º) *Duro de Matar II*

DIRETOR
Peter Weir
(Sociedade dos Poetas Mortos)

ATOR
Al Pacino
(Vítimas de uma Paixão)

ATRIZ
Julia Roberts
(Uma Linda Mulher)

FOTOGRAFIA
Sociedade dos Poetas Mortos

ROTEIRO
Sociedade dos Poetas Mortos

VÍDEO

DRAMA
Sociedade dos Poetas Mortos
(Abril Vídeo)

CLÁSSICO
Juventude Transviada
(Warner)

FICÇÃO
De Volta para o Futuro II
(CIC)

TERROR
Hellraiser: Renascido do Inferno
(Transvídeo)

COMÉDIA
Os Irmãos Cara de Pau
(CIC)

WESTERN
Os Brutos Também Amam
(CIC)

ARTE
Morte em Veneza
(Warner)

AVENTURA
Duro de Matar
(Abril Vídeo)

SUSPENSE
Disque M para Matar
(Warner)

POLICIAL
Chuva Negra
(CIC)

ANIMAÇÃO
A Dama e o Vagabundo
(Abril Vídeo)

MUSICAL
Cantando na Chuva
(Vídeo Arte)

DOCUMENTÁRIO
Querida América — Cartas do Vietnã
(Top Tape)

SHOW
Pink Floyd in Concert — Delicate Sound of the Thunder
(Sony Music)

NACIONAL
Faca de Dois Gumes
(Transvídeo)

DISTRIBUIDORA
Warner

Até o dia 1º de março de 1991 chegaram à redação 9 670 cartas. A apuração foi feita sobre a amostragem de 3 000 cartas.

GRITOS

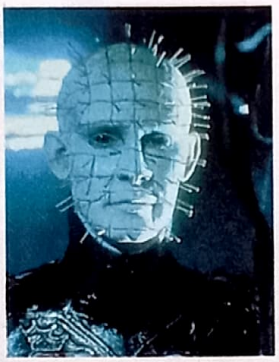
Desconexa, idiossincrática e tumultuada, a votação da crítica menos orienta que sustenta

Fox

Não adianta. Pode ser muita truculência, anticivilizado, bruto e malvado, mas Bruce Willis protagonizou um dos maiores espetáculos de ação e aventura dos últimos anos: *Duro de Matar*

UIP

A ficção científica continuou e melhorou com *De Volta para o Futuro II*, o ponto maior marcado pela CIC Vídeo


New World

Hellraiser, um título que a Transvídeo só garantiu no seu acervo com base numa sentença judicial, foi o melhor terror, com sensualidade diabólica

Abril Vídeo

O clássico Walt Disney foi o mestre de todas as infâncias do último meio século. *A Dama e o Vagabundo* é a melhor animação de 1990

Embrafilme

Faca de Dois Gumes, o bom policial de Murilo Salles, que aprimorou o romance original de Fernando Sabino, leva o merecido título de melhor lançamento nacional

Tivemos mais excelência que abacaxis para lembrar de 1990. As novidades chegaram tarde até nós, o que não constitui propriamente uma novidade.

Apelaram aos nossos sentimentos cinematográficos mais recônditos e vieram com velhas histórias de ectoplasmas apaixonados (*Ghost*), Cinderelas (*Uma Linda Mulher*) — mesmo quando vistas com uma certa perversão — e capetas em forma de guri (*Esqueceram de Mim*). Foram grandes azarões de bilheteria, porque aparentemente todos estavam mesmo com vontade é de se divertir, dar umas risadas, usar o lenço num contexto diferente de um resfriado. O mundo não mudou depois destes filmes, mas isto já é outra década.

Os adeptos dos espetáculos-cabeça refestelaram-se com produções instigantes (palavra banida de nossa revista). David Lynch, o maluco de plantão, pensou que podia nos convencer com os coelhos já escalpelados de sua cartola em *Coração Selvagem*, overdosando rock e perversão. Convenceu apenas o nosso diretor de redação e o júri do Festival de Cannes. Pedro Almodóvar não trouxe surpresas, mas uma bobagem deleitável, *Ata-me!*, em que mixou tapas e beijos a um *kitsch* romântico insuspeitável. A adolescência teve, enfim, uma ode à sua rebeldia (o que não quer dizer que ela tenha sido algo mais do que passiva nos anos 80), com *Sociedade dos Poetas Mortos*.

Houve ginecologia geminada (*Gêmeos — Mórbida Semelhança*, eleito o melhor do ano pelos nossos críticos); Shakespeare naturalista (*Henrique V*), com muito san-

E SUSSURROS

gue e cocô de cavalo; ralé mafiosa, com *Os Bons Companheiros*; trama macabra à la *Falcão Maltês* com *Ajuste Final*, impregnado de toda uma discussão sobre a ética do crime. E canibalismo em dourado e azul com *O Cozinheiro, o Ladrão, Sua Mulher e o Amante*, cujo casal de amantes expõe barrigas e celulites constrangedoras. O erotismo *chic* foi premiado em *Henry e June*, do tempo em que Paris era louca. A careca *fake* de Fred Ward desagradou a todo mundo (menos ao nosso editor).

Coração e vísceras à parte, o gosto médio também teve o seu momento de prazer. *Cinema Paradiso* é um melô sobre o cinema que todo mundo adotou como convenção chamar de "lindo". É "lindo" nos EUA também, onde se saiu como o mais bem-sucedido filme estrangeiro de todos os tempos. Porrada futurista também houve, com *O Vingador do Futuro*, em que pontifica o austro-americano e esbugalhado (no filme) Arnold Schwarzenegger. Al Pacino voltou, como quarentão desmamado em busca de uma ilha no mar de amor, em *Vítimas de uma Paixão*. Assim como Richard Gere, que é um canalha perfeito no filme em que brilha o cubano Andy Garcia, *Justiça Cega*.

Houve excelência: em *Os Bons Companheiros*, *Ata-me!*, *Henrique V*. Até mesmo no desapercebido *Inimigos — Uma História de Amor*, sobre um rabo-de-saia judeu. Só não houve cinema brasileiro. Espremido entre a política do governo de arrasar a terra e a falta de idéias, encasulou-se em miríades de curtas-metragens.

O RESULTADO DA VOTAÇÃO DA CRÍTICA

CINEMA

Filme:	*Gêmeos — Mórbida Semelhança*
Diretor:	Martin Scorsese (*Os Bons Companheiros*)
Ator:	Jeremy Irons (*Gêmeos — Mórbida Semelhança*)
Atriz:	Michelle Pfeiffer (*Susie e os Baker Boys*)
Fotografia:	*Dick Tracy*
Roteiro:	*Os Bons Companheiros*

VÍDEO

Drama:	*Henrique V* (Paris)
Clássico:	*Juventude Transviada* (Warner)
Ficção:	*Alien, o 8.º Passageiro* (Abril Vídeo)
Terror:	*Hellraiser: Renascido do Inferno* (Transvídeo)
Comédia:	*Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos* (Globo Vídeo)
Western:	*Rio Vermelho* (Warner)
Arte:	*Satyricon* (Warner)
Aventura:	*Duro de Matar* (Abril Vídeo)
Suspense:	*Intriga Internacional* (Vídeo Arte)
Policial:	*O Falcão Maltês (Relíquia Macabra)* (Warner)
Animação:	*A Dama e o Vagabundo* (Abril Vídeo)
Musical:	*Cantando na Chuva* (Vídeo Arte)
Documentário:	*Querida América — Cartas do Vietnã* (Top Tape)
Show:	*Prince Sign O'the Times* (VTI)
Nacional:	*Festa* (Abril Vídeo) e *Faca de Dois Gumes* (Transvídeo)

OS VOTOS DE CADA UM

	FILME	DIRETOR	ATOR	ATRIZ	FOTOGRAFIA	ROTEIRO
ALEX ANTUNES	*O Estado das Coisas* Wim Wenders	Pedro Almodóvar (*Ata-me!*)	Jeremy Irons (*Gêmeos — Mórbida Semelhança*)	Meg Ryan (*Harry & Sally — Feitos Um para o Outro*)	*Sonhos*	*Coração de Caçador*
AMIR LABAKI	*Henrique V*	Peter Greenaway (*O Cozinheiro, o Ladrão, Sua Mulher e o Amante*)	Kenneth Branagh (*Henrique V*)	Lena Stolze (*Uma Cidade Sem Passado*)	*Asas do Desejo*	*Crimes e Pecados*
ANA MARIA BAHIANA	*Os Bons Companheiros*	Martin Scorsese (*Os Bons Companheiros*)	Jeremy Irons	Lena Olin (*Inimigos — Uma História de Amor*)	*Dick Tracy*	*Os Bons Companheiros*
ANTONIO QUERINO NETO	*Gêmeos — Mórbida Semelhança* David Cronenberg	Martin Scorsese	Jeremy Irons	Jessica Lange (*Muito Mais que um Crime*)	*Henry e June*	*Sociedade dos Poetas Mortos*
CARLOS VOLPATO	*Ata-me!*	Martin Scorsese	Jeremy Irons	Lena Olin	*O Cozinheiro, o Ladrão, Sua Mulher e o Amante*	*Os Bons Companheiros*
CHRISTIAN PETERMANN	*Coração Selvagem* David Lynch	Peter Greenaway	Jeremy Irons	Helen Mirren (*O Cozinheiro, o Ladrão, Sua Mulher e o Amante*)	*Dick Tracy*	*Ajuste Final*
DEBORAH PELEIAS	*Gêmeos — Mórbida Semelhança*	Peter Weir (*Sociedade dos Poetas Mortos*)	Macaulay Culkin (*Esqueceram de Mim*)	Michelle Pfeiffer (*Susie e os Baker Boys*)	*Dick Tracy*	*Gêmeos — Mórbida Semelhança*
DILSON GOMES	*Gêmeos — Mórbida Semelhança*	Martin Scorsese	Jeremy Irons	Ellen Barkin (*Vítimas de uma Paixão*)	*Dick Tracy*	*Sociedade dos Poetas Mortos*
EUGÊNIO BUCCI	*Ajuste Final* Joel Coen	Martin Scorsese	Ray Liotta (*Os Bons Companheiros*)	Julia Roberts (*Uma Linda Mulher*)	*Sociedade dos Poetas Mortos*	*Os Bons Companheiros*
JOSÉ EMÍLIO RONDEAU	*Os Bons Companheiros*	Martin Scorsese	Jeremy Irons	Ellen Barkin	*Dick Tracy*	*Os Bons Companheiros*
JOSÉ GERALDO COUTO	*Gêmeos — Mórbida Semelhança*	Martin Scorsese	Jeremy Irons	Victoria Abril (*Ata-me!*)	*Dick Tracy*	*Os Bons Companheiros*
LEON CAKOFF	*Asas do Desejo*	Wim Wenders (*Asas do Desejo*)	Bruno Ganz (*Asas do Desejo*)	Marcia Gay Hardens (*Ajuste Final*)	*Asas do Desejo*	*Sonhos*
LUCIA NAGIB	*Os Bons Companheiros*	Martin Scorsese	Philippe Noiret (*Cinema Paradiso*)	Jessica Lange	*O Cozinheiro, o Ladrão, Sua Mulher e o Amante*	*Ata-me!*
LUIZ NAZÁRIO	*Gêmeos — Mórbida Semelhança*	Peter Weir	Andy Garcia (*Justiça Cega*)	Michelle Pfeiffer	*Sociedade dos Poetas Mortos*	*O Vingador do Futuro*
MARIO NERY	*Henrique V*	Peter Weir	Jeremy Irons	Michelle Pfeiffer	*Sociedade dos Poetas Mortos*	*O Vingador do Futuro*
PAULO CAPUZZO	*Henrique V*	Kenneth Branagh (*Henrique V*)	Kenneth Branagh	Michelle Pfeiffer	*O Cozinheiro, o Ladrão, Sua Mulher e o Amante*	*Vítimas de uma Paixão*
WALTER DE SILVA	*Gêmeos — Mórbida Semelhança*	Peter Weir	Jeremy Irons	Michelle Pfeiffer	*O Cozinheiro, o Ladrão, Sua Mulher e o Amante*	*Ajuste Final*

Obra mais radical de Demme aborda um diabólico jogo de poder e sedução

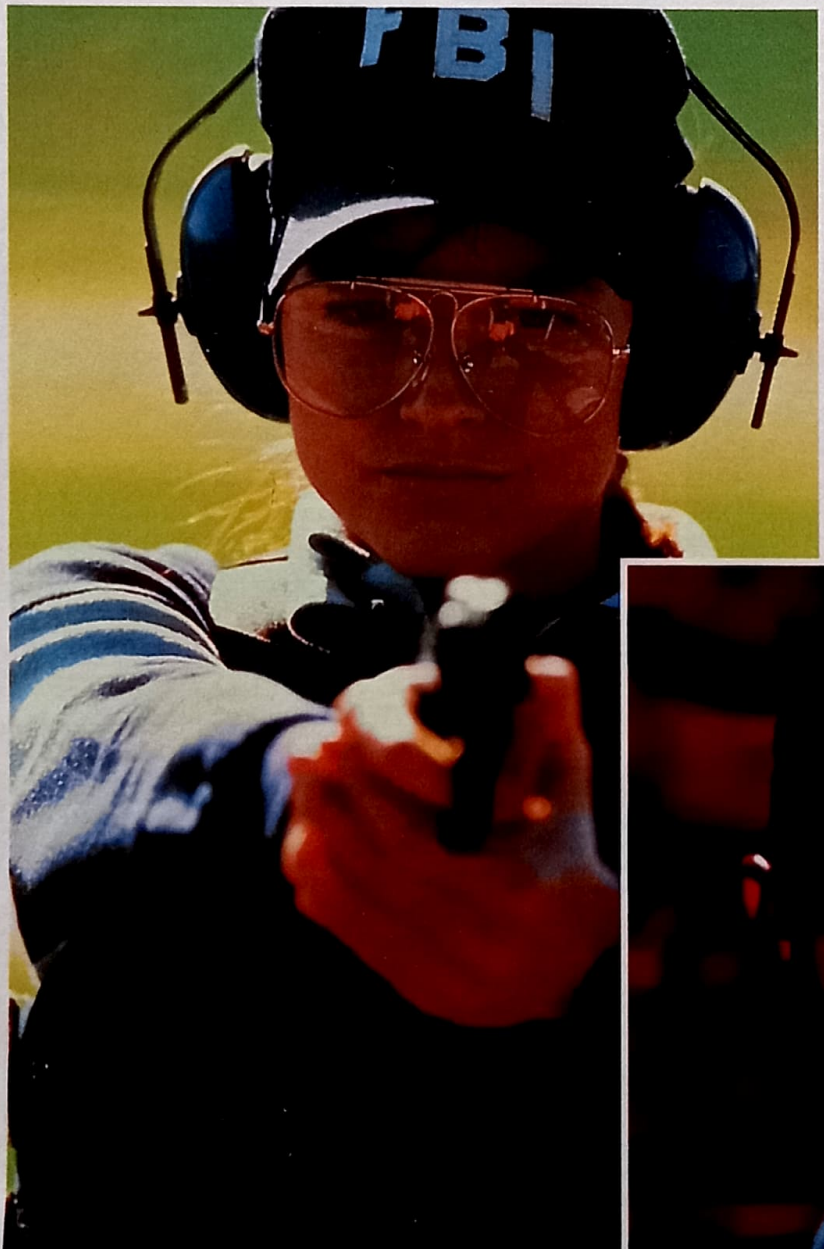
O SILÊNCIO DOS INOCENTES

de Jonathan Demme, com Jodie Foster, Anthony Hopkins, Scott Glenn...

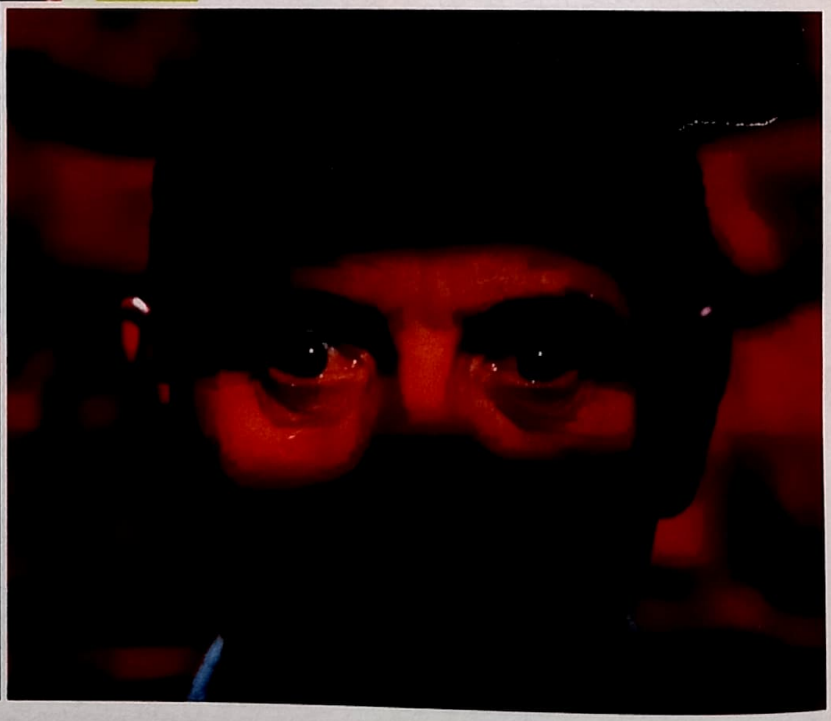
Buffalo Bill "assina" suas vítimas (sempre adolescentes gordinhas) com uma "griffe" toda especial. Escalpela setores selecionados dos corpos das meninas — uma parte das costas, de um antebraço ou seio — e deposita a carcaça num leito de rio qualquer. É por essa razão, afinal, que o assassino recebeu o apelido, dado pelo FBI, numa referência ao hábito que alguns índios americanos tinham de escalpelar as vítimas que derrubavam no Velho Oeste.

Os requintes de sadismo nos atos de Buffalo Bill requerem mais do que as fórmulas lógicas usadas pelos agentes federais na investigação de criminosos que matam em série. Trata-se de uma psicologia intrincada demais para ser digerida por completo pelo organismo competente na agência, o departamento de ciências comportamentais, e, portanto, pede a intervenção de um psiquiatra especialmente atilado.

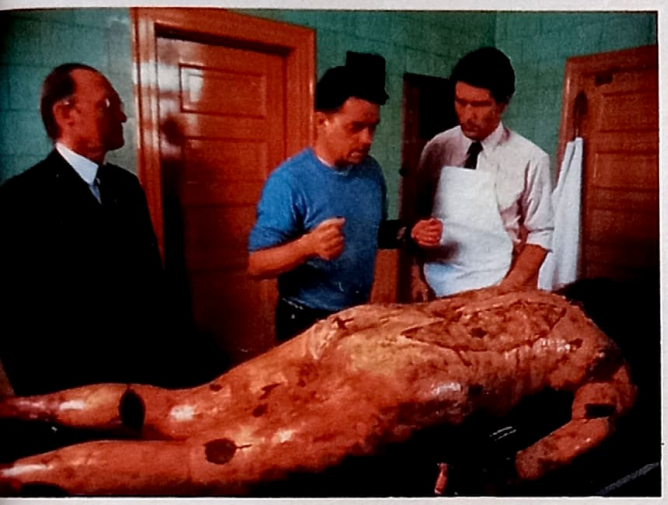
O Dr. Hannibal Lecter é o analista mais indicado: além de brilhante na psicanálise, ele próprio assassinou muita gente, todos clientes seus, em série. Quando concluía que a análise não estava surtindo efeito, Lecter matava seus analisados, para depois temperá-los conforme receitas *gourmet* e saboreá-los entre goles de vinho Chianti. O apelido de Lecter é Hannibal, o Canibal. Esse pontapé inicial de *O Silêncio dos Inocentes* abre as portas para um pesadelo psicótico que mergulha num oceano de loucura absoluta raramente navegado pelo cinema. E o diretor Jonathan Demme — mais conhecido por suas comédias maluquetes — adiciona



Clarice Starling (Jodie Foster), à esquerda, mantém a pontaria e a frieza para não se envolver pelo poder insano e penetrante dos olhos do Dr. Hannibal Lecter (Anthony Hopkins)



Fotos Columbia Tri-Star



Acima, um contato perigoso e irresistível entre o Dr. Hannibal e Clarice. À direita, uma vítima aos costumes do assassino, e, à esquerda, Jonathan Demme supervisiona um dorso fatiado

uma generosa dose de perversidade ao transformar Lecter não apenas em principal personagem masculino mas também no herói virtual da história toda. Lecter é um monstro, sabe-se disso. Mas tem carisma, charme, sofisticação, sabedoria e um senso de humor espetacular. É um dos raríssimos casos em que o público acaba torcendo pelo bandido.

O Silêncio dos Inocentes (que custou 19 milhões de dólares) não é para os fracos de espírito, ou de estômago. Demme explora detalhadamente o estado de destruição em que são deixadas as vítimas de Buffalo Bill e não poupa cenas em que mostra corpos putrefatos e desfigurados. Consegue mesmo induzir à ilusão olfativa de que se consegue cheirar o fedor da carne humana em decomposição. Mas a orgia de sêmen, sangue e podridão tem função e objetivo narrativo, e não pode ser comparada à violência sensacionalista e exagerada dos campeões de sangramento que andaram em cartaz ultimamente. É um recurso de hiper-realismo que cumpre um papel importante na narrativa ao trazer o público para dentro da charada que Clarice precisa decifrar e para dentro da mente criminosa do assassino que mata em série.

ROUBA A CENA — Boa parte do crédito da sedução que Lecter exerce sobre o público cabe a Anthony Hopkins, o veterano gaulês que com este filme engrena marcha de força numa carreira em cinema que vinha se esvaindo em filmes medíocres ou de pouco prestígio. Hopkins compôs um Lecter tão fascinante, tão arrebatador, que você se esquece até de quem, pretensamente, deveria ser a grande estrela do filme, Jodie Foster. No papel da aspirante agente do FBI que é convocada para arrancar de Hannibal qualquer informação que leve à captura de Buffalo Bill, a Clarice Starling de Jodie é um mero peão no xadrez psicanalítico em que Lecter emaranha todos que o cercam.

O que não significa que Starling não passe de coadjuvante na ação: Lecter e Clarice se envolvem num caso doentio de admiração recíproca que se aproxima de amor verdadeiro. Em troca das informações que dá em linguagem oblíqua, Hannibal exige que Starling revele a ele detalhes de seu passado, como numa análise sem divã. "Quid pro quo", sentencia Lecter no primeiro encontro dos dois: uma coisa pela outra.

E para contentamento das atrizes americanas que vinham se queixando da péssima qualidade dos personagens femininos que habitam os scripts disponíveis, Clarice Starling é tão completa e complexa quanto os melhores papéis masculinos que Hollywood tem a oferecer. Não tira a roupa, não joga charme, não faz biquinho, não é escada para um homem forte, tudo isso sem precisar fechar carranca ou distribuir tiros e pescoções. Se chora — antes de conter rapidamente as lágrimas — é porque lembra, na análise de Lecter, dos inocentes cujo silêncio

dá o título ao filme: as ovelhas que o tio matava na fazenda em que ela foi morar após a morte do pai policial.

"Você usa creme de pele E-vyan", revela Lecter quando Clarice se defronta com ele pela primeira vez num manicômio de alta segurança em Baltimore. "Você usa perfume L'air du Temps", ele prossegue, enchendo os pulmões com o tanto de ar por onde Clarice acabou de passar, "mas hoje não". Aos poucos ele vai despindo camada após camada da carapaça psicológica erguida por Starling para se isolar da perspicácia analítica de Hannibal, conforme instrução de Jack Crawford (Scott Glenn), seu superior no FBI. "Não revele nada de sua vida pessoal", alerta Crawford num *briefing*. "Não dê coisa alguma a ele, nenhuma informação. Você não vai conseguir viver com Hannibal Lecter dentro de sua cabeça." É inútil o aviso: sucumbir a Lecter é inevitável, apenas uma questão de tempo.

O DELINQÜENTE — É interessante a maneira como Demme revela a identidade do assassino logo nos primeiros minutos de exibição sem, por isso, tirar o suspense da perseguição, porque nem Clarice, nem o FBI, nem Lecter — pelo menos, não exatamente — sabe que o matador é James Gumb (Ted Levine), um pretendente a transexual cujos pedidos de intervenção cirúrgica foram sistematicamente negados por inúmeros hospitais. Ninguém no filme sabe de Gumb. Somente o público.

Revelar o objetivo final de Gumb aqui seria estragar boa parte da surpresa do filme, mas basta ressaltar que é encontrada dentro da boca de uma de suas vítimas um casulo contendo uma "mariposa cabeça de morte" — nome vulgar de um inseto asiático raro que simboliza a transmutação. Outro detalhe importante: Gumb é exímio costureiro. Numa descida vertiginosa ao inferno de Gumb, Demme constrói um desenlace eletrizante que torna os motivos e os "métodos de trabalho" de Gumb não abjetos mas pavorosamente lógicos.

O escritor do livro que originou o roteiro do filme, Tom Harris, já está preparando uma continuação da dobradinha Starling/Lecter, partindo do final da história contada em *O Silêncio dos Inocentes*, que se encerra com Hannibal prestes a papar um conhecido algoz. Se Harris aceitar a sugestão dada por Anthony Hopkins, o capítulo seguinte promete: Anthony quer ver Lecter e Starling travarem um pacto. Clarice deverá perseguir Hannibal até encontrá-lo e dar cabo dele. Se não conseguir, Lecter fuzilará Clarice. Para depois comê-la, bem refogadinha.

José Emílio Rondeau

Fotos Columbia Tri-Star

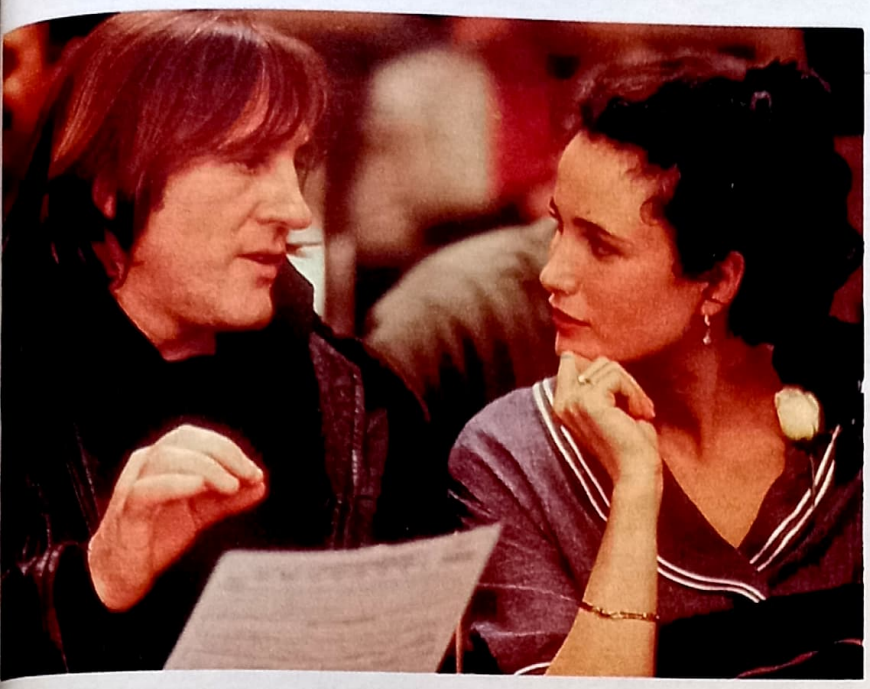
Demme, acima, estuda uma cena. Ao lado, o olhar perscrutador não esconde a beleza de Jodie

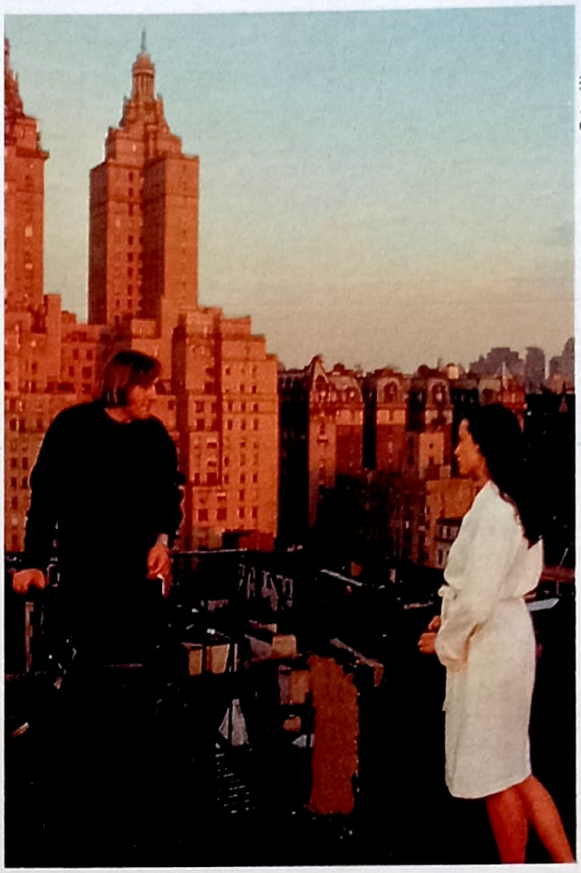
JODIE FOSTER EM VÍDEO

QUANDO AS METRALHADORAS COSPEM (*Bugsy Malone*, Inglaterra, 1976, de Alan Parker), F.J. Lucas ■ A MENINA DO OUTRO LADO DA RUA (*The Little Girl Who Lives Down the Lane*, EUA/Canadá/França, 1976, de Nicolas Gessner), Nacional ■ SE EU FOSSE MINHA MÃE (*Freaky Friday*, EUA, 1977, de Gary Nelson), Abril Vídeo ■ NASCE UMA CANTORA, MORRE UM SONHO (*Suengali*, EUA, 1983, de Anthony Harvey), Alvorada ■ HOTEL MUITO LOUCO (*Hotel New Hampshire*, EUA, 1984, de Tony Richardson), VTI ■ MARCAS DE UMA PAIXÃO (*Siesta*, EUA, 1987, de Mary Lambert), Alvorada ■ MEMÓRIAS SECRETAS (*Stealing Home*, EUA, 1988, de Steven Kampman), Warner ■ ACUSADOS (*The Accused*, EUA, 1988, de Jonathan Kaplan), Warner

The Silence of the Lambs, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Jonathan Demme ■ Com Jodie Foster, Anthony Hopkins, Scott Glenn, Ted Levine, Anthony Heald ■ ROTEIRO: Ted Tally, baseado no romance de Thomas Harris ■ FOTOGRAFIA: Tak Fujimoto ■ MÚSICA: Howard Shore ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Kristi Zea ■ MONTAGEM: Craig McKay ■ PRODUÇÃO: Kenneth Utt, Edward Saxon e Ron Bozman para a Orion ■ DURAÇÃO: 118 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

George (Depardieu) e Brontë (Andie) inventam uma vida que não possuem, sob o céu de NY





Fotos Warner

Fascínio e humor abordam tensão entre casal

GREEN CARD – PASSAPORTE PARA O AMOR

de Peter Weir, com Gérard Depardieu, Andie MacDowell...

O diretor australiano Peter Weir, 47, é um mestre na elegância das relações afetivas. Seus personagens são ternos, lúcidos e fortes. Possuem uma determinação que não exclui a insistência de se amar a vida, suas circunstâncias e o próximo. O francês George Faure (Depardieu) e a nova-iorquina Brontë Parrish (Andie MacDowell) são dois perfeitos exemplares de sua criação. Eles só se conhecem por que seus interesses permitem usar um ao outro num casamento de conveniência que pode facilitar suas existências em Nova York. Ele precisa conseguir o Green Card, o documento que permite a um estrangeiro viver e trabalhar nos EUA, e só pode consegui-lo casando com uma americana. Ela, horticulturista militante, quer alugar um apartamento que tem um jardim-estufa *(greenhouse)* — um recanto que reproduz com exatidão o clima de uma floresta.

O apartamento só pode ser alugado para marido e mulher legalmente casados. Assim, através de um amigo comum, Brontë e George se casam. Mas para passarem por um astuto questionário do Departamento de Imigração, eles têm de inventar um passado comum, e saber detalhes um do outro que só a convivência, que eles não têm, pode construir. As coisas não começam bem. Ela é vegetariana combatente, de posições políticas claramente definidas e pragmáticas. Ele é fumante arraigado e carnívoro, que se preocupa apenas com a política de sua vida pessoal.

A aparente impossibilidade de ligação química entre a atitude metódica e o mau humor dela, com o despojamento e a alegria fluida dele, passa a ser o ingrediente de aproximação. Pretender uma situação, de fato não estabelecida, é a grande sacada de Weir para desenvolver um humor romântico, leve e constante, capaz de esquadrinhar o mundo e o coração de Brontë e os valores sociais que dividem com rigidez pessoas de universos diferentes.

Fluindo ao sabor das comédias românticas dos anos 30, Weir inverte o tradicional esquema narrativo ao mostrar um casal que está em crise antes mesmo de se conhecer. Ele explora todas as possibilidades do flerte e faz um delicado libelo ao cortejo. Gérard Depardieu dá um banho de charme e interpretação na etérea e fulgurante Andie MacDowell. Peter Weir admite que o roteiro foi pensado em 1983 para Depardieu. Tanto que ele esperou pacientemente o proeminente ator francês terminar alguns filmes para depois tocar o projeto de 19 milhões de dólares. Depardieu só se viu livre para *Green Card* depois de filmar *Cyrano de Bergerac* e ganhar a Palma de Ouro em Cannes. Enquanto isso, Peter Weir entregava ao público sua mais recente obra-prima — *Sociedade dos Poetas Mortos*.

Walter de Silva

Green Card, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Peter Weir ■ Com Gérard Depardieu, Andie McDowell, Bebe Neuwirth, Gregg Edelman, Robert Prosky, Jessie Keosian, Ethan Phillips, Mary Louise Wilson ■ ROTEIRO: Peter Weir ■ FOTOGRAFIA: Geofrey Simpson ■ MÚSICA: Hans Zimmer ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Wendy Stites ■ MONTAGEM: William Anderson ■ PRODUÇÃO: Peter Weir para Touchstone Pictures ■ DURAÇÃO: 105 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Oh, que delícia de Guerra Civil Espanhola!

AI, CARMELA!

de Carlos Saura, com Carmen Maura, Andres Pajares...

A Espanha é o explícito objeto do desejo do diretor Carlos Saura. Grande parte de sua filmografia é uma crítica ao sistema sócio-político espanhol sob a ditadura de Franco. A rígida censura política deste período gerou um cinema repleto de simbolismos, carregado de alusões políticas que não resvalam no convencional discurso panfletário. Ao contrário, seus filmes se situam no plano pessoal e emocional, através do qual flui a veia política. Quando da morte de Franco, Saura não mais usou intrincados recursos lingüísticos para burlar a censura, como fizera em *Ana e os Lobos*, de 1972 e *Cría Cuervos*, de 1976 — inaugurou, então, uma trilogia em torno da dança flamenca, como que prestando uma homenagem à Espanha passional.

Em *Ai, Carmela!* Saura retorna seu olhar ao espectro de Franco, abordando a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Saura quer expiar a guerra. Saber se há um compromisso ético da arte. Refere-nos a uma dupla de artistas, Carmela (Carmen Maura) e Paulino (Pajares) e a um garoto mudo que realizam debochados espetáculos aos combatentes republicanos, em troca de comida. A caminho de Valência, são aprisionados pelas tropas nacionalistas de Franco. Não tendo outra saída, submetem-se à realização de um patético show que ridicularizaria os republicanos, dos quais eram simpatizantes. Durante o espetáculo, a tensão aumenta. Paulino pensa apenas em sobreviver. Carmela se apega aos seus princípios. O desfecho é emocionante.

Apesar da dramaticidade, Saura nos surpreende com um inesperado toque de humor. Afinal, Carmen Maura (a atriz predileta de Almodóvar, com quem rompera e agora reatou) é a protagonista. Arrasa. Mescla humor e drama sem dissonâncias. É, talvez, o filme mais simples de Saura. Embora histórico, não exige erudição. Não há malabarismos lingüísticos. A metalinguagem foi submetida a um discurso linear. *Ai, Carmela!* é uma encruzilhada de tendências. Carmela é a simbologia da Espanha. Caliente, debochada, humana, ela tenta sobreviver. Mas, sensível, adquire seus próprios princípios. E, segundo Saura, estes não se vendem.

Paulo Masella

Ay, Carmela!, Espanha-Itália, 1990 ■ DIREÇÃO: Carlos Saura ■ Com Carmen Maura, Andres Pajares, Gabino Diego, Maurizio de Razza ■ ROTEIRO: Carlos Saura e Rafael Azcona, baseado no livro de Sanchis Sinisterra ■ FOTOGRAFIA: José Luis Alcaine ■ MONTAGEM: Pablo G. del Amo ■ MÚSICA: Alejandro Masso ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Rafael Palmero ■ PRODUÇÃO: Iberoamericana Films e Ellepi (co-produção), em associação com a Televisão Espanhola ■ DURAÇÃO: 103 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: F.J. Lucas

A graciosa Carmem Maura, acima, é a Carmela debochada e humana. Ao lado, ela, Paulino (Andres Pajares)e o garoto mudo, dão mão à palmatória aos nacionalistas

Fotos F.J. Lucas

Obra de Tom Wolfe é "queimada" imprudentemente

FOGUEIRA DAS VAIDADES

de Brian De Palma, com Tom Hanks, Bruce Willis...

Fotos Warner

Primeiro foi aquela correria: todo mundo querendo comprar os direitos cinematográficos do best-seller de Tom Wolfe. Depois, veio o silêncio — um longo e preocupado silêncio quando o vencedor da disputa (no caso, os estúdios Warner) descobriu o tamanho do abacaxi que tinha nas mãos. Como fazer encaixar nos cânones de Hollywood uma novela absolutamente desprovida de heróis, na qual todos os personagens sofrem de graus variados de canalhice e manipulação, e onde praticamente todas as principais etnias que compõem o tecido social americano são satirizadas de forma inclemente?

A resposta é: com extrema dificuldade, sacrificando substancialmente as premissas e o estilo do livro, alterando completamente o perfil de seus personagens. Em suma, cometendo um massacre. E encontrando um diretor que concordasse com ele. E assim foi feito e o resultado é *Fogueira das Vaidades, d'aprés* Brian De Palma, um filme que poderia ser interessante se fosse um cartum, já que todos os seus personagens são caricaturas. "Eu quis fazer uma farsa, como o *Dr. Fantástico*, de Kubrick", disse De Palma, defendendo seu filme. A comparação está correta no alvo, mas totalmente equivocada na pontaria. *Dr. Fantástico* era um filme inteligente, em que a sátira rasgada estava a serviço de idéias. *Fogueira* não está nem em estado de morte cerebral, porque está inteiramente desmiolada.

Para mostrar que está fazendo uma farsa, De Palma põe todos os seus personagens a gritar por qualquer coisa e os filma em ângulos superaproximados, distorcidos. Os gananciosos literalmente espumam. As sedutoras tiram a roupa por qualquer pretexto. Os idiotas são feios e babam. E, para mostrar que ninguém é racista, Morgan Freeman salva o dia libertando Sherman McCoy (Tom Hanks) e, desta forma, tornando o filme uma paródia grosseira do livro.

Ao alterar não apenas o final da história, mas o seu tom e o desenho de seus personagens, De Palma conseguiu apenas transformar as farpas de Tom Wolfe em toscos porretes que dão bordoadas indiscriminadamente. Desta forma, os dois protagonistas — McCoy, o yuppie que cai em desgraça depois de atropelar um rapaz negro, e Peter Fallow, o jornalista oportunista que divulga o incidente — foram entregues a dois atores que, de cara, despertam as simpatias do público — Tom Hanks e Bruce Willis. Mas, como todos os demais personagens continuam antipáticos, a artilharia aguda de Wolfe torna-se manca: McCoy e Fallow transformam-se em dois inocentes perdidos na cidade suja. Os demais — principalmente as mulheres, que são, invariavelmente, grotescas, incluindo a Maria de Melanie Griffith — são a escória do universo. Não era bem isso que Tom Wolfe queria dizer e, certamente, não era bem isso que este filme, de 25 milhões de dólares, deveria ser.

Ana Maria Bahiana

Peter Fallow (Bruce Willis), acima, faz o gênero Humphrey Bogart bagaceiro. A grotesca Maria Rubiner (Melaine Griffith) e o desgraçado Sherman McCoy (Tom Hanks), ao lado, são caricaturas da obra de Tom Wolfe

The Bonfire of the Vanities, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Brian De Palma ■ Com Tom Hanks, Bruce Willis, Melanie Griffith, Kim Cattrall, Saul Rubinek, Morgan Freeman, John Hancock ■ ROTEIRO: Michael Cristofer, baseado no romance de Tom Wolfe ■ FOTOGRAFIA: Vilmos Zsigmond ■ MÚSICA: Dave Grusin ■ FIGURINO: Ann Roth ■ MONTAGEM: David Ray e Bill Pankow ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Richard Sylbert ■ PRODUÇÃO: Brian De Palma para a Warner Bros. ■ DURAÇÃO: 118 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

A ganância é a amiga de continuações como esta

OLHA QUEM ESTÁ FALANDO, TAMBÉM

de Amy Heckerling, com John Travolta, Kirstie Alley...

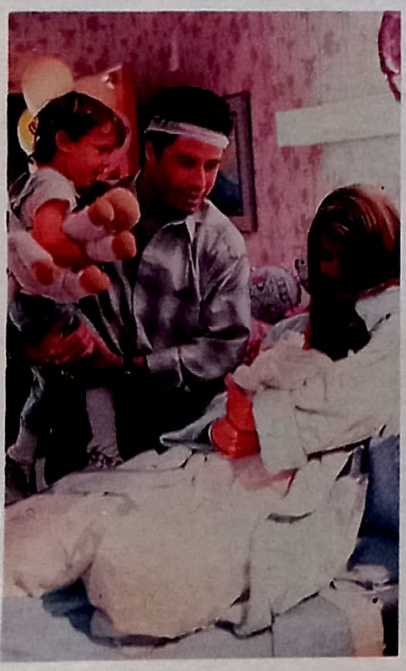
Filmes às vezes se fazem assim: não porque exista uma história, ou um grande personagem, ou um grande diretor, mas simplesmente porque existe um artifício, um gancho para encher hora e meia de tempo numa sala escura e dar vazão aos estoques de bala e pipoca. (Você sabia que a maioria dos filmes americanos rende mais em venda de bala e pipoca que propriamente de ingresso no mercado interno? Pois é...)

Há um ano, o primeiro *Olha Quem Está Falando* foi um *gadget* assim: um bebê! falando! com a voz do Bruce Willis!, e o estouro de bilheteria foi tão grande quanto fugaz — quem apostava, por exemplo, que a carreira de John Travolta estava (re)feita (ele era o "pai" da criança, lembra?) deve ter perdido bom dinheiro — ele, assim como o filme, foram solenemente esquecidos assim que balas e pipocas foram digeridas.

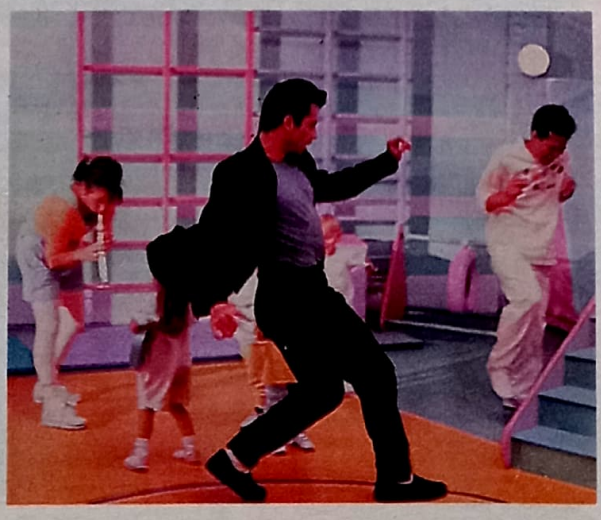
Mas eis que, em sua fúria incontrolável pelo dinheiro fácil e rápido, Hollywood confeccionou, apressadamente, esta "continuação" do primeiro. E como a pressa era mesmo muita nem foi preciso elaborar uma história: bastou arrumar um outro bebê! que fala! É uma menina! Com a voz da Roseanne Barr! E, aí, mal se enche uma hora e dez minutos de *sketches*, com os dois moleques brigando, os pais (Kirstie Alley e John Travolta) idem e alguns números musicais "comentando" a ação. E pronto, acabou. Mas, como nem os compradores de pipoca são tão distraídos assim, este segundo *Quem Está Falando* naufragou solenemente nos EUA. E merecidamente.

Ana Maria Bahiana

Look Who's Talking Too, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Amy Heckerling ■ Com John Travolta, Kirstie Alley, Olympia Dukakis, Elias Koteas, Twink Caplan ■ VOZES: de Bruce Willis para Mikey, de Roseanne Barr para Julie, de Damon Wayans para Eddie, de Mel Brooks para Mr. Toilet Man ■ ROTEIRO: Amy Heckerling e Neal Israel ■ FOTOGRAFIA: Thomas Del Ruth ■ MÚSICA: David Kitay ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Reuben Freed ■ MONTAGEM: Debra Chiate ■ PRODUÇÃO: Jonathan D. Krane para a Tri-Star Pictures ■ DURAÇÃO: 81 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star



O casal e seus falantes, e o pai num embalo infantil



Fotos Columbia Tri-Star

Wayland (Russell) e Collie (Kelly) se aquecem no inverno em um beijo de telenovela global

Fox

CONFLITOS NO INVERNO

com Kurt Russell

Há que se reparar nas boas intenções do filme. Embora um tanto melodramático, o resultado envolve simpático e confortante como um cobertor de casal ao pé da lareira. Talvez mesmo por causa da imponência da dupla central. Wayland Jackson (Russell) é um relojoeiro viúvo que deixa sua cidade natal à procura de um novo mercado de trabalho na época da depressão americana, a bordo de sua filhinha corajosa (Amelia). O destino — elaborado com precisão de folhetim romântico — coloca o artesão dentro do barraco de Collie Wright (Kelly), uma marginalizada mãe solteira, de uma comunidade rústica em Blue Ridge Mountains, na Carolina do Norte. Ela serve de amante "oficial" de um filho da família rival. Não há como evitar o namoro Russell/Kelly e o enfrentamento do sensível relojoeiro com o brutamontes Drury (Ryan). A vingança surge como o único vínculo real entre as famílias. Na verdade, uma teia de clichês e despretensões cinematográficas, *Conflitos no Inverno* é um bom substituto de duas horas para qualquer novela global.

Dilson Gomes

Winter People, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Ted Kotcheff ■ Com Kurt Russell, Kelly McGillis, Lloyd Bridges, Mitchell Ryan, Amelia Burnette ■ ROTEIRO: Carol Sobieski, baseado no romance de John Ehle ■ FOTOGRAFIA: François Protat ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Ron Foreman ■ MONTAGEM: Thom Noble ■ FIGURINO: Ruth Morley ■ PRODUÇÃO: Robert H. Solo para a Nelson Entertainment ■ DURAÇÃO: 110 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

COMANDO DELTA 2

com Chuck Norris

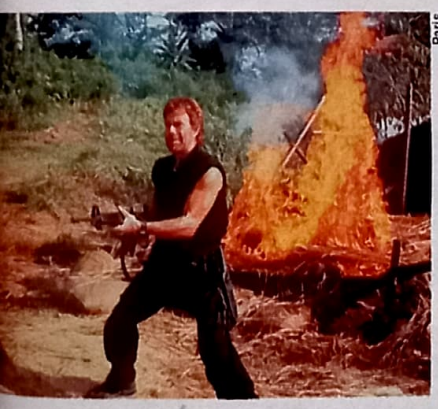
Chuck Norris (ou Carlos Ray, para os íntimos), o baixinho invocado mais popular do cinema de ação, campeão de caratê e sucessor de Bruce Lee, retorna em mais uma missão militarista da Cannon.

Os valentões cel. Scot McCoy (Norris) e Chavez (Paul Perri), capturam o temido Ramon Cota (Billy Drago) — chefão da coca que (num paisinho chamado San Carlos) reina com a conivência de generais golpistas. Nos EUA, o facínora é solto sob fiança, para indignação dos tiras. Depois, assassina a esposa grávida de Chavez, além de asfixiá-lo sadicamente numa câmara de gás, mantendo outros agentes prisioneiros.

Autorizada pelo próprio presidente dos EUA, a missão "Delta", liderada pelo durão general Taylor (John P. Ryan), entra em ação, bombardeando campos de drogas enquanto McCoy tenta salvar os agentes reféns. Mas a fragilidade da história e seu esvaziamento em seqüências bobas não resultam num filme de ação competente.

Antonio Querino Neto

Delta Force 2 EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Aaron Norris ■ Com Chuck Norris, Billy Drago, John P. Ryan, Richard Jaeckel, Begonia Plaza, Paul Perri ■ ROTEIRO: Lee Reynolds, baseado no original de James Bruner e Menahem Golan ■ FOTOGRAFIA: João Fernandes ■ MÚSICA: Frederic Talgorn ■ MONTAGEM: Michael J. Duthie ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Ladislav Wilheim ■ FIGURINO: Kady Dover ■ PRODUÇÃO: Yoram Globus e Christopher Pearce ■ DURAÇÃO: 87 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris



Paris

Chuck Norris manda bala nos traficantes

Fox

A estupenda Nastassja Kinski, acima, é a pobre "menina rica" Maria Polozov, destruidora de corações e lares. Pudera...

Um filme vale apenas por um belo par de lábios?

PAIXÕES NA PRIMAVERA

de Skolimowski, com Nastassja Kinski, Timothy Hutton...

A adaptação da obra do escritor russo Ivan Turgenev pelo cineasta polonês Jerzy Skolimowski é mais um daqueles filmes europeus que pretendem agradar explorando o filão de filmes com exteriores bucólicos, figurinos e cenografia de época (século XIX), cavalheiros galantes e belas damas. Sendo o filme uma co-produção anglo-franco-italiana, soma-se o atrativo do elenco multinacional: o americano Timothy Hutton (ganhador do Oscar por *Gente Como a Gente*), a ítalo-grega Valeria Golino *(Rain Man)* e, *last but not least*, Nastassja Kinski. Hutton é Sanin, um russo que, em visita à Alemanha, conhece Gemma (Golino), uma moça simples e encantadora, de origem italiana. Os dois se apaixonam e, depois de uma ou outra escaramuça, decidem se casar: ela dá o fora no noivo e ele vai vender sua propriedade na Rússia. Nesse momento, entra em cena o conflito: aparece a riquíssima Maria Polozov (Kinski), que, com o pretexto de tratar da compra das terras de Sanin, o atrai para um irresistível jogo de sedução.

Paixões na Primavera cresce na seqüencia final, quando Sanin, vestido de Pierrot, busca sua amada em meio às máscaras, canais e palacetes do Carnaval em Veneza. Pelo menos duas cenas são dignas de nota: a imagem da carruagem com suas parelhas de cavalos transportada por uma chata com a paisagem veneziana ao fundo, e a cena em que Sanin entra no grande salão de um palácio onde só encontra o chão quadriculado e um cavalo branco. Dá para desconfiar que Skolimowski fez o filme só para poder mostrar essas cenas. Se vale assistir ao filme só para vê-las, já é uma outra história. Não vamos esquecer que há também aquela boca incrível da Nastassja, o que certamente vale fazer (ver) um filme.

David França Mendes

Torrents of Spring, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Jerzy Skolimowski ■ Com Timothy Hutton, Nastassja Kinski, Valeria Golino, William Forsythe, Urbano Barberini, Francesca De Sapio ■ ROTEIRO: Jerzy Skolimowski e Arcangelo Bonaccorso, baseado no romance de Ivan Turgenev ■ FOTOGRAFIA: Dante Spinotti e Witold Sobocinski ■ MONTAGEM: Cesare D'Amico ■ MÚSICA: Stanley Myers ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Francesco Bronzi ■ PRODUÇÃO: Angello Rizzoli para a Millimeter Films ■ DURAÇÃO: 93 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

JULIA ROBERTS

Stills

FAMA NÃO ENGORDA

Mas muda as pessoas. Cabelos curtos, idéias ambiciosas, a atriz até que arranjou teorias sobre o êxito de *Dormindo com o Inimigo*

Já houve um tempo em que Julia Roberts era a alegria da festa: o tempo imediatamente anterior a *Uma Linda Mulher*, quando ela era apenas uma bela e talentosa atriz que arrancava elogios dos críticos — por pequenos papéis como o da moça decidida de *Três Mulheres, Três Amores*. Depois, numa seqüência assustadora, vieram as indicações, os prêmios — por *Flores de Aço* — e os estouros de bilheteria. Quando *Uma Linda Mulher* tornou-se um dos maiores sucessos comerciais de 1990, e o filme mais rendoso da história dos Estúdios Disney, as pessoas começaram a falar no "fator Julia": o elemento capaz de atrair público para qualquer filme. E quando, em fevereiro, saíram as indicações para o Oscar, o "fator Julia" disparou: ali estava a moça de 24 anos, de Smyrna, Georgia, acumulando sua segunda indicação em meros cinco anos de carreira — e competindo como melhor atriz com gente do calibre de Joanne Woodward e Meryl Streep.

Agora, Julia não é mais a garota falante que recebia jornalistas aos beijos e gargalhadas nos sets de filmagem. Tanta exposição ao público tornou-a defensiva, ressabiada. Sua ligação amorosa com Kiefer Sutherland está, afinal, em todas as revistas de fofocas, e ela não gosta disso. Agora, Julia responde com frases curtas, bebe longos goles de água antes de cada frase e, antes de dizer qualquer coisa, quer saber "o que você quer dizer com isso?" Cabelos cortados curtos e mechados de louro, achou que estava na hora de mudar de cara. "Todo mundo já sa-

bia que eu tinha uma enorme cabeleira castanha."

SET — *O sucesso de* Uma Linda Mulher *no mundo inteiro surpreendeu muita gente. Você se surpreendeu?*
JULIA ROBERTS — Não posso negar que acho ótimo o sucesso do filme. Você faz um filme esperando que as pessoas o vejam e gostem dele. Algumas vezes elas gostam. Outras, não. Mas foi uma surpresa.
SET — *Inúmeras vezes a imprensa publicou que 1990 foi o ano Julia Roberts. Como você reage a isso? Você passou a sentir uma pressão profissional maior? Você acha que esse tipo de coisa dá mais respeitabilidade a uma atriz? Você estaria abrindo caminho para outras atrizes atingirem o mesmo grau de respeitabilidade?*
JULIA — Se consegui isso, ótimo. Tudo o que eu fizer para ajudar uma pessoa ou um grupo de pessoas me parece ótimo. Mas não é esse meu objetivo. Acho que ser colocada numa posição dessas, seja por virtude ou por acidente, não vai mudar o que eu faço ou o porquê de fazê-lo, ou o como fazê-lo. É o que é, e se fizer algum bem, melhor ainda.
SET — *Primeiro, a comédia romântica de* Uma Linda Mulher. *Depois, as sombras de* Linha Mortal. *Agora, o sofrimento de* Dormindo com o Inimigo. *Existiria aí um plano de vôo proposital em direção ao lado escuro do ser humano?*
JULIA — É, nunca fiz uma coisa com tanto suspense assim, e foi por isso que me interessei por *Dormindo com o Inimigo* — era completamente diferente de tudo que eu havia feito antes. Era um personagem com uma jornada sofrida, muito sofrida, que só no finalzinho tem alguma espécie de alívio.
SET — *Parte da tragédia das esposas que são maltratadas pelos maridos é que elas tornam-se psicologicamente tão dependentes do marido que as agride, que elas temem fugir por que podem ser assassinadas. É criada uma dependência mórbida, por assim dizer. No caso de Laura, seu personagem, do que ela depende?*
JULIA — Em primeiro lugar, acho que dizer uma coisa dessas é generalizar. Cada situação é diferente da outra. Tenho certeza de que existem denominadores comuns, mas as razões de cada problema diferem de pessoa para pessoa, de momento para momento. No caso de Laura, acho que ela espera desesperadamente que a qualquer instante o problema deixe de existir, e provavelmente ela mantém viva essa esperança de que nunca mais venha a ser surrada (pelo marido). Ela aplica uma lavagem cerebral em si mesma nem que seja apenas para sobreviver naquele momento. Acho que ela se convenceu de que (o marido) é tão poderoso que ela não vai conseguir fugir dele por métodos lógicos. E, de alguma maneira doentia, há uma sensação de consolo e de calma no fato de que, por pior que seja a violência, ela já conhece o problema muito bem e, portanto, se acostumou a ele. Mas isso é uma sensação abstrata. Na verdade, o que ela quer mesmo é fugir dele, só que ela está desesperada e não sabe como fazer isso.
SET — *Foi uma filmagem excepcionalmente desgastante para você?*
JULIA — Cada emoção que você vê no filme — ou pensa a respeito, ou acha que sente — provavelmente corresponde a uma mesma emoção que eu possa ter sentido durante as filmagens com a intensidade mais drástica possível. E também foi fisicamente desgastante. Acho que foi o filme em que mais trabalhei, em termos de horas gastas. Cheguei a me machucar mesmo, mas não por falta de precaução por parte da produção, mas por um erro meu — calculei mal a distância até o chão e me machuquei. Mas, de qualquer jeito, eu sabia que não seria um "passeio", sabia que seria um filme difícil de se fazer. Meu trabalho é este: criar uma ilusão de realidade.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

Final de susto vulgar estraga

DORMINDO COM O INIMIGO

A idéia, em si, não é nada má. Uma jovem e bela dona de casa, Laura (Julia Roberts), vive, aparentemente, um casamento ideal, ao lado de Martin (Patrick Bergin, de Montanhas da Lua*), um marido endinheirado, bonitão e, para quem olha distraidamente, atenciosíssimo. Um olhar em profundidade, contudo, revela que Martin é um maníaco obsessivo que controla cada respiração da mulher e a mantém em regime de prisão domiciliar, aterrorizada por espancamentos regulares cada vez que ela infringe uma de suas manias. Para fugir desse inferno, Laura tem uma saída que é puro Hitchcock: encena sua própria morte, "afogando-se" durante um passeio de barco (o marido estava crente que ela não apenas não sabia nadar como tinha pânico de água), e reaparece, com outra identidade, numa cidadezinha a muitos e muitos quilômetros da costa da Nova Inglaterra, onde Martin ainda vive.*

Joseph Ruben transplantou esta boa idéia para a tela com um mínimo de sutileza e um máximo de ganchos truculentos para assustar o espectador. No terceiro ato do filme, contudo, quando o maridão doidão parte em busca da ex-defunta, ele perde totalmente a compostura e, em vez da finesse que conduz ao suspense, planta sustos óbvios a intervalos regulares, só para fazer o público pular na cadeira. Na TV, de graça, com os confortos de casa ao redor, até que dava para aturar. No cinema... só mesmo a beleza de Julia Roberts para justificar a bilheteria que o filme está tendo nos Estados Unidos.

Fox

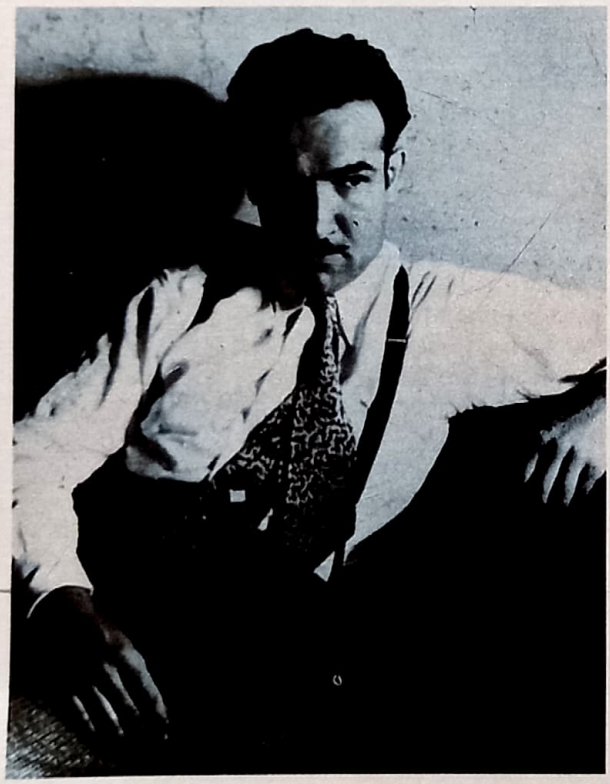
Sleeping with the Enemy, EUA, 1991 ■ DIREÇÃO: Joseph Ruben ■ Com Julia Roberts, Patrick Bergin, Kevin Anderson, Elizabeth Lawrence, Kyle Secor ■ ROTEIRO: Ronald Bass, baseado no romance de Nancy Price ■ FOTOGRAFIA: John W. Lindley ■ MÚSICA: Jerry Goldsmith ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Doug Krane ■ MONTAGEM: George Bowers ■ PRODUÇÃO: Leonard Goldberg para Fox ■ DURAÇÃO: 98 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

A "patroa" Laura (Julia) é a bela presa que quer fugir às garras do marido

JACK O. DAWN

O leitor pode não se lembrar do ator, mas ele continua vivo em nossos corações

John Ernest Luke é um nome desconhecido, e seu nome artístico, Jack O. Dawn, também. Mas Jack O. (1896-1940) influenciou várias gerações de comediantes, do amigo Harold Lloyd a Donald O'Connor, passando pelo *monsieur* Hulot de Jacques Tati e o professor aloprado de Jerry Lewis. Chegou a ser comparado a Buster Keaton e ao próprio Lloyd. Mas depois de apenas três filmes, Jack O. mal teve tempo de conhecer a fama, amargando um declínio imediato que o mandou irreversivelmente de volta ao limbo, do qual não conseguiu mais sair. Quase anônimo, tornou-se um mito secreto de alguns dos mitos de nosso tempo.



Jack O. como detetive em *Sangue Lunar*, de 1935

O ator nasceu em Nova York no mês de abril. O pai era um caixeiro-viajante que, diziam na época, havia conhecido até Buenos Aires, a "capital do Brasil", e feito amizade com um importante político do Peru, até que morresse de escarlatina no começo do século. Mentiu ao internar a mulher na hora de dar à luz (não pagou o seguro social por dez anos), mas escudou-se no calendário: o pequeno Jack nasceu no dia primeiro, o da Mentira. Com cinco anos, Jack brilhava no teatrinho da igreja de St. Joseph, reduto de jesuítas. Seu primeiro papel foi o de Puck em *Sonho de Uma Noite de Verão*.

Dawn fez um monte de biscates antes de encarar outro papel dramático. Foi engraxate nos primeiros anos, vendedor de jornais (gabava-se de ter inventado o bordão "Extra! Extra!"), bancário, vendedor de automóveis e agente literário. Foi um dos primeiros agentes de Scott Fitzgerald, que zombava dele pelo fato de não beber. Fitzgerald acabou introduzindo-o indiretamente no meio teatral de Nova York, confiando na intuição de uma de suas amigas sobre um suposto talento dramático do agente, que compensava a abstinência alcoólica com blagues e certo senso poético, surrealista (Fitzgerald, ébrio, deliciava-se tanto com as histórias que acabou incluindo-as num pequeno conto, "Down on the River Side", de *Sete Contos da Era do Jazz*).

O ator apresentou-se para uma leitura de *Coração Mecânico*, um pequeno drama em dois atos escrito pelo velho fotógrafo de D.W. Griffith, Billy Bitzer, que seria montado na Broadway. O próprio Bitzer assistiu à performance de Dawn, que introduziu empiricamente nas falas do personagem um ressonar metálico que descobrira quando criança ao brincar com as latas de lixo do vizinho. Nascia aí o princípio das gagues do Homem Mecânico, seu mais famoso personagem, levado ao cinema por influência direta — conforme a lenda — de Harold Lloyd.

MALDIÇÃO — *Coração Mecânico* jamais foi encenado, mas Dawn acabou contratado pela RKO para uma série de *sketches* cômicos, que desaguariam num único episódio, *O Homem Mecânico* (*The Mechanic Man*, 1933), co-escrito por Lloyd em três semanas. Nele, Jack O. Dawn representava um fabricante de cabides que, num acidente, desabava no meio das engrenagens de uma das máquinas de sua firma, saindo no final do processo totalmente retorcido e amalgamado em filetes de arame. A história infeliz desse homem aprisionado em ferragens, tentando levar a vi-

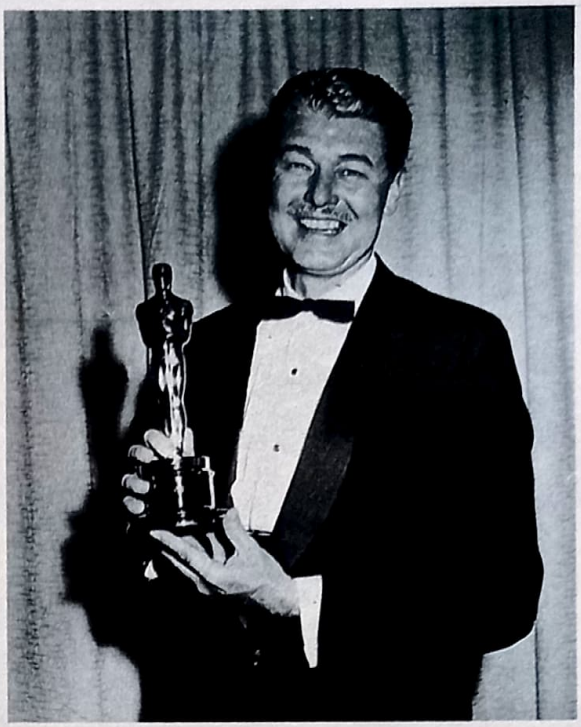
Acima, o cartaz original de *O Homem Mecânico*, de 1933. Jack O. Dawn em cena do filme, à esquerda, e os paramentos do personagem usados em algumas cenas, à direita

da de forma rotineira, impressionou muito a platéia. Orson Welles referiu-se a esse espanto das primeiras audiências de *O Homem Mecânico* no seu último filme, *Verdades e Mentiras*, mas cortou as cenas na edição final. A carreira do *Homem Mecânico* foi interrompida por dois incêndios nos cinemas onde começava a ser exibido, em Dallas e El Paso, no Texas. Para os texanos, e para o resto do país, a maldição tomara conta de *O Homem Mecânico*, que foi retirado de cartaz apenas três dias depois da estréia. Dawn precisou esperar dois anos para voltar às telas.

Em 1935, ele fez o papel de um detetive de hábitos bizarros na comédia de humor negro *Sangue Lunar* (*It's Great To Be Alive*), desta vez ao lado de Elsa Lanchester, com quem se casaria no ano seguinte. Numa cena, o ator usava gigantescas pernas-de-pau para penetrar no esconderijo do vilão Neil Zingaro, vivido por Edward G. Robinson, encastelado no terceiro andar de um edifício... ao lado da chefatura de polícia. O detetive de Dawn colecionava garrafas de gim e, misógino, espancava três garotas com cadeiras e tacos de beisebol. Outra vez não obteve sucesso, mas foi notado por alguns críticos.

Entre *Sangue Lunar* e *Wedding Bells*, o filme seguinte, passaram-se três anos, entre os quais Jack O. Dawn fez de tudo para sobreviver. Foi *stunt man* — quebrando várias costelas e a clavícula — em nove westerns.

Em 1938, conseguiu, através de um teste hilariante, o papel principal de *Wedding Bells* (inédito no Brasil), seu melhor filme, que misturava humor e terror em medidas impensadas para a época. Contava a história de um zeloso bancário bem-casado que resolve dar um desfalque e fugir para o Marrocos. O primeiro terço do filme retrata a vida modorrenta do casal. Então ela fica grávida e ele tem um sonho horrível, em que uma fileira de crianças famintas penetra pelas escadarias do inferno atrás do pai que as deixou sós no mundo; encontram-no e roem seus tornozelos até a morte. O bancário não consegue se desvencilhar das imagens terríveis do pesadelo e decide não só dar um golpe no banco como também arrumar uma amante, que ele leva para Tânger. Lá, ele se diverte com camelos, saltando de corcova em corcova, e parece ter reencontrado a paz de espírito. Até que a amante se envolva com garotos nativos e o FBI apareça no Marrocos. O bancário se disfarça, então, de mulher, é metido num formoso haïk (vestimenta feminina tradicional) e vai se envolver nas piores enrascadas, acabando por desposar a filha de um notário... que na intimidade se revela um robusto rapagão. Dirigido pelo mesmo Byron Haskin de *O Homem Mecânico*, *Wedding Bell* foi um fracasso, acabando com a carreira de Jack O. Dawn, que desapareceu muito rápido. Começou a beber e a se drogar com heroína. Chegou a fabricar caixinhas de música para sobreviver.



Em fim de carreira, precocemente envelhecido, uma pose para o anúncio de uma companhia seguradora

O ator morreu atropelado na Broadway, quando tentava atravessar a rua com um realejo de dois metros que havia construído. Tinha 44 anos e três filmes estranhos praticamente esquecidos. Dele disse Luis Buñuel em *Meu Último Suspiro*: "Procuro um bar alegre mas não excessivo, onde alguém como o homem mecânico Jack O. pudesse depositar suas tralhas e sorver calmamente um Fra Angelico sob uma luz suave, não muito brilhante".

Fausto Taff

OS SUCESSORES DOS VIDEOCARROÇAS

O mais moderno videolaser chega às lojas para conquistar o comprador indeciso e desconfiado. Faltam agora os videodiscs que executem os efeitos especiais

Enquanto o resto do mundo se debate entre a HDTV (televisão de alta definição) e o aprimoramento dos discos óticos dos videolasers, o Brasil engatinha em direção à conquista do usuário oferecendo mais um modelo de videolaser, o CLD-1080 da Pioneer.

Desenvolvidos através de tecnologia japonesa, os aparelhos de vídeo com leitura a laser se alastraram pela Europa e Estados Unidos desde o início da década de 80 e foram aclamados, com unanimidade, como a última fronteira do homevídeo.

No Brasil, a Gradiente e a Sony lançaram, timidamente, seus respectivos modelos (MDP-100 e MDP-355) no final de 1990 (ver SET n.º 12, ano 4) e, após quase seis meses, ainda "testam" o comportamento do mercado. O que significa dizer que a aceitação do brasileiro em relação à nova tecnologia ainda não passa da desconfiança.

Apesar das condições adversas e da recessão no país, a Micrologic Eletrônica investiu na importação do modelo CLD-1080, representante do que há de mais moderno na linha de videolaser, e por isso tem um custo 10% maior que os similares — 1 300 dólares*.

Entre os três aparelhos disponíveis no país, o da Pioneer é o mais potente, possui uma leitura de áudio oito vezes maior que os outros dois — a mais elevada atualmente, de 352,8 kHz. Além dessa potência sonora e do estabilizador para os cinco tipos de discos de áudio e vídeo, a novidade do CLD-1080 é o sincronizador de tape-deck (para modelos da Pioneer) para gravações em fitas cassetes de áudio.

INCONVENIENTES — O único problema do novo aparelho é possuir apenas o sistema NTSC de codificação, enquanto a quase totalidade dos televisores brasileiros operam no sistema Pal-M. Somente os televisores de alta resolução — como os recentemente lançados pela Sharp e Gradiente (28 polegadas, Cr$ 280 mil*, e 29 polegadas, Cr$ 220 mil*, respectivamente) — vêm equipados com um transcodificador interno para os sistemas NTSC e Pal-M. Se não tiver um desses, o proprietário do CLD-1080 terá que providenciar a transcodificação à parte para obter imagem colorida.

Mas só a aquisição do conjunto *player* e da televisão perfeita não basta. É preciso ter acesso aos vi-

Apesar de ser o modelo mais moderno, o vídeolaser da Pioneer opera apenas com o sistema NTSC de codificação de cores. O aparelho aceita os cinco tipos de discos, como mostra a foto do destaque

Rui Mendes/ Azul

deodiscs, tanto para compra como para locação.

Os discos disponíveis nas grandes lojas revendedoras, como Museu do Disco, Hi-Fi e magazines, de São Paulo, por exemplo, são no formato CLV (Constant Linear Velocity), chamado de extended-play, que não permite a execução de recursos como congelamento e avanço e retrocesso em câmera lenta. É quase impossível encontrar discos no formato CAV (Constant Angular Velocity), ou standard, que permite executar todas as funções de efeitos especiais.

Para se ter uma idéia: a rede de lojas Áudio, em São Paulo, que só trabalha com a locação de videodiscs (com um acervo de mais de 200 títulos) tem apenas um curta, *Jazzin' for Blue Jean*, do cantor David Bowie e dirigido por Julien Temple, em CAV.

Em contrapartida, desde meados de 1990 a empresa californiana The Voyager Company colocou no mercado norte-americano sua "Criterion Collection", considerada o catálogo mais completo no formato standard. Desta forma, se for o caso de trazer alguns discos na mala de viagem, pode-se encontrar nos Estados Unidos *Blade Runner*, *Cantando na Chuva*, *Taxi Driver*, *Touro Indomável*, *2001: Uma Odisséia no Espaço*, entre as pérolas da imaginação cinematográfica. Os viajantes levarão a melhor.

Deborah Peleias
(análise técnica por Eder M. de Oliveira, da equipe Jatalon)

Sharp

Para usufruir plenamente da imagem é necessário um televisor de alta resolução, o qual já vem com transcodificador

Gradiente

Rui Mendes /Azul

* Os preços variam de acordo com o revendedor.

Onde comprar e alugar — Áudio: (011) 887-3377; Brenno Rossi: (011) 222-7033; Museu do Disco: (011) 222-3988/222-6935

O QUE A BAIANA TINHA

Carmen nos estúdios do Serviço Brasileiro da BBC de Londres, no começo dos anos 40

BBC

Carmem Miranda, a rainha dos *banana movies*, numa biografia bem escrita mas mal editada

Chamavam-na de *brazilian bombshell* (granada brasileira), de Ditadora (e Embaixadora) do Samba. Ela era apenas uma ex-chapeleira nanica, de nariz petulante e olhos verdes muito vivos, que sob balangandãs e um turbante tutti-frutti, cativou Hollywood com seu *look* de baiana internacional. Conta-se que, em 1955, pouco antes do corpo embalsamado de Maria do Carmo Miranda da Cunha (que chegou ao Rio de Beverly Hills, onde faleceu) ser enterrado, Aurora (sua irmã) retirou de seu rosto toda a maquiagem hollywoodiana (inclusive o batom hiper-rubro), para que o padre pudesse "encomendar" sua alma. Assim, novamente Carmen Miranda, desfeita da "camuflagem" que a consagrou, voltava a ser a portuguesinha rústica nascida no dia 9 de fevereiro de 1909, filha de um barbeiro da região do Porto. A católica e recatada Maria do Carmo foi enterrada sob a imagem de Santo Antonio. Já a espevitada baiana *fake*, que desafiou todas as convenções como musa brasileira nos Estados Unidos, certamente nunca morrerá. Esse caráter duplo da personalidade de Carmen está entre as observações da "mirandologista" Martha Gil-Montero, argentina radicada em Washington, em sua biografia (apoiada em muitos dados do excelente livro *Carmen Miranda, a Cantora do Brasil*, de Abel Cardoso Júnior) sobre a portuguesinha de têmpera decidida que se tornou um dos maiores mitos do cinema e da música e (consciente ou não) instrumento da pragmática política de "boa vizinhança" do presidente Roosevelt.

Da ascensão no Brasil dos anos 30 ao posterior estrelato nos grandes estúdios americanos (para onde ela foi com o Bando da Lua a tiracolo) e os últimos e tristes anos de casamento problemático ao lado de David Sebastian (pintado unilateralmente como o "vilão" por vários depoimentos), o retrato de Carmen é composto com competência e riqueza de dados apesar da excessiva tietagem e idolatria de alguns trechos e certa redundância e ingenuidade analítica do texto. No entanto, sua empreitada merecia uma edição menos pobre, com papel e capa de melhor qualidade e sobretudo bem-cuidadas reproduções de fotos.

A coquete e brejeira cantora de "Taí" e "O Que é Que a Baiana Tem?" (canção de Dorival Caymmi que inspirou sua baiana *clean* e *camp*) pulou do Cassino da Urca para a Broadway, sofreu uma "remodelagem" (inclusive biográfica) na Fox e estrelou nos calientes e "exóticos" *bananas movies* (*Serenata Tropical*, *Aconteceu em Havana* etc). Adotada (e posteriormente rejeitada) como emblema de um país não tão notável, a história da "Pequena Notável" se confunde com a história e a indefinição de identidade do próprio Brasil.

Antonio Querino Neto

A Pequena Notável — Uma Biografia Não-Autorizada de Carmen Miranda — Martha Gil Montero — trad. Tati de Moraes — Ed. Record, 316 págs. Cr$ 2 990,00

FILMOGRAFIAS

BERNARDO BERTOLUCCI

Nasceu em 16 de março de 1940, em Parma, Itália.

Curta-metragem: — 1966: IL CANALE
Documentários — 1965: LA VIA DEL PETROLIO (para a TV) ■ 1972: LA SALUTE È MALATA (ou *I Poveri Muoiono Prima*, para o Partido Comunista Italiano)
Longas-metragens — 1962: LA COMMARE SECCA ■ 1964: PRIMA DELLA RIVOLUZIONE ■ 1967: IL FICO INFRUTTUOSO (episódio de *Amore e Rabbia*) ■ 1968: PARTNER ■ 1969: A ESTRATÉGIA DA ARANHA (*La Strategia del Ragno*) ■ 1971: O CONFORMISTA (*Il Conformista*) ■ 1972: O ÚLTIMO TANGO EM PARIS* (*The Last Tango in Paris*) ■ 1976: 1900 (*Novecento*) ■ 1979: LA LUNA ■ 1981: A TRAGÉDIA DE UM HOMEM RIDÍCULO (*La Tragedia di un Uomo Ridicolo*) ■ 1987: O ÚLTIMO IMPERADOR* (*The Last Emperor*) ■ 1990: O CÉU QUE NOS PROTEGE (*The Sheltering Sky*)

LUIS BUÑUEL

Nasceu em 22 de fevereiro de 1900, em Calanda, Espanha. Faleceu em 29 de julho de 1983, na Cidade do México, México.

Curtas-metragens — 1928: UM CÃO ANDALUZ (*Un Chien Andalou*) ■ 1930: L'AGE D'OR ■ 1932: LAS HURDES (ou *Tierra Sin Pan*)
Médias-metragens — 1964: SIMÃO DO DESERTO (*Simon del Desierto*)
Longas-metragens — 1937: ESPAÑA LEAL EN ARMAS ■ 1947: GRAN CASSINO (*Gran Casino*) ■ 1949: EL GRAN CALAVERA ■ 1950: OS ESQUECIDOS* (*Los Olvidados*); SUSANA, MULHER DIABÓLICA (*Susana* ou *Demonio y Carne*) ■ 1951: LA HIJA DEL ENGAÑO; UMA MULHER SEM AMOR (*Una Mujer Sin Amor*); SUBIDA AL CIELO ■ 1952: O BRUTO (*El Bruto*) ■ 1953: ESCRAVOS DO RANCOR (*Abismos de Pasión*); O ALUCINADO (*El*); ROBINSON CRUSOE ■ 1954: LA ILUSIÓN VIAJA EN TRANVIA; EL RIO Y LA MUERTE ■ 1955: ENSAYO DE UN CRIMEN ■ 1956: CELA S'APPELLE L'AURORE (ou *Gli Amanti di Domani*); LA MORT EN CE JARDIN ■ 1958: NAZARIN* ■ 1959: OS AMBICIOSOS (*Los Ambiciosos* ou *La Fièvre Monte à El Pao*) ■ 1960: A ADOLESCENTE (*The Young One*) ■ 1961: VIRIDIANA* ■ 1962: O ANJO EXTERMINADOR* (*El Angel Exterminador*) ■ 1964: O DIÁRIO DE UMA CAMAREIRA (*Le Journal d'une Femme de Chambre*) ■ 1967: A BELA DA TARDE* (*Belle de Jour*) ■ 1969: O ESTRANHO CAMINHO DE SÃO TIAGO (*La Voie Lactée*) ■ 1970: TRISTANA, UMA PAIXÃO MÓRBIDA (*Tristana*) ■ 1972: O DISCRETO CHARME DA BURGUESIA (*Le Charme Discret de la Bourgeoisie*) ■ 1974: O FANTASMA DA LIBERDADE (*Le Fantôme de La Liberté*) ■ 1977: ESSE OBSCURO OBJETO DO DESEJO* (*Cet Oscur Objet du Désir*)

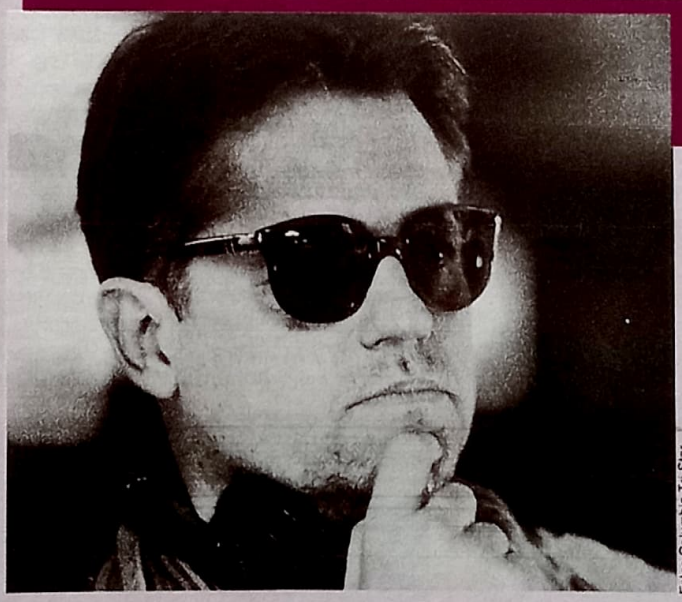
CARMEN MIRANDA

Maria do Carmo Miranda da Cunha nasceu em 9 de fevereiro de 1909, em Marco de Canavezes, Portugal. Faleceu em 5 de agosto de 1955, em Beverly Hills, Califórnia, EUA.

1933: A VOZ DO CARNAVAL (de Adhemar Gonzaga e Humberto Mauro ■ 1935: ALÔ, ALÔ, BRASIL! (de Wallace Downey, João de Barro e Alberto Ribeiro); ESTUDANTES (de Wallace Downey) ■ 1936: ALÔ, ALÔ, CARNAVAL! (de Adhemar Gonzaga) ■ 1938: BANANA DA TERRA (de João de Barro) ■ 1940: SERENATA TROPICAL (*Down Argentine Way*, de Irving Cummings) ■ 1941: UMA NOITE NO RIO (*That Night in Rio*, de Irving Cummings); ACONTECEU EM HAVANA (*Week-End in Havana*, de Walter Lang) ■ 1942: MINHA SECRETÁRIA BRASILEIRA (*Springtime in the Rockies*, de Irving Cummings) ■ 1943: ENTRE A LOURA E A MORENA (*The Gang's All Here*, de Busby Berkeley) ■ 1944: QUATRO MOÇAS NUM JIPE (*Four Jills in a Jeep*, de William A. Seiter); SERENATA BOÊMIA (*Greenwich Village*, de Walter Lang); ALEGRIA RAPAZES! (*Something for the Boys*, de Lewis Seiler) ■ 1946: SE EU FÔSSE FELIZ (*If I'm Lucky*, de Lewis Seiler) ■ 1947: COPACABANA (de Alfred E. Green) ■ 1948: O PRÍNCIPE ENCANTADO (*A Date with Judy*, de Richard Thorpe) ■ 1950: ROMANCE CARIOCA (*Nancy Goes to Rio*, de Robert Z. Leonard) ■ 1953: MORRENDO DE MEDO (*Scared Stiff*, de George Marshall)

JONATHAN DEMME

Nasceu em 1944, em Rockville Center, Nova York, EUA.



Fotos Columbia Tri-Star

Documentários — 1982: ACCUMULATION WITH TALKING PLUS WATER MOTOR (para a TV) ■ 1984: STOP MAKING SENSE* ■ 1987: SWIMMING TO CAMBODJA (para a TV) ■ 1977: MURDER IN ASPIC (episódio da série Columbo) ■ 1982: WHO AM I THIS TIME?; SURVIVING A FAMILY TREE (episódio da série Survival Guides)
Longas-metragens — 1974: CONFISSÕES ÍNTIMAS DE UM PRESÍDIO FEMININO / CELAS EM CHAMAS* (*Caged Heat*); LOUCURA DA MAMAE (*Crazy-Mama*) ■ 1976: PELOS MEUS DIREITOS (*Fighting Mad*) ■ 1977: CITIZEN'S BAND ou HANDLE WITH CARE ■ 1979: O ABRAÇO DA MORTE (*Last Embrace*) ■ 1980: MELVIN E HOWARD (*Melvin And Howard*) ■ 1983: SWING SHIFT ■ 1986: TOTALMENTE SELVAGEM* (*Something Wild*) ■ 1988: DE CASO COM A MÁFIA* (*Married to the Mob*) ■ 1991: O SILÊNCIO DOS INOCENTES (*The Silence of the Lambs*)

* Disponível em vídeo.

CARTAS

Moralismo de Hollywood Invade SET

É com profunda tristeza que constato a hipócrita e moralista visão americana em relação aos filmes ligados à sexualidade. Acho que o tesão é algo revolucionário, que transgride a pacata família burguesa americana, não assustada com a Guerra no Golfo Pérsico, mas inquieta com a nudez do corpo e da alma. Falo de coisas que eles não conhecem, como a liberdade, a criatividade e a ousadia. Entretanto, é com muito mais tristeza que percebo o quanto essa visão retrógrada influencia nossos jornalistas, que escrevem encantados com os efeitos especiais das produções americanas em detrimento de filmes fantásticos realizados no resto do mundo. Por seu lado, as capas de SET refletem isso de maneira gritante, chocando as pessoas que realmente se interessam por cinema. Espanta-me o quanto Hollywood invade SET, lançando ao estrelato bobagens passageiras de verão. O cinema é muito mais que Hollywood. Portanto, não me surpreende o escândalo que filmes como *Henry e June* causam nos censores da América. Ocorreria o contrário, se eles tivessem alguma resposta inteligente para esse filme. Concordo com o produtor Jonathan Taylor quando ele afirma que os europeus que freqüentam cinema são mais inteligentes que os americanos. Apesar de ter adorado o artigo de Carlos Volpato sobre o filme *Henry e June* (n.º 12, ano 4) — menos a chamada apelativa da capa —, peço à SET que não nos nivele à tão atrasada visão de mundo hollywoodiana.
Edmar José Carneiro
(Goiânia — GO)

Ao Sucesso com Kiefer

Achei excelente a reportagem sobre Kiefer Sutherland (n.º 1, ano 5). Mesmo que ele seja um "Astro por Osmose", não fica longe do sucesso.
Jadir Marcos Correia Silva
(Recife — PE)

Adorei a SET n.º 1 (ano 5) e espero que as próximas edições sejam tão boas quanto esta. A capa é belíssima e a matéria sobre Kiefer está ótima.
Marlon Vasconcelos
(Campina Grande — PB)

Nem sei como agradecer à SET pela maravilhosa Matéria de Capa com o ator Kiefer Sutherland (n.º 1, ano 5).
Tatiana Brasil
(Rio de Janeiro — RJ)

Incrível a edição de SET n.º 1 (ano 5), a partir da linda capa com Kiefer Sutherland até a completa e interessante Matéria de Capa.
Maria Cândida Verdiani
(Jundiaí — SP)

Fox
Sutherland

Julia Injustiçada

Uma das seções que prefiro de SET é a de Videolançamentos. Entretanto, não são raras as exceções em que fico decepcionada com as cotações dadas a certos filmes. Por exemplo, na edição n.º 1 (ano 5) *Três Mulheres, Três Amores* foi injustamente classificado como Regular, cotação também recebida pelo insosso *The Flash* na mesma edição. *Três Mulheres* pode não ser um excelente filme, sua história é pobre, mas o talento de Julia Roberts, sua inteligência e charme superam qualquer projeto de super-herói medíocre, o qual nem mesmo meus sobrinhos conseguiram assistir até o final.
Juceli Hack de Oliveira
(Campo Bom — RS)

Incongruência sobre Kurosawa

O filme *Sonhos de Akira Kurosawa*, quando de seu lançamento nos cinemas brasileiros, foi muito bem criticado e analisado por José Geraldo Couto (n.º 9, ano 4). Tenho certeza de que quem leu a crítica foi correndo ao cinema mais próximo para assistir a esse ótimo filme, com imagens delicadas, grandiosas e sublimes. Já na seção Videolançamentos da edição n.º 2 (ano 5), *Sonhos* recebeu a simples cotação Regular e ainda foi chamado de "brega demais". Se dependesse de Antonio Querino Neto, a fita mofaria nas locadoras. É por esses e outros deslizes que SET cai cada vez mais no conceito dos leitores.
Sandro Aurélio S. Brasileiro
(São Sebastião do Paraíso — MG)

Campeões sem Atenção

Creio que em plena reta final das indicações para o Oscar 1991, e com *Dança com Lobos* fazendo o maior sucesso nos Estados Unidos, foi uma idéia muito infeliz fazer uma Matéria de Capa com Kiefer Sutherland (n.º 1, ano 5). E este não é um caso isolado. O fato de *Coração Selvagem* e *Henry e June* terem muito mais importância e contribuição artística de que *Ghost* e *Esqueceram de Mim* é tão óbvia que dispensa argumentos. Mas isso não justifica o pouco espaço e atenção que estes dois filmes receberam de SET (n.º 10, ano 4, e n.º 1, ano 5, respectivamente). Para nós, leitores, seria interessante que houvesse matérias mais longas sobre campeões de bilheteria, incluindo entrevistas com os atores e diretores, inclusive mostrando os bastidores das filmagens.
Fárlley Rodrigues
(São Paulo — SP)

Culkin
Fox

Bem-vindos Sejam os Takes Nacionais

Parabenizo SET e Helena Salem pela iniciativa de reservar um espaço para as novidades do cinema nacional na seção Takes (n.º 1, ano 5). Só espero que continue nas próximas edições.
Márcio F. de Souza
(Ubaporanga — MG)

Ensaio Sensato e Competente

Achei o máximo o ensaio "Virilidade de Batom" (n.º 1, ano 5), pois dá abertura para filmes do gênero e prova que a mentalidade humana está mudando.
Rogério Sthefano
(Natal — RN)

Parabenizo Dilson Gomes pelo inteligente ensaio "Virilidade de Batom", cuja temática foi tratada com sensatez e competência.
Alan Candeias Albuquerque
(Belo Horizonte — MG)

O Vestido de Liz e Gina

Interessante e sugestiva a observação feita pelo leitor Antonio Carlos Mendes Geraldo (página 66, n.º 1, ano 5) sobre a estatura de Liz Taylor. Quero lembrar que

A Difícil e Árdua Escolha dos Melhores de 1990

Na qualidade de leitor de SET, gostaria de saber por que dentre os quesitos oferecidos na votação não foram incluídos Melhor Trilha Sonora, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Filme Erótico e Efeitos Especiais. Acredito que estes itens mereciam a apreciação do leitor.
Regina Célia Corrêa
(São Paulo — SP)

Votar nos "Melhores de 1990" (n.º 1, ano 5) foi um prazer e, ao mesmo tempo, uma tortura. Afinal, como é possível escolher apenas um entre os ótimos lançamentos indicados nas categorias Western, Arte, Comédia e Clássicos? Além, é claro, dos lançamentos nos cinemas. Acho que os filmes *Os Bons Companheiros, Henry e June, Coração Selvagem* e *Ata-me!* deveriam ser incluídos numa próxima lista de melhores, já que ainda não estão em exibição fora do eixo Rio-São Paulo. A divisão da votação por gênero facilitou a escolha, mas deixou algumas dúvidas: por exemplo, *Elvis É Assim* é um documentário (como publicado na edição n.º 6, ano 4) ou um musical? De qualquer forma, foi ótimo poder escolher os melhores de 1990.
Sandra Soares Barros
(Recife — PE)

Warner
Julia

em um momento inusitado de sua vida, Liz se apresentou num festival de cinema em Moscou com um vestido de igual modelo ao de Gina Lollobrigida. Gostaria de me corresponder com o sr. Antonio Carlos. Endereço: rua 7 de Setembro, 297, Recife — PE (CEP 50050)
José Renivaldo Rufino

Progressivamente Melhor

Leio SET do início ao fim atenciosamente e, ao contrário do que afirmam muitos leitores, a qualidade das informações tem melhorado progressivamente.
Anderson A. Ricon
(Rio de Janeiro — RJ)

Pela Volta dos Cineastas Europeus

Irrita-me constatar que SET se preocupa muito mais com o cinema americano do que com o cinema feito no resto do mundo. Concordo que não se questiona a genialidade de alguns cineastas americanos, mas de que adianta lembrar de Fritz Lang, Federico Fellini, Carlos Saura, entre outros, apenas quando ganham um prêmio por determinado filme ou quando são alvo de retrospectivas em salas alternativas, com sessões únicas e horário ridículo? Nesse sentido, gostaria que SET nos ajudasse a impor uma melhor recepção destes cineastas e suas respectivas obras junto aos exibidores do circuito comercial.
Patrícia Soares Costa
(São Paulo — SP)

Fellini
Anea

Correio entre os Leitores

Compro qualquer revista, foto, pôster ou artigo referente ao ator Michael Biehn. Endereço: rua Topázio, n.º 501, ap. 12, São Paulo — SP (CEP 04105)
Sheila Denise Maurer

Troco correspondência com fãs do diretor e produtor Steven Spielberg. Endereço: rua Berlandy, n.º 62, Recife — PE (CEP 50741)
Roberta Cristina Falcão

Troco ou compro material referente aos atores Kiefer Sutherland, Grant Show e Andy Garcia. Endereço: rua Dom Manuel de Andrade, n.º 147, São Paulo — SP (CEP 04134)
Claúdia T. Stravino

Garcia
Warner

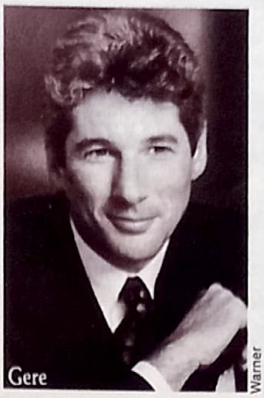
Vendo pôster de *Evil Dead II*, *Show de Horrores II*, *A Mosca* e *Dirty Harry na Lista Negra*. Endereço: rua Rio de Janeiro, n.º 272, Cubatão — SP (CEP 11500)
André Luiz de S. Lima

Troco correspondência e compro matérias de fãs de Kevin Costner. Endereço: rua Mazzini, n.º 330, ap. 102, São Paulo — SP (CEP 01528)
Erika Verzutti

Troco fichas de cine e vídeo de SET. Endereço: Caixa Postal 347, São Paulo — SP (CEP 01059)
Norton A. Coll

Vendo exemplares de SET da edição n.º 1 a 35 (n.º 5, ano 4). Endereço: rua Agueda Gonçalves, n.º 240, Taboão da Serra — SP (CEP 06750)
Davi Braz da Silva

Vendo fotos de Julia Roberts e Richard Gere. Endereço: rua Bolívar, n.º 79, ap. 502, Rio de Janeiro — RJ (CEP 22061)
Marcos Antônio de Souza


Gere
Warner

Faço gravação de várias trilhas sonoras. Endereço: rua Monsenhor Manoel Vicente, n.º 175, ap. 29-B, Curitiba — PR (CEP 80310)
Marcelo Souza

Compro as edições de SET n.ºs 5 e 6, ano 1, com as respectivas fichas de cine e vídeo. Endereço: rua Lourenço Dias, n.º 85, Araras — SP (CEP 13600)
Marcelo Celoto

Troco cartazes de *Nunca Mais Outra Vez*, *Gremlins 2*, *Roger Rabbit* por outros da série *Sexta-feira 13*, *Rocky* ou *Superman*. Endereço: rua Gregório G. de Oliveira, n.º 26, Curitiba — PR (CEP 81500)
Marco Antonio

Troco fichas de cine e vídeo de SET. Endereço: rua Prefeito João Afonso Rezende, n.º 46, Urutaí — GO (CEP 75790)
Lucrécia L. Vasconcelos

Tenho mais de 100 fitas de vídeo com filmes de sucesso para troca ou venda. Endereço: rua Jogo da Bola, n.º 89, Rio de Janeiro — RJ (CEP 20081)
Jota Campos Jr.

Tenho vasto acervo com gravações de filmes clássicos, séries de televisão, westerns para venda. Endereço: rua Quinze de Novembro, n.º 13, Surubim — PE (CEP 55750)
Antônio G. de Lima

Desejo me corresponder com leitores para compra de revistas antigas. Endereço: Estrada do Bartolomeu, 72, Recife — PE (CEP 52080)
José Francisco de Moura

Vendo vasto material sobre Arnold Schwarzenegger. Endereço: QNL 07, bloco C, ap. 112, Taguatinga Norte, Brasília — DF (CEP 72000)
Keila M. Medeiros

Compro qualquer material do filme *9 1/2 Semanas de Amor* e a gravação da música-tema "Slave of the Love". Endereço: Caixa Postal 98, Mauá — SP (CEP 09301)
Ailton Guillarducci

Vendemos ou trocamos material sobre filmes nacionais e estrangeiros. Endereço: Caixa Postal 2667, Belo Horizonte — MG (CEP 30161)
Instituto Humberto Mauro

Compro todo e qualquer material referente ao filme *Amor, Estranho Amor*. Endereço: rua das Palmeiras, n.º 32, ap. 503, Rio de Janeiro — RJ (CEP 22270)
Cristina Pedrosa

Sou fã de John Williams e compro as trilhas sonoras da trilogia *Guerra nas Estrelas* e da série *Superman*. Endereço: Caixa Postal 620, Joinville — SC (CEP 89200)
Jarbas Elias Abdala

Compro qualquer material sobre Marilyn Monroe. Endereço: rua Alfredo Pinheiro, n.º 136, São Paulo — SP (CEP 05325)
Ana Paula

Quero entrar em contato com algum fã-clube de James Dean. Endereço: rua Dinamarca, n.º 351, Cambé — PR (CEP 86180)
Fábio Felício

Compro o pôster de *O Substituto*. Endereço: avenida Coronel Estevam, n.º 1398, Natal — RN (CEP 59035)
Italmires Oliveira

Compro qualquer material de Michael J. Fox. Endereço: rua Mococa, n.º 282, Nova Iguaçu — RJ (CEP 26285)
Aline Paes Landin

Vendo reportagens e posters de *A História Sem Fim*, Sylvester Stallone, Michael J. Fox, Corey Haim, James Dean, River Phoenix, Patrick Swayze e Johnny Depp. Endereço: Caixa Postal 4216, Fortaleza — CE (CEP 60121)
Eila de Vasconcelos Guedes

Compro posters e trilhas de *Conspiração Tequila*, *Perigosamente Juntos* e *Highlander*. Endereço: rua Bela Vista, n.º 1385, Dourados — MS (CEP 79800)
Aline Fernanda Simões

Vendo coleção completa de SET, sendo os dos primeiros anos caprichosamente encadernados, ao preço de Cr$ 22 000,00. Endereço: rua Haroldo Torres, n.º 99, Fortaleza — CE (CEP 60320)
José Diniz F. de Lima

Troco correspondência com fã-náticos da atriz Barbra Streisand. Endereço: rua dos Ingleses, n.º 600, 16.º andar, São Paulo — SP (CEP 01329)
Thander Easton

Barbra
Warner

Fãs-clubes

Fã-clube Madonna Is Alive. Endereço: rua Paissandu, n.º 298, COB, Rio de Janeiro — RJ (CEP 22210)

Clube Cinemateca. Endereço: rua Dr. Sebastião Leme, n.º 699, ap. 202, Fortaleza — CE (CEP 60050)
Leonardo A. P. Guimarães

Cartas para: *Editor de SET, av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479, São Paulo — SP*. Todas as cartas serão respondidas pelo Correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

Diretor de Marketing: Romeu Andreatta Filho

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editor: Carlos Volpato
Editor Executivo: Dilson Pedro Gomes
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
Coordenação de Produção: Marcelo de Castro
Atendimento ao Leitor: Ana Lucia Romanin
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Diagramador: Izaú Norbertino
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves
Colaboradores: Críticos - Alex Antunes, Antonio Querino Neto, José Geraldo Couto, Luiz Nazário, Paulo Capuzzo. **Texto** - Christian Petermann, David França Mendes, Fátima Gigliotti, Isabella Rocha e Silva, Jorge Souza, Marcelo Bernardes, Paulo Masella, Ricardo Cota, Wagner Almeida Silva. **Arte** - Jair Farias, Marco Antonio Pizzirani. **Fotografia** - Carlos Mancini, Rui Mendes. **Ilustração** - J. Tomás. **Revisão e Preparação de Textos** - Marcos Antonio Gimenes

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
Diretor: Eduardo Rosa
Supervisora: Rosangela Cassilio
Contatos: Ana Maria S. T. Lobo, José Estevão Favaro, Márcia Leticia L. L. Amaral
Diretor - RJ: Jairo Carneiro
Contato: Romualdo Ayres Costa
Produção Gráfica - Supervisora: Nancy Szima
Coordenador: José Soares A. Santos

Serviços Editoriais
Azul Press - Gerente: Benjamin Sérgio Gonçalves
Abril Press - Gerente: Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles)
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Gerente de Planejamento e Controle: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: André Felipe D'Amato
Assistente: Patrícia Grancini

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Carlos Alberto Araújo, Pedro Frazão, Romeu Andreatta Filho e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479, tel.: (011) 211-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389, Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Circulação desta revista: de 11 de abril a 9 de maio.
Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

ANER IVC

Fotolito: Repro S.A. Estúdio Gráfico
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Azul - Depto. de Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, telefone das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255

Brasília - Tel. (061) 321-8855

Curitiba - Tel. (041) 252-5566

Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598

Fortaleza - Tel. (085) 244-1566

Londrina - Tel. (0432) 22-6049

Porto Alegre - Tel. (0512) 33-9034

Recife - Tel. (081) 424-1655

Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544

Salvador - Tel. (071) 371-5577

São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Em caso de mudança de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Coloque-o num envelope e envie-o para:

Editora Azul
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769, Lapa.
CEP 05065, São Paulo, SP.

EDITORA AZUL

Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 semanas após recebermos o seu pedido.

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO:

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____ CEP _____

Bairro _____ Estado _____ Tel. _____

Cidade _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

SET-46

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479. TEL.: (011) 211-7866. Telegramas: Editabril/Abrilpress

Rio de Janeiro
Rua da Passagem, 123, 8.º andar CEP 22290. Fone: (021) 546-8282, RJ. Telex 2122674 EDAB BR

Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077. Phone: (213)474-7851

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex (00) 237670. FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex (0042) 660731 ABRILPA. FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICIDADE

SP2: Intermídia LTDA.: av. Presidente Vargas, 1033, Ribeirão Preto, SP, CEP 14020. Fone: (016) 623-4262/623-4291

Belo Horizonte: M.A.M. Public. e Repres. Ltda. Toda Mídia, rua Timbiras, 1560, conj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594

Região Sul: Print Sul - rua Barão do Triunfo, 720/801, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - SC; (041) 252-4333 e 252-6794 FAX, Curitiba PR

Norte/Nordeste: Toda-Mídia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

Casa Claudia
A revista para morar melhor.

Casa Claudia traz, mensalmente, muitas idéias em decoração para você dar personalidade a uma casa, mudar toda a aparência de um apartamento, explorar a beleza de inúmeros detalhes e aproveitar melhor seu espaço. Em fotos lindíssimas. **Casa Claudia** apresenta as últimas novidades em móveis, objetos, eletrodomésticos e dá dicas de arquitetura, jardinagem e muito mais.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.
Código 906
1 pagamento de Cr$ 7.200,00
ou 3 pagamentos de Cr$ 3.420,00

Arquitetura & Construção
A revista para construir ou reformar sua casa.

Arquitetura & Construção apresenta, todos os meses, informações atuais e dados precisos para que você realize seu sonho de construir ou de reformar com segurança e bom gosto.
Ricamente ilustrada com fotos coloridas e plantas detalhadas nos mais variados estilos **A&C** traz idéias, dicas e sugestões para você planejar sua obra, desde a elaboração do projeto até a escolha de materiais de acabamento e soluções de iluminação.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.
Código 910
1 pagamento de Cr$ 7.200,00
ou 3 pagamentos de Cr$ 3.420,00

A EDITORA ABRIL LEVA À SUA CASA TODAS AS EDIÇÕES DA REVISTA QUE VOCÊ ESCOLHER. ASSINE JÁ.

Manequim
A revista do fazer por lazer.

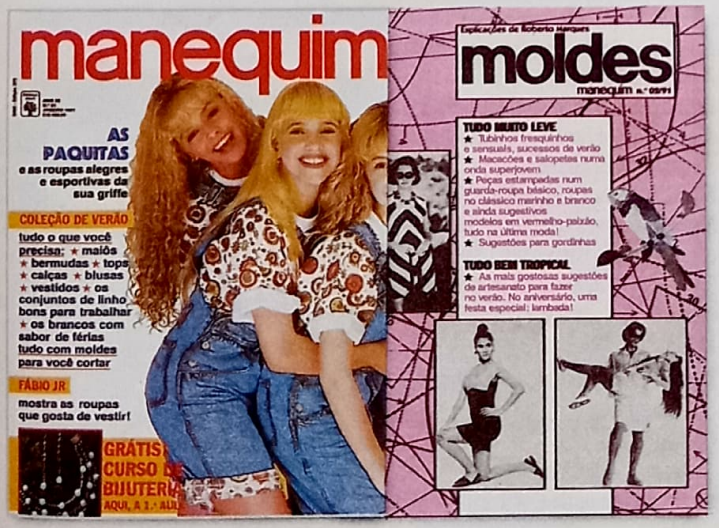
Manequim é a revista da mulher muito especial. Participante, moderna, de bem com a vida.
Manequim traz a moda que melhor se adapta a você: elegante, perfeita para todas as ocasiões, todas as idades e estilos. É a moda bonita e fácil de ser copiada.
Traz também mil idéias para você usar a sua criatividade, fazer pratos deliciosos, cuidar da sua beleza e tudo o mais que possa ser útil a você, sua casa e sua família.
Exclusivo: o suplemento **Moldes Manequim**, para você vestir a família com elegância.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.
Código 908
1 pagamento de Cr$ 6.600,00
ou 3 pagamentos de Cr$ 3.130,00

Máxima
Uma revista para sempre.

Máxima é uma revista prática e gostosa de ler. Em **Máxima** a cozinha é descomplicada. Até os pratos mais simples ficam com cara de festa. Em matéria de moda, beleza, comportamento e decoração, as sugestões são incríveis e simplificam sua vida.
Máxima traz ainda páginas destacáveis para você selecionar e guardar em fichário.
Todos os meses você recebe, também, o suplemento **Máxima em Destaque**, que conta os bastidores da TV e do cinema, apresenta entrevistas com gente famosa e classificados para toda a família.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.
Código 922
1 pagamento de Cr$ 6.240,00
ou 3 pagamentos de Cr$ 2.960,00



Set

A sua revista de cinema e vídeo.

Todos os meses **Set** traz os grandes lançamentos do cinema e do vídeo. Faz uma ampla cobertura dos filmes em cartaz e traz entrevistas exclusivas com os diretores, atores e atrizes que você curte.

Set cobre o Festival de Cannes, o de Veneza, a entrega do Oscar etc. Você encontra também uma seleção de vídeos por gênero, com informações sobre os novos lançamentos.

Todos os meses você recebe, também 8 fichas de cine e vídeo para você destacar e colecionar.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

Código 953

1 pagamento de Cr$ 6.000,00
ou 3 pagamentos de Cr$ 2.850,00

Bizz

O rock viaja de Bizz.

Conexão imediata com o universo do rock. Você no centro de tudo. Notícias quentes dos ídolos e das bandas. Reportagens e coberturas fotográficas dos grandes shows. Entrevistas exclusivas. Lançamentos em discos, fitas e CDs. Críticas, indicações, informações.

Bizz vai a qualquer lugar do mundo onde aconteça o novo e o emergente. E leva tudo pra você.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

Código 951

1 pagamento de Cr$ 4.800,00
ou 3 pagamentos de Cr$ 2.280,00

CHEGOU A HORA GOSTOSA DE ESCOLHER E ASSINAR. NÃO DEIXE ESCAPAR ESTA OPORTUNIDADE.

Boa Forma

A revista que mexe com você.

Em **Boa Forma** você descobre o que a atividade física pode fazer por sua saúde, beleza e bem-estar. Todos os meses você tem: programas de exercícios e práticas esportivas, com a consultoria de médicos e especialistas. Os melhores SPAS, academias, clubes e centros esportivos. O perfil e as dicas de gente famosa que vive em boa forma. Nutrição e dietas. Novidades em artigos esportivos. Guia do Atleta e muito mais.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

Código 954

1 pagamento de Cr$ 6.480,00
ou 3 pagamentos de Cr$ 3.080,00

Fluir

*Surf é **Fluir**.*

Receba **Fluir** e drope em alto estilo nos maiores points do surf. **Fluir** traz tudo o que acontece no surf. Entrevistas, viagens, música, ecologia. A cobertura dos campeonatos do Havaí a Itamambuca, escolhida pela Association of Surfing Professionals como a melhor do mundo.

Mais o encarte **Competições & Mercado**, com as melhores dicas de compra, venda e troca nos Classurficados e os resultados dos principais eventos. Não perca seu lugar no pico. Sua onda é **Fluir**.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

Código 952

1 pagamento de Cr$ 6.840,00
ou 3 pagamentos de Cr$ 3.250,00

Saúde

A receita de uma vida melhor.

Através de um corpo de especialistas, **Saúde** orienta você a conhecer melhor o seu organismo, prevenir-se de possíveis males, conservar o corpo e manter-se saudável, vivendo com muito mais disposição e vitalidade. Mensalmente, com uma linguagem objetiva, didática e gostosa de ler, **Saúde** aborda temas como a alimentação mais equilibrada, os exercícios mais adequados, atualidades médicas, alopatia, homeopatia.

Periodicidade mensal. 12 exemplares por ano.

Código 950

1 pagamento de Cr$ 3.720,00
ou 3 pagamentos de Cr$ 1.770,00

ENVIE SEU CUPOM HOJE MESMO!

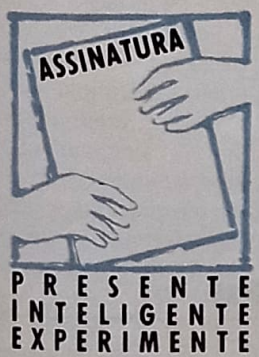
Ou, se preferir, assine pelo telefone:

(011) 823-9100

Linha exclusiva para venda de novas assinaturas.

De segunda a sexta, das 8 às 22 horas: 14 horas à sua disposição.

Se você tem uma ou mais assinaturas e deseja algum esclarecimento sobre elas, ligue para (011) 823-9222, que é sua linha direta com o Serviço ao Assinante: de segunda a sexta, das 8 às 18 horas.



PRESENTE INTELIGENTE EXPERIMENTE

Assine uma revista da Abril em nome de quem você gosta. Vai ser um presente e tanto. Periodicamente, quando a revista chegar, você será lembrado como bem merece: com muita alegria e carinho.

recorte aqui

CUPOM DE ASSINATURA

Revista	Código	Nº de pagtos.	Valor de cada pagto.

Se preferir, autorize o débito do valor total (1 pagamento) em seu cartão de crédito.

Nome do cartão _____ mês ano

Nº _____ Validade ___/___

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

Importante
Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|
Se você já é assinante da Abril, preencha com o número que está na etiqueta da sua revista.

Tel. _____

Data ___/___/___

Assinatura _____

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!

Oferta válida por tempo limitado.

ECAC

Impr. Edit. Abril S.A.

Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 4 a 6 semanas, você começará a receber seus exemplares.

CUPOM DE ASSINATURA PRESENTE

Revista	Código	Nº de pagtos.	Valor de cada pagto.

Se preferir, autorize o débito do valor total (1 pagamento) em seu cartão de crédito.

Nome do cartão _____ mês ano

Nº _____ Validade ___/___

Coloque aqui os dados da pessoa presenteada.

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

Coloque aqui os seus dados.

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

Importante
Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|
Se você já é assinante da Abril, preencha com o número que está na etiqueta da sua revista.

Tel. _____

Data ___/___/___

Assinatura _____

Oferta válida por tempo limitado.

ECAD

Impr. Edit. Abril S.A.

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!

Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 4 a 6 semanas, a pessoa presenteada começará a receber seus exemplares.

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO-RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR.

O selo será pago por:
EDITORA ABRIL S.A.

05999 - São Paulo - SP

VOCÊ TEM, PELO MENOS, 7 RAZÕES PARA ASSINAR SUA REVISTA PREFERIDA.

1. Você recebe sua revista em casa, com todo conforto, sem precisar se preocupar em comprá-la a cada lançamento.

2. Você não perde nenhuma edição. Mesmo que a revista se esgote, seu exemplar de assinante está reservado com exclusividade.

3. Você tem garantia de preço por 1 ano. O preço dos exemplares avulsos pode aumentar mas você não paga nada a mais por isso. O preço da assinatura é o que está anotado aqui e vale por um ano inteirinho, desde que você faça sua assinatura agora.

4. Você pode parcelar seu pagamento, se preferir. Sua assinatura é também facilidade de pagamento.

5. Você utiliza seu cartão de crédito se quiser.

6. Você não paga nada agora. É só enviar o cupom ou telefonar. Só depois você receberá instruções para pagamento.

7. Você pode interromper sua assinatura quando bem entender, sem precisar dar qualquer explicação. Basta avisar-nos e será reembolsado do valor das edições que ainda não tiverem sido entregues.

A assinatura é a maneira mais prática, moderna e econômica de receber sua revista preferida. Aproveite e faça sua assinatura hoje mesmo.

Editora Abril
Assinaturas

Veja.
A revista mais lida e comentada do país.
Tudo o que acontece de importante no Brasil e no mundo está em **Veja**. Para analisar e comentar cada acontecimento, **Veja** conta com o talento dos melhores jornalistas brasileiros. Por isso, cada edição é um documento da maior credibilidade. **Veja** interpreta o significado dos fatos e mostra os reflexos que eles têm no seu dia-a-dia.
Periodicidade semanal. 52 exemplares por ano.
Código 901
1 pagamento de Cr$ 24.960,00
ou 3 pagamentos sem juros
de Cr$ 8.320,00

CERTIFICADO DE GARANTIA
Sua satisfação é a sua garantia. A qualquer momento, por qualquer motivo, você pode interromper sua assinatura sem precisar dar qualquer explicação. Mediante solicitação, você será reembolsado no valor dos exemplares que ainda não tiverem sido entregues.

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO-RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR.

O selo será pago por:
EDITORA ABRIL S.A.

05999 - São Paulo - SP

por Jorge de Souza

SOB FOGO CERRADO

(Under Fire, 1983)

Já vejo até o título: *Tempestade no Deserto*, é claro. No enredo, o ataque aliado às tropas iraquianas que invadiram o Kwait. Na direção, um norte-americano. No papel principal, um jornalista de televisão, correspondente de guerra. E, na platéia, pelo menos um espectador: eu.

Não importa que o caldeirão do Oriente Médio ainda esteja quente, que nenhuma companhia cinematográfica tenha anunciado nada a respeito de possíveis filmagens sobre o assunto, e que a idéia da tal fita no momento não passe disso mesmo: uma idéia. Eu já estou esperando o filme, chocolates e pacotes de bala à mão. E sabe por quê? Porque odeio guerras mas gosto de fatos. Ou seja, curto qualquer filme que ali, no pezinho do cartaz ou no verso da capa, traga aquelas quatro palavras, para mim, mágicas: "Baseado em fatos reais". Pronto: já estou assistindo, seja lá do que for — até mesmo, de guerra.

Melhor que isso, só se o enredo girar em torno de um repórter e o seu dia a dia em busca da essência da profissão: a notícia. Aí já é demais. Sou capaz de dar plantão na locadora à espera da fita ou até mesmo de intimar o maldito cliente a devolvê-la logo — como, aliás, fiz certa vez com o então recém-lançado *Sob Fogo Cerrado** (*Under Fire*, no original). Jamais me arrependi da grosseria. A ousadia do intrépido fotógrafo Russel (na tela representado pelo ator Nick Nolte), em plena guerrilha nicaragüense, valeu a minha falta de educação.

Vá lá que o filme não deixe muito claro se tudo aquilo realmente aconteceu ou se boa parte saiu apenas da cabeça do diretor Roger Spottiswoode — ainda que o brutal assassinato do repórter da TV americana Bill Stewart (na tela rebatizado Alex Grazier e representado por Gene Hackman), pelas tropas do governo tenha, de fato, ocorrido e sido documentado (na época, 1979, foi inclusive notícia mundial). Também tudo bem se, sob a ótica jornalística, o filme deixe a desejar na tão falada (e quase nunca aplicada) imparcialidade. Pelo contrário, *Sob Fogo Cerrado* é claramente simpático à causa guerrilheira e faz questão de retratar o ex-ditador nicaragüense Anastasio Somoza como uma espécie de reencarnação do diabo na Terra — ou algo pior do que isso. Mesmo assim, vibrei, porque, apesar de tudo, aparecem na tela relâmpagos do bom e velho jornalismo — aquele que visa apenas e exclusivamente à notícia.

Nem mesmo a descambada geral e final dos personagens/repórteres para o lado da guerrilha arruína a essência. No máximo, chamusca a honra da imprensa que, afinal das contas, nunca foi mesmo tão imaculada assim. Ficaram, no entanto, diálogos memoráveis. Como o corretíssimo (tão correto que bem poderia ilustrar qualquer manual de jornalismo) "só tiro fotos", do tal Russel, ao ser questionado sobre de que lado estava no conflito. Ou ainda, o "não posso", do mesmo fotógrafo, ao se recusar a registrar como vivo um líder já morto. Quase bati palmas. Só não o fiz porque, na hora, o senso de ridículo e um saco de pipoca impediram.

Era apenas um filme? Era. Mas, e daí? Que diferença isso faz quando mexe com você? Ou — melhor ainda — quando se sabe que existem mesmo profissionais assim? Quem teve a recente oportunidade de ouvir os relatos dos repórteres da CNN sobre o bombardeio do Iraque — ao vivo, debaixo da mesa de um hotel em Bagdá para as TVs do mundo inteiro — sabe do que estou falando. Agora só resta esperar pelo lançamento de *Tempestade no Deserto*. Lugar na sala eu até já reservei.

Jorge de Souza é jornalista e diretor de redação da revista *Fluir*.

O líder guerrilheiro, morto, fotografado "vivo". Imparcialidade jornalística?

Liaison Gamma-Sigla

*Disponível em vídeo

AGORA QUE VOCÊ ACABOU DE SABER TUDO SOBRE TODAS AS NOVIDADES EM VÍDEO, ANOTE NO CUPOM ABAIXO OS FILMES QUE VOCÊ QUER VER E SOLICITE À SUA VIDEOLOCADORA.

Anote aqui os filmes que você quer alugar até a próxima edição.

SET CINEMA & VÍDEO

O MAIS CONTROVERTIDO FILME DA HISTÓRIA!

MALCOLM McDOWELL

É...

CALÍGULA

PELA PRIMEIRA VEZ, EM VIDEO

ESTRELANDO

TERESA ANN SAVOY
HELEN MIRREN
E
PETER O'TOOLE

COM

JOHN STEINER, GUIDO MANNARI
PAOLO BONACELLI
LEOPOLDO TRIESTE
GIANCARLO BADESSI
E
MIRELLA DANGELO

APRESENTANDO ADRIANA ASTI E JOHN GIELGUD COMO NERVA

UMA VERSÃO COMPLETA,
INÉDITA E SEM CENSURA

PENTHOUSE FILMS

EUROPA HOME VIDEO

PENTHOUSE FILMS

O LADO SELVAGEM DO PRAZER

ON THE WILD SIDE

MADONNA
TODA NUA PRÁ VOCÊ

CALÍGULA
POR TRÁS DAS CÂMERAS

NOSSAS BELEZAS
MAIS SENSUAIS

PRODUTORA VIVIAN R. MOSS
PRODUTOR EXECUTIVO BOB GUCCIONE

PENTHOUSE FILMS

EUROPA HOME VIDEO

SEM-46

Sim, desejo receber _____ fita(s) conforme abaixo anotado, no valor de Cr$ _____ ,00. Para tanto, em anexo estou enviando cheque nº _____ do Banco _____ agência _____

Nome _____

Endereço _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

CIC _____ Telefone _____ Data _____

ANOTE AQUI SEU PEDIDO _____ Assinatura

CALÍGULA _____ **FITA(S)**

O LADO SELVAGEM DO PRAZER _____ **FITA(S)**

TOTAL _____ **FITA(S)**

E isso pode ser tudo seu. Veja só, é muito fácil!

Basta preencher o cupom ao lado, juntar um cheque nominal no valor de sua compra e enviar para: **EUROPA VIDEO LTDA. RUA AMERICO SAMARONE, 150 - IPIRANGA - CEP 04284 - SÃO PAULO SP.**

Assim que nós recebermos seu pedido imediatamente lhe enviaremos seus filmes, e desde já, MUITO OBRIGADO.

PREÇO ESPECIAL DE LANÇAMENTO:

CADA FITA Cr$ 9.936,00

- **OFERTA POR TEMPO LIMITADO.**
- **FRETE POR CONTA DO COMPRADOR.**
- **PARA COMPRAS DE DUAS (2) OU MAIS FITAS, O FRETE É GRATUITO.**

R351

INVISTA EM VÍDEO

Quem é a maior rede de locadoras de São Paulo, também é a melhor. É por isso que a Real Vídeo não pára de inovar; depois de inaugurar o sistema de atendimento 24 horas, a Real acaba de lançar o cheque Real Vídeo.

O cheque Real Vídeo é o primeiro cupom vale-locação que oferece uma série de vantagens e comodidades aos clientes Real: Você compra um talão com 20 cheques vale-locação e paga apenas 15, garante o dinheiro e o preço de sua locação contra a inflação e pacotes futuros, além de ter acesso ao maior acervo de filmes da cidade, em qualquer dia da semana.

Com tudo isso, você não precisa ser nenhum especialista em mercado financeiro para aproveitar essa ótima oportunidade. Corra para a sua Real Vídeo mais próxima, garanta seu lazer... e invista em vídeo!

Real VÍDEO

* Filmes e Games ** Só Games

* Av. Paes de Barros, 2959
Fone: 914-7121 - Mooca

R. da Mooca, 2866
Fone: 292-7759 - Mooca

R. Barão de Tatuí, 317
Fone: 67-1714 - Sta. Cecília

* R. Cons. Moreira de Barros, 207
Fone: 950-5379 - Santana

* R. Leopoldo C. M. Jr., 681
Fone: 820-8778 - Itaim

* Av. D. Pedro II, 1195
Fone: 440-4724 - Sto. André

** R. Baronesa de Itú, 96
Fone: 825-7264 - Sta. Cecília

R. Cons. Brotero, 1057
Fone: 67-6776 - Pacaembú

* Calçada das Hortências, 71
Fone: 421-4874 - Alphaville

R. Vieira de Moraes, 362
Fone: 543-9423 - C. Belo

R. Emília Marengo, 731
Fone: 293-5628 - Tatuapé

R. Paulo Faccini, 72
Fone: 209-8137 - Guarulhos

R. Elias Acras, 46
Fone: 209-8137 - Guarulhos

** R. Bartira, 505
Fone: 263-7210 - Perdizes

* Av. Alberto Andalô, 3333
Fone: (0172) 33-4300 - S.J. R. Preto

Av. Bady Bassit, 3261
Fone: (0172) 32-1587 - S.J. R. Preto

** R. Barão do Triunfo, 1320
Fone: 543-9423 - C. Belo

* Av. Moaci, 292
Fone: 543-0853 - Ibirapuera